

Giovana de Souza Filéti

**INICIATIVAS DE AÇÃO SOCIAL DE COOPERATIVAS À LUZ  
DA INOVAÇÃO SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Gertrudes Aparecida Dandolini, Dr<sup>ª</sup>.

Coorientador: Prof. Roberto Carlos dos Santos Pacheco, Dr.

Tutora: Márcia Aparecida Prim, Ma.

Florianópolis  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária  
da UFSC.

Filéti, Giovana de Souza

**Iniciativas de Ação Social de Cooperativas à Luz da Inovação Social** / Giovana de Souza Filéti, orientadora: Dra. Gertrudes Aparecida Dandolini; coorientador: Dr. Roberto dos Santos Pacheco, Florianópolis, SC. 2019. 178p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Palavras Chave: 1. Inovação Social. 2. Cooperativas. 3. Iniciativas sociais. 4. Impacto Social. 5. AMESC.

Giovana de Souza Filéti

## **INICIATIVAS DE AÇÃO SOCIAL DE COOPERATIVAS À LUZ DA INOVAÇÃO SOCIAL**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 18 de fevereiro de 2019.

---

Prof<sup>a</sup>. Gertrudes Aparecida Dandolini, Dr<sup>a</sup>.  
Coordenadora do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup>. Gertrudes Aparecida Dandolini, Dr<sup>a</sup>.  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Édis Mafra Lapolli, Dr<sup>a</sup>.  
Universidade Federal de Santa Catarina.

---

João Bosco da Mota Alves, PhD.  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Aline França de Abreu, Dr<sup>a</sup>.  
Universidade Federal de Sergipe



*“Não vos amoldeis às estruturas deste mundo, mas transformai-vos pela renovação da mente, a fim de distinguir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que Lhe é agradável, o que é perfeito.”*  
(Bíblia Sagrada, Romanos 12, 2)

*Sei o que devo ser e ainda não sou, mas rendo graças a Deus por estar trabalhando, embora lentamente, por dentro de mim próprio, para chegar, um dia, a ser o que devo ser.”*  
(Chico Xavier)



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela vida, pela família, saúde, força e foco.

À Aline e ao Ricardo, meus filhos, inspiradores pela busca de um mundo melhor. Da mesma forma que me orgulho de vocês, espero poder despertar um pouco desse sentimento quando eu finalizar essa etapa. Amo vocês incondicionalmente.

Aos meus pais, Ademir e Terezinha, por sempre apoiarem os meus projetos e me estimularem nos estudos, sempre confiantes, dedicados e orgulhosos. Obrigada pelas orações, obrigada por tudo, eternamente!

Ao meu irmão, Gian, meus sobrinhos, Davi e Sarah, e aos familiares e amigos mais próximos, que sempre torceram por mim.

A minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dra. Gertrudes Aparecida Dandolini, pela competência, experiência e o aprendizado proporcionado com as orientações, mas, sobretudo, pelo incentivo nas dificuldades, que fizeram e fazem toda a diferença em um processo como esse. Obrigada pela parceria e amizade e acima de tudo, por ter aceitado ser minha orientadora.

Ao coorientador, Prof. Roberto Carlos dos Santos Pacheco, pelo apoio e orientações.

À Márcia, minha tutora e amiga, que me incentivou a fazer o mestrado e desde o início deu a assistência necessária, sempre dando um voto de confiança e firmeza de que as coisas dariam certo. Obrigada!

Às cooperativas COOPERJA e COOPERSULCA por serem fontes inspiradoras desta pesquisa e em especial aos entrevistados, por dedicarem seu tempo compartilhando experiências e conhecimentos.

A todos os colegas, em especial aos grupos de estudo do EGC/UFSC - IGTI e APP/IS e a todos os professores do mestrado, por abrirem novas oportunidades de discussões e avanço no conhecimento e compartilhamento do seu saber.

Finalmente, agradeço a todos os membros da banca, os professores: Gertrudes Aparecida Dandolini, Édis Mafra Lapolli, João Bosco da Mota Alves e Aline França de Abreu, pelas contribuições significativas para o melhoramento e finalização do trabalho.

Agradecimento especial pela Bolsa de Estudos que possibilitou esta pesquisa: “O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)”



## RESUMO

As inovações sociais tornaram-se importantes na resolução de problemas sociais em diversos níveis. Para que uma inovação possa ser considerada de cunho social, deverá apresentar uma nova solução, criada ou modificada, para resolver problemas e atender às necessidades sociais que até então não foram resolvidas com as ferramentas e soluções existentes, causando impacto social. Princípios relacionados às transformações sociais, econômicas e ambientais, fazem parte de organizações coletivas chamadas de cooperativas. O objetivo deste estudo é analisar de que forma as iniciativas de ação social das cooperativas agropecuárias da região da Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense – AMESC, podem fomentar a inovação social. Para tal, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva, com entrevistas semiestruturadas. Como resultado, entende-se que as cooperativas em questão atendem ao preceito da inovação social, uma vez que os projetos realizados por elas evidenciam os elementos característicos estudados na literatura. Isto significa que, após a identificação do problema, unem-se atores (associados, colaboradores, parceiros e beneficiários), que, por meio de atividades planejadas e com foco em resoluções coletivas, buscam, após a implementação, expandi-las e difundi-las. Observa-se também que os objetivos destas ações estão relacionados ao empoderamento e à participação cada vez mais atuante de mulheres e jovens nas cooperativas; à formação de empreendedores cada vez mais conscientes e sustentáveis; ao combate à desigualdade e melhores condições de vida, e também, à educação das crianças na cultura do cooperativismo. Por conseguinte, esta dissertação contribui para a academia no momento em que aproxima o saber acadêmico do saber popular, por meio de uma pesquisa empírica. Além disso, almeja-se que as cooperativas possam aplicar as contribuições dessa pesquisa em suas atividades diárias de forma sistêmica.

**Palavras-chave:** 1. Inovação Social. 2. Cooperativas. 3. Iniciativas sociais. 4. Impacto Social. 5. AMESC



## ABSTRACT

Social innovations have become important in solving social problems at various levels. In order for an innovation to be considered social, it must present a new solution, created or modified, to solve problems and meet the social needs that have not been solved until now with existing tools and solutions, causing social impact. Principles related to social, economic and environmental transformations are part of collective organizations called cooperatives. The objective of this study is to understand how the social action initiatives of the agricultural cooperatives of the Association of Municipalities of Extremadura Sur Catarinense - AMESC, can foster social innovation. For this, a qualitative and descriptive research was conducted, with semi-structured interviews. As a result, it is understood that the cooperatives in question meet the precept of social innovation, since the projects carried out by them show the characteristic elements studied in the literature. This means that, after identifying the problem, actors (associates, collaborators, partners and beneficiaries) are united, who, through planned activities focused on collective resolutions, seek, after implementation, to expand and disseminate them, the It is also observed that the objectives of these actions are related to the empowerment and the increasingly active participation of women and young people in cooperatives; the formation of increasingly conscious and sustainable entrepreneurs; the fight against inequality and better living conditions, and also the education of children in the culture of cooperativism. Therefore, this dissertation contributes to the academy at the moment in which it approximates the academic knowledge of popular knowledge, through an empirical research. In addition, it is hoped that cooperatives can apply the contributions of this research to their daily activities in a systemic way.

**Keywords:** 1. Social Innovation. 2. Cooperatives. 3. Social initiatives. 4. Social Impact. 5. AMESC



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Número de Cooperativas em Santa Catarina.....	40
Figura 2 - Número de Cooperativas em Santa Catarina.....	41
Figura 3 - Número de colaboradores, por ramo, em Santa Catarina (2017).....	42
Figura 4 - Participação das cooperativas - por ramo de atividade - na receita de Santa Catarina em 2017 .....	43
Figura 5 - Atores da Inovação Social .....	57
Figura 6 - Processo e dimensões de uma inovação social .....	64
Figura 7 - Nomes Fictícios dos Entrevistados – SIGLAS.....	85
Figura 8 - Fases da Análise Temática.....	86
Figura 9 - Mapa do estado de SC com a localização da AMESC ....	89
Figura 10 - Estrutura AMESC .....	90
Figura 11- Encontro de Mulheres COOPERJA .....	92
Figura 12 - Núcleo Feminino COOPERJA.....	93
Figura 13 - COOPER jovem.....	95
Figura 14 - Encontro de Jovens .....	96
Figura 15 - Ação Social.....	97
Figura 16 - Campo Demonstrativo COOPERJA – CDC .....	98
Figura 17 - Núcleo Feminino COOPERSULCA .....	100
Figura 18 - COOPER jovem.....	101
Figura 19 - Dia Internacional do Cooperativismo .....	102
Figura 20 - Etapas do processo de inovação social.....	126

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Documento do Banco de Tese e Dissertação do PPGEGC/UFSC .....	30
Quadro 2 - Diferença entre sociedades cooperativas e sociedades mercantis .....	36
Quadro 3 - Distinções entre inovação tecnológica e inovação social .....	49
Quadro 4 - Conceitos de inovação social segundo diferentes autores .....	53
Quadro 5 - Elementos que caracterizam a inovação social ao longo do processo.....	59
Quadro 6 - Iniciativas de Inovação Social .....	67
Quadro 7 - Síntese das características e iniciativas de IS de alguns artigos válidos para a pesquisa .....	74
Quadro 8 - Princípios do cooperativismo ligados à inovação social	82
Quadro 9 - Síntese dos projetos. Necessidades, ações realizadas e atores .....	103
Quadro 10 - Temas e subtemas da análise temática presentes nas cooperativas estudadas .....	106
Quadro 11 - Características da IS encontradas: na literatura X nos projetos sociais .....	129

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- Critério de busca e quantidade de artigos .....	81
Tabela 2- Número de publicações por ano nas bases pesquisadas ...	81

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMESC	Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense
ACI	Aliança Cooperativa Internacional
APP	Atividade de Pesquisa Programada
AS	Ação Social
BEPA	<i>Bureau of European Policy Advisors</i>
CDC	Campo Demonstrativo Cooperja
CEJAMA	Cooperativa de Eletricidade de Jacinto Machado
CJ	COOPER Jovem
CRISES	<i>Centre de Recherche sur les Innovations Sociales</i>
CRESUL	Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Funcionários do Sistema FIERGS
COOPERJA	Cooperativa Agroindustrial de Jacinto Machado
COOPERSULCA	Cooperativa Regional Agropecuária Sul Catarinense Ltda.
COOPERA	Cooperativa Pioneira de Eletrificação
CREDIJA	Cooperativa de Crédito Litorânea
DIC	Dia Internacional do Cooperativismo
EJ	Encontro de Jovens
EEB	Escola de Educação Básica
EMEB	Escola Municipal de Ensino Básico
EEF	Escola de Ensino Fundamental
EM	Encontro de Mulheres
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
FURB	Universidade Regional de Blumenau
IS	Inovação Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
NF	Núcleo Feminino
IGTI	Núcleo de Estudos em Inteligência, Gestão e Tecnologia para Inovação

ITCP	Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares
LEED	<i>Local Economic and Employment Development (LEED Programme)</i>
MG	Minas Gerais
MIEs	Mapa de Inovação e Empreendedorismo Social
NF	Núcleo Feminino
OCESC	Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina
OCB	Organização das Cooperativas Brasileiras
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OECD	<i>Organization For Economic Co-Operation and Development</i>
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
PPGEGC UFSC	Programa de Pós-Graduação de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SESCOOP	Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo
SC	Santa Catarina
SICOOB	Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil
TRR	Transportador Revendedor Retalhista
RS	Rio Grande do Sul
UBS	Unidade de Beneficiamento de Arroz
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO .....	23
1.2 OBJETIVOS.....	27
<b>1.2.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>27</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>27</b>
1.3 JUSTIFICATIVA .....	27
1.4 ADERÊNCIA DO TEMA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA E GESTÃO DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA .....	29
1.5 DELIMITAÇÃO DO ESCOPO DA PESQUISA.....	32
1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....	33
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>35</b>
2.1 COOPERATIVAS.....	35
<b>2.1.1 Cooperativas Catarinenses.....</b>	<b>39</b>
2.2 COOPERATIVISMO.....	44
2.3 INOVAÇÃO .....	46
2.4 INOVAÇÃO SOCIAL .....	50
<b>2.4.1 Conceitos de Inovação Social .....</b>	<b>50</b>
<b>2.4.2 Atores da Inovação Social.....</b>	<b>56</b>
<b>2.4.3 Caracterizando a Inovação Social .....</b>	<b>58</b>
<b>2.4.4 Modelos de Inovação Social.....</b>	<b>60</b>
2.5 INOVAÇÃO SOCIAL X COOPERATIVA .....	65
<b>2.5.1 Síntese de alguns artigos válidos.....</b>	<b>69</b>
<b>2.5.2 Características de inovação social apontadas na revisão da literatura.....</b>	<b>75</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>79</b>
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	79
3.2 ETAPAS DA PESQUISA .....	82
<b>3.2.1 Escolha da instituição e das unidades de análise.....</b>	<b>82</b>
<b>3.2.2 Instrumento da coleta de dados .....</b>	<b>84</b>
<b>3.2.3 Coleta dos dados.....</b>	<b>85</b>
<b>3.2.4 Tratamento dos dados.....</b>	<b>86</b>
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>89</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO EXTREMO SUL CATARINENSE - AMESC E DAS	

UNIDADES DE ANÁLISES .....	89
4.1.1 Caracterização da Cooperativa Agroindustrial de Jacinto Machado – COOPERJA .....	91
4.1.1.1 Projeto 1: Encontro de Mulheres COOPERJA .....	91
4.1.1.2 Projeto 2: Núcleo Feminino COOPERJA .....	92
4.1.1.3 Projeto 3: Programa COOPERjovem .....	94
4.1.1.4 Projeto 4: Encontro de Jovens .....	95
4.1.1.5 Projeto 5: Ação Social COOPERJA .....	97
4.1.1.6 Projeto 6: Campo Demonstrativo COOPERJA – CDC .....	98
4.1.2 Caracterização da Cooperativa Agropecuária Sul Catarinense Ltda - COOPERSULCA .....	99
4.1.2.1 Projeto 1: Núcleo Feminino COOPERSULCA .....	100
4.1.2.2 Projeto 2: Programa COOPER jovem .....	101
4.1.2.3 Projeto 3: Dia Internacional do Cooperativismo .....	102
4.3 TEMAS E SUBTEMAS DO DATA CORPUS .....	105
<b>4.3.1 Novas soluções para satisfação de necessidades sociais .....</b>	<b>107</b>
<b>4.3.2 Ator consciente da mudança .....</b>	<b>108</b>
<b>4.3.3 Melhor qualidade e quantidade (expectativa) de vida .....</b>	<b>111</b>
4.3.3.1 Empoderamento / Liderança / Atuação .....	112
4.3.3.2 Inclusão / Participação .....	112
4.3.3.3 Conhecimento / Capacitação / Empreendedorismo .....	113
4.3.3.4 Autoestima / Autorrealização .....	115
4.3.3.5 Autogestão / Autonomia .....	115
4.3.3.6 Cultura da cooperação .....	116
<b>4.3.4 Melhores condições de trabalho e renda .....</b>	<b>116</b>
<b>4.3.5 Mudança sustentável (melhor uso de ativos e recursos) .....</b>	<b>117</b>
<b>4.3.6 Mudança nas relações sociais .....</b>	<b>117</b>
<b>4.3.7 Intercooperação .....</b>	<b>119</b>
<b>4.3.8 Satisfação em trabalhar na cooperativa .....</b>	<b>120</b>
<b>4.3.9 Manutenção / avaliação .....</b>	<b>121</b>
<b>4.3.10 Escalabilidade .....</b>	<b>122</b>
<b>4.3.11 Difusão .....</b>	<b>123</b>
<b>4.3.12 Barreiras .....</b>	<b>124</b>
<b>4.3.13 Facilitadores .....</b>	<b>125</b>
4.4 SÍNTESE DO PROCESSO DE INOVAÇÃO SOCIAL .....	126
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>129</b>
5.1 NOVAS SOLUÇÕES PARA SATISFAÇÃO DE UMA NECESSIDADE SOCIAL .....	130
5.2 ATOR CONSCIENTE DA MUDANÇA .....	131
5.3 INSTRUMENTO DE MODERNIZAÇÃO DAS POLÍTICAS .....	

PÚBLICAS .....	132
5.4 MELHOR QUALIDADE E QUANTIDADE (EXPECTATIVA) DE VIDA .....	134
5.5 MOBILIZAÇÃO DAS COMUNIDADES LOCAIS E GOVERNANÇA DEMOCRÁTICA.....	135
5.6 MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO E RENDA.....	136
5.7 MUDANÇA ORGANIZACIONAL .....	137
5.8 MUDANÇA NAS RELAÇÕES SOCIAIS.....	138
5.9 MUDANÇA SUSTENTÁVEL (MELHOR USO DE ATIVOS E RECURSOS) .....	139
5.10 ETAPAS DO PROCESSO .....	140
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E TRABALHOS FUTUROS .....</b>	<b>143</b>
6.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	143
6.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	147
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>149</b>
<b>APÊNDICE A - REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>169</b>
<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>173</b>
<b>APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>176</b>
<b>APÊNDICE D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DE DADOS DE PESQUISA.....</b>	<b>177</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação concentra seu foco no estudo do tema Inovação Social (IS) e Cooperativas, mais especificamente cooperativas agropecuárias e as ações sociais por elas realizadas. Neste primeiro capítulo, apresentam-se a contextualização e a problematização, o objetivo geral e os objetivos específicos, bem como a justificativa e a delimitação do estudo. Também contém a aderência ao Programa de Pós-Graduação de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGEGC/UFSC), e a estrutura do trabalho.

### 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

Muitas ideias surgem das dificuldades e aspirações de uma determinada época ou comunidade. Dessas necessidades, em muitos casos, formam-se novos modelos de negócios com foco em criar alternativas aos desafios apresentados. Além do olhar para o crescimento econômico, o desenvolvimento social e humano também passam a ter destaque neste novo tipo de instituição (KOLLECK, 2014).

Para Kolk e Lenfant (2015) as cooperativas representam um tipo de modelo de organização, que além de inovadoras, têm como princípio respeitar os construtos acima citados. Dimensões como liberdade, justiça, equidade e estabilidade, fazem parte de um tema bastante discutido entre diversos pesquisadores e setores econômicos, denominado de cooperativismo (LOPES, 2002). Para este autor, uma sociedade não pode ser considerada desenvolvida somente pelos quesitos de riqueza material, e sim, quando busca diminuir os níveis de desigualdade e opressão, de forma a possibilitar uma distribuição equilibrada da qualidade de vida. Possui sua construção basicamente fundamentada na ajuda mútua e na participação de seus membros, tanto na estratégia da organização, como no desenvolvimento dos produtos, serviços e na gestão de atividades em geral (QUANDT *et al.*, 2017).

Segundo Cardoso (2014) o cooperativismo surgiu pela atitude tomada por um grupo de 28 tecelões, no período da Revolução Industrial, na cidade de Rochdale-Manchester, no interior da Inglaterra, como resposta ao crescente índice de desemprego e aos baixos salários pagos pelas empresas europeias. No ponto de vista desses tecelões, a miséria experimentada por eles tinha propensão de continuar crescendo ao longo dos anos, e, para mudar esse cenário, algo diferente deveria ser

realizado. Neste sentido, o grupo uniu forças para montar um novo negócio, o qual era visto como uma reação pacífica e organizada à opressão dos agentes econômicos e políticos da época (MENEZES, 2004). Formou-se então a primeira cooperativa, chamada de Sociedade dos Probos de Rochdale (OCB, 2018). A cooperativa foi fundada com o propósito de realizar compras em grupo, na busca de preços mais baixos. Dessa forma, poder-se-ia vislumbrar uma vida mais digna aos cooperados. Todos os trabalhos eram desenvolvidos com base nos valores e princípios do cooperativismo, como honestidade, solidariedade, equidade e transparência (LOPES, 2002).

No Brasil, desde a época da colonização, já era possível observar a cultura da cooperação, que foi introduzida inicialmente por imigrantes europeus, mais especificamente nas regiões Sul e Sudeste, no final do século XIX (GAIGER, 2013).

Contudo, a oficialização do movimento, segundo a OCB (2018), só se deu com a fundação da Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto (MG), no ano de 1889. A partir deste modelo, outros tipos de cooperativas surgiram em diversos setores da economia, a exemplo das cooperativas de consumo, de crédito e agropecuárias. Os estados com maior representatividade no setor cooperativista eram Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul (OCB, 2018).

Essa nova forma de arranjo social foi criada como uma oportunidade de superar as situações de dificuldades e desamparo que algumas comunidades viviam, sendo uma fonte importante de rendimento e desenvolvimento aos cooperados envolvidos (GAIGER, 2013).

Cardoso (2014) afirma que as cooperativas da primeira metade do século XX foram mais ligadas à agricultura, e que hoje em dia contemplam cada vez mais sua expansão urbana, atuando desde os processos de produção, industrialização, comercialização, crédito (serviços financeiros) e prestação de outros serviços. Mais que um modelo de negócios, o cooperativismo é uma filosofia de vida que busca transformar a sociedade em um lugar mais justo, equilibrado e com melhores oportunidades de trabalho e distribuição de renda para todos. Apresenta-se assim, como uma nova oportunidade de trabalho com uma proposta diferente das corporações tradicionais, visto que cada membro associado possui o direito de se manifestar sobre o destino do empreendimento (KOLK; LEFANT, 2015; MENDINA, 2015).

Outro aspecto importante é o fato de ser possível unir os conceitos de desenvolvimento econômico e desenvolvimento social,

produtividade e sustentabilidade, ajuda mútua, o individual e o coletivo (OLIVEIRA; SILVA 2012; KOLK; LENFANT, 2015; QUANDT *et al.*, 2017; MICHAUD; AUDEBRAND, 2018; OCB, 2018).

O cooperativismo é um fenômeno inovador e demonstra o poder do trabalho colaborativo em suas diversas formas. A colaboração pode ser vista como elo entre o conceito de cooperativismo e inovação social. Para Prim (2017) a colaboração existente entre as parcerias e atores envolvidos nos temas é fator fomentador de confiança e ajuda mútua, além do respeito à diversidade e a multidisciplinaridade dos temas.

Semelhante ao cooperativismo, Bignetti (2011) afirma que na inovação social, o foco está em buscar soluções viáveis aos problemas enfrentados por determinada comunidade de forma colaborativa e participativa.

Para Quandt *et al.* (2017), mesmo que a inovação em sua definição original tenha sido um construto chave nos estudos de gestão e economia, a adição do adjetivo “social” traz um caráter diferenciado, e cria uma nova categoria de inovação (com foco em políticas públicas). Trata-se de um conceito “similarmente complexo que combina todos os caprichos dos processos de inovação com a natureza confusa de questões e resultados sociais” (McNEILL, 2013, p.3).

A literatura sobre o tema inovação social traz conceitos de diversas áreas do conhecimento, sendo alguns relacionados ao trabalho colaborativo, sustentabilidade de energia, conjuntos habitacionais, associações para fins de saúde, trabalho e renda, bem-estar social, rede de doadores de sangue, cooperativas de microcrédito, de reciclagem, agropecuárias, entre outros.

Phillips *et al.* (2015) afirmam que a inovação social continua a ser um conceito com vários significados e percebido como uma abordagem que combina social com o empreendedor, e instrumento de modernização das políticas públicas. Publicações atuais como Haxeltine *et al.* (2017) e Marques, Morgan e Richardson (2018) apontam para a necessidade de mais estudos sobre o tema, operacionalizando o conceito teoricamente, empiricamente, e como uma ferramenta usada na prática, visto que o mesmo aparece com crescimento expressivo nas pesquisas acadêmicas.

De acordo com Caulier-Grice *et al.* (2012) a diversidade de definições de inovação social surgiu a partir de evidências em diferentes campos de pesquisa. Eles conduziram uma revisão para propor uma definição em nível de sistema que enfatizasse a sociedade. Nesse sentido, a inovação social caracteriza-se como novas ideias, produtos, processos ou serviços, com o objetivo de alcançar soluções viáveis aos

problemas da sociedade (MULGAN, 2006; POL; VILLE, 2009; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010; BIGNETTI, 2011). Murray, Mulgan e Caulier-Grice (2010) destacam ainda que se trata de um período de inovação transformadora, com crescente na dimensão humana, dando voz democrática, começando pelo indivíduo e os relacionamentos, e não pelos sistemas e estrutura.

Assim sendo, a inovação social tende a transpassar as fronteiras entre os setores público, privado e sem fins lucrativos e fomenta a troca de ideias e valores, a mudança de papéis e novas relações, além de ser vista, a exemplo das cooperativas, como estrutura inovadora de governança, visando atender às necessidades de grupos marginalizados ou excluídos (MACCALLUM *et al.*, 2009; MOULAERT *et al.*, 2005).

Pol e Ville (2009, p.15) afirmam que “uma inovação é denominada inovação social se a nova ideia implícita tiver o potencial para melhorar a qualidade ou a quantidade de vida”. Com base neste conceito, o cooperativismo pode ser considerado uma atividade fomentadora de inovação social, visto que se apresenta como um processo de inclusão social para a comunidade envolvida. Schönardie e Frantz (2008) e Lago (2009) afirmam que as cooperativas desempenham um papel efetivo na organização do trabalho e na redução da pobreza, e que suas diversas atividades são desenvolvidas com foco na promoção de uma mudança na qualidade de vida dos envolvidos.

Diversas são as iniciativas sociais desenvolvidas pelas cooperativas em todo o mundo e nos mais amplos setores e gamas da sociedade. Desde iniciativas que promovem auxílio às necessidades básicas (MICHAUD; AUDEBRAND, 2018), desenvolvimento da comunidade através de ações de turismo (QUANDT *et al.*, 2017), melhorias na prestação de serviços públicos (YEASMIN; KEMPPAINEN-KOIVIST, 2017), cooperativa habitacional (CABRÉ; ANDRÉS, 2017; BOUCHARD, 2006), produção e gestão de energias renováveis (HITEVA; SOVACOLB, 2017; MAGNANI; OSTI, 2016; VAN DER SCHOOR *et al.*, 2016), sendo que todos esses atores fazem correlação desses estudos com a inovação social.

Para Harrison e Klein (2007, p.6) o ato da inovação social tem início em "ações desviantes que ignoram as regras institucionais". Essas regras, muitas vezes, são formadas em instituições tradicionais, e as cooperativas são instituições com pressupostos diferenciados. Novas formas de negócio podem surgir por meio da hibridação de modelos existentes, ou novos arranjos, ou da colaboração entre eles. Assim como diferentes práticas organizacionais e atividades realizadas nas instituições são reunidas objetivamente e podem formar um novo

construto (DI DOMENICO *et al.*, 2010; LAWRENCE *et al.*, 2002).

Com base no que foi exposto e na relação estabelecida entre os conceitos de inovação social e cooperativismo, esta dissertação pretende responder a seguinte questão de pesquisa: **Como as iniciativas de ação social das cooperativas agropecuárias da região da AMESC podem fomentar a inovação social?**

Para tal, será realizado um estudo empírico em duas cooperativas agropecuárias da região da Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense - AMESC, devidamente qualificadas no capítulo 4.

## 1.2 OBJETIVOS

A seguir serão apresentados os objetivos gerais e específicos com o intuito de responder à pergunta de pesquisa.

### 1.2.1 Objetivo Geral

Analisar como as iniciativas de ação social das cooperativas agropecuárias da região da AMESC podem fomentar a Inovação Social.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Na busca da resposta ao objetivo geral, esta pesquisa tem como objetivos específicos:

- Identificar na literatura características de análise de ações de inovação social;
- Descrever as iniciativas de ação social identificadas nas cooperativas através da pesquisa empírica;
- Identificar nas cooperativas estudadas características de análise de ações de inovação social;
- Confrontar as características da revisão da literatura com as características de inovação social identificadas nas ações sociais realizadas pelas cooperativas estudadas.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

A importância da realização de inúmeras pesquisas acadêmicas reside no fato de que os pesquisadores podem contribuir, nas diversas áreas do conhecimento, para a construção de saberes que tragam

melhorias para a sociedade. Para o programa PPGEGC/UFSC o “Conhecimento é conteúdo ou processo efetivado por agentes humanos ou artificiais em atividades de geração de valor científico, econômico, social ou cultural” (PACHECO, 2014). O foco e o auxílio proporcionado na gestão e na otimização de recursos por intermédio do estudo de mecanismos e ferramentas apropriadas, contribuem para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para Mulgan (2006) e Bignetti (2011) as políticas públicas governamentais e a ação das organizações com foco no mercado econômico, existentes no Brasil, têm deixado a desejar no quesito atendimento às demandas de uma parcela da sociedade.

Destaca-se que, conforme índice de desemprego divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018), a taxa de desemprego no Brasil, no primeiro trimestre do ano de 2018, atingiu um percentual de 13,1%, um aumento considerável em relação ao último trimestre do ano anterior (11,8%). Além deste fator, e de acordo com o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (2015), atualmente, oitocentos e trinta milhões de pessoas vivem abaixo da linha de pobreza.

Além do quesito desemprego, problemas como a poluição ambiental, doenças crônicas, injustiças sociais e a disparidade social (educação, saúde, fome, pobreza) necessitam de um olhar mais atento por parte dos governantes e da própria comunidade (SCHOEN *et al.*, 2014; PÃUNESCU, 2014; HEAN *et al.*, 2015; SALIM-SAJI; ELLINGSTD, 2016).

Contraopondo-se a este cenário, o cooperativismo é um conceito que oferece aos seus cooperados, de maneira inovadora, o estímulo e a capacidade para uma nova condição de vida. Neste sentido, compreende-se que estudar como as iniciativas sociais das cooperativas podem fomentar novas oportunidades à sociedade e seu entorno, é essencial ao desenvolvimento local e forte justificativa para esta pesquisa.

A escolha do tema teve origem no fato dos temas inovação social e o cooperativismo serem assuntos pouco explorados no PPGEGC/UFSC, e seu estudo poderá trazer contribuições para o avanço das pesquisas realizadas na academia. Tal assertiva baseia-se em pesquisas realizadas no banco de dados de teses e dissertações do PPGEGC/UFSC, onde poucos trabalhos foram encontrados com este contexto.

Por ser uma pesquisa empírica, vê-se, com a aproximação da comunidade estudada, a oportunidade de trazer um conhecimento tácito para dentro da academia, e expô-lo à aprendizagem, procedimento considerado uma via de mão dupla (conhecimento acadêmico e popular

se complementam).

Neste sentido, estudar os temas conjugados possibilita entender novas formas de estruturas sociais e servirá de estímulo a diversos atores, que poderão se beneficiar na aplicação de soluções mais efetivas e eficientes, replicação, transformação ou criação de novas técnicas mais sustentáveis, de forma a observar e promover o desenvolvimento e o bem-estar social. Em todas as suas modalidades (crédito, serviços, produtos), as cooperativas se prestam a facilitar a vida de quem delas participa. De acordo com Gonçalves Neto (2004, p.143)

Fruto de um ideal, o cooperativismo está inserido numa proposta reformista que visa o aperfeiçoamento moral do homem, pelo alto sentido ético da solidariedade, complementado na ação e pela melhoria econômica.

Dessa forma, entende-se que é um tema de alta relevância, vivenciado no cenário e contexto atuais e constatado pela existência de inúmeros Centros de Inovação Social espalhados pelo mundo, cuja intenção é de “oferecer espaços que permitam o compartilhamento entre diferentes atores, por meio de recursos e métodos acessíveis para catalisar o desenvolvimento de inovações sociais” (JULIANI *et al.*, 2014, p.32). São exemplos de Centros de Inovação Social:

*Impact Hub* - primeiro aberto em Londres em 2005; *Social Good* - rede espalhada por diversos países; Incubadoras Sociais - diversas universidades já trabalham com esse modelo de incubadora (PRIM, 2017), *Young Foundation* de Londres, *Centre for Social Innovation* Toronto e *Centre for Social Innovation* Viena, *Centre de Recherche sur les Innovations Sociales* - CRISES no Canadá; *Ashoka* criada em 1980 pelo norte-americano Bill Drayton (RUEDE; LURTZ, 2012) e o Mapa de Inovação e Empreendedorismo Social - MIES em Portugal (BORGES, 2017).

Socialmente esta pesquisa se justifica, pois almeja contribuir para a disseminação das ações de inovação social desenvolvidas pelas cooperativas citadas, que podem acarretar impactos positivos para a transformação social e econômica das pessoas e das localidades onde estão inseridas.

#### 1.4 ADERÊNCIA DO TEMA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA E GESTÃO DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA

## CATARINA

A presente dissertação está integrada à linha de pesquisa: Empreendedorismo, Inovação e Sustentabilidade, vinculada a área de concentração de Gestão do Conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGEGC/UFSC), cujo objeto de pesquisa é o conhecimento.

Nesta pesquisa, busca-se unir o conhecimento proporcionado através do programa, e os construtos Inovação Social e Cooperativismo. O tema inovação social faz parte dos estudos realizados pelo Núcleo de Estudos em Inteligência, Gestão e Tecnologia para Inovação – IGTI e pela Atividade de Pesquisa Programada – APP-IS.

Concebendo que não existe inovação sem aplicação de conhecimento, e que ambos os conceitos, Inovação Social e Cooperativismo, estão diretamente relacionados ao desenvolvimento de novos conhecimentos, o tema está condizente com o PPGEGC/UFSC.

Realizou-se, em junho de 2018, uma busca no banco de teses e dissertações do programa, que apontou a existência de outros trabalhos que tratam sobre o tema inovação social e sobre o tema cooperação. Foram encontradas um total de três teses: Juliani (2015); Santos Delgado (2016); Borges (2017); e quatro dissertações: Zissou (2007); Prim (2017); Massad (2017); e Lira (2018), conforme apresentado no quadro 1.

Quadro 1- Documento do Banco de Tese e Dissertação do PPGEGC/UFSC

Nome do autor	Título da Tese ou Dissertação
LIRA, Cristiane da Silva Coimbra. Dissertação, 2018.	A tecnologia digital como ferramenta para inovação social no contexto de uma organização para impacto social
MASSAD, Daniela de Oliveira. Dissertação, 2017.	A influência das competências do empreendedor social em projetos de inovação social
PRIM, Márcia Aparecida. Dissertação, 2017.	Elementos constitutivos das redes de colaboração para inovação social no contexto de incubadoras sociais
BORGES, Michele Andréia. Tese, 2017.	Dinâmica das Parcerias Intersetoriais em Iniciativas de Inovação Social: da descrição à proposição de diretrizes

SANTOS DELGADO, Ana Alexandra. Tese, 2016.	<i>Framework para Caracterizar La Innovación Social Sobre Sus Procesos</i>
JULIANI, Douglas Paulesky. Tese, 2015	<i>Framework da Cultura Organizacional nas Universidades para a Inovação Social</i>
ZISSOU, Alex de Jesus. Dissertação, 2007	Modelo Cooperativo para Sistema de Gestão do Conhecimento

Fonte: Da autora (2018).

A dissertação escrita por Zissou (2007), cujo tema “Modelo Cooperativo para Sistema de Gestão do Conhecimento” apresentou um modelo de portal do conhecimento, que teve como objetivo principal, gerar conhecimento ao incentivar a colaboração e cooperação entre profissionais de diversas áreas.

Juliani (2015) em sua tese intitulada “*Framework da cultura organizacional nas universidades para a inovação social*” desenvolveu um *framework* com o propósito de que os atores ligados à universidade pudessem reconhecer alguns elementos da cultura organizacional instaurada e promovessem mudanças na cultura dessas instituições, construindo “um ambiente mais propenso ao desenvolvimento de atividades inovadoras que contribuam para as metas institucionais e para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos” (JULIANI, 2015, p. 185).

A tese escrita por Santos Delgado (2016), “*Framework para caracterizar la innovación social sobre sus procesos*”, identificou elementos que caracterizam a inovação social e possibilitam definir se um projeto é uma inovação social ou não.

Na tese “Dinâmica das parcerias intersetoriais em iniciativas de inovação social: da descrição à proposição de diretrizes”, Borges (2017) descreve iniciativas de inovação social em Portugal. Mostra, que a dinâmica entre as partes envolvidas, na complementaridade de recursos tangíveis e intangíveis, é um fator crítico de sucesso à iniciativa, e que os benefícios evitam sobreposição de papéis.

A dissertação escrita por Prim (2017) trouxe como tema “Elementos constitutivos das redes de colaboração para inovação social no contexto de incubadoras sociais”, onde identifica os parceiros, a colaboração, a autogestão, os recursos e a aprendizagem, como elementos que constituem as redes de colaboração, e evidencia o papel

do empoderamento e da sustentabilidade como resultado de sua formação. A pesquisa foi realizada na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Universidade Regional de Blumenau FURB (SC).

Na dissertação “A influência das competências do empreendedor social em projetos de inovação social”, Massad (2017) teve por objetivo avaliar essa influência, e verificar a intensa utilização da tecnologia digital para solucionar problemas urgentes da sociedade.

A dissertação de Lira (2018) cujo o tema “A tecnologia digital como ferramenta para inovação social, no contexto de uma organização para impacto social” analisou a tecnologia digital no contexto da Social Good Brasil, uma organização localizada na cidade de Florianópolis, e que trabalha com tecnologia para transformação social.

Observa-se então, que foi realizada apenas uma pesquisa no Programa com o tema cooperativa, e que nenhuma abordou os dois construtos em conjunto, conforme proposto por esta dissertação, sendo um tema ainda em construção no PPGE/GC/UFSC.

## 1.5 DELIMITAÇÃO DO ESCOPO DA PESQUISA

Por meio desta pesquisa, busca-se responder como as iniciativas de ação social das cooperativas agropecuárias da região da AMESC podem fomentar a Inovação Social.

Esta pesquisa limita-se a estudar duas cooperativas agropecuárias da região da AMESC. A AMESC é composta por 15 municípios, e é responsável por sediar treze cooperativas, que estendem suas filiais não só em outros municípios, como também em outros estados. Na região existem diversos tipos de cooperativas, dentre elas, de irrigação, de produção de leite e renda familiar rural, de crédito, de energia elétrica e agropecuárias (OCESC, 2018).

No capítulo 4 desta dissertação, serão delimitados estudos empíricos em duas cooperativas agropecuárias, a saber, Cooperativa Agroindustrial de Jacinto Machado - COOPERJA e Cooperativa Regional Agropecuária Sul Catarinense Ltda. - COOPERSULCA. A amostra foi intencional, em virtude das campanhas sociais realizadas pelas cooperativas, que apontam para uma preocupação com a comunidade de forma geral, fato que, para este estudo, faz ligação direta com o objetivo pretendido. Essa assertiva é válida tanto em termos de promoções e envolvimento com as comunidades, quanto em relação à expansão estrutural das unidades físicas que trouxeram desenvolvimento

para as regiões de sua abrangência.

Não faz parte do escopo desta dissertação aprofundar o estudo nas diversas formas de cooperativas existentes na região da AMESC. A pesquisa também não se destina a ilustrar um tratamento eficaz ou ineficaz de uma situação administrativa, nem tem a pretensão de julgar uma tomada de decisão gerencial. É um tema amplo e envolve múltiplas áreas de conhecimento, porém, o foco, será limitado a identificar as ações praticadas nas cooperativas, mais precisamente em iniciativas de cunho social.

## 1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação será apresentada em seis capítulos, conforme descrito na sequência.

O capítulo 1, de caráter introdutório, apresenta o contexto do estudo e o problema de pesquisa, o objetivo geral e específicos, a justificativa, a aderência da pesquisa ao programa de Pós-Graduação de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGEGC/UFSC, a delimitação do estudo, e por fim, a estrutura do trabalho.

No capítulo 2 serão apresentados os principais construtos, com base na revisão da literatura: Cooperativas, Cooperativismo, Inovação, Inovação Social e Inovação Social *versus* Cooperativa.

O capítulo 3 descreverá aspectos metodológicos desta pesquisa e os procedimentos para os estudos empíricos.

O capítulo 4 será formado pelo estudo empírico e resultados da pesquisa.

O capítulo 5 apresentará análises dos dados e as discussões do trabalho.

E, finalmente, o capítulo 6, irá expor as considerações finais e as sugestões para trabalhos futuros.



## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Para alcançar o objetivo proposto nesta pesquisa, alguns construtos deverão ser estudados. A compreensão do que é cooperativa, cooperativismo, inovação, inovação social e iniciativas sociais nas cooperativas, são imprescindíveis.

### 2.1 COOPERATIVAS

A primeira cooperativa surgiu no período da Revolução Industrial, no bairro Rochdale, na cidade de Manchester, Inglaterra. A organização de 28 tecelões teve como propósito unirem forças para comprarem produtos de primeira necessidade de forma coletiva, barganhando melhores condições de pagamento. Assim, esta associação tornou-se a Cooperativa de Rochdale, cujo objetivo primeiro foi unir capital e aumentar o poder de compra coletivo.

Essa experiência foi levada a outros países, como França e Alemanha. Também surgiram outras modalidades de cooperativas, principalmente no ramo crédito (CARDOSO, 2014). As cooperativas estão sendo redescobertas como uma forma eficaz de organização para enfrentar problemas crônicos, atendendo rapidamente às novas demandas geradas pelo meio ambiente global (HAN *et al.*, 2013). Por terem reconhecimento no Brasil como empreendimentos coletivos, diz-se que, para o enfrentamento de qualquer problema econômico ou social, é possível constituir uma cooperativa (CARDOSO, 2014).

Em muitos casos trata-se de uma oportunidade de geração de emprego e renda, visto que as cooperativas podem atuar desde os processos de produção, industrialização, comercialização, crédito e prestação de outros serviços (CARDOSO, 2014).

De acordo com a Organização das Cooperativas Brasileiras – OCB (2018) existem 2,6 milhões de cooperativas espalhadas em 100 países do mundo, que geram 250 milhões de empregos e congregam 1 bilhão de pessoas. Esta organização aponta que, se as 300 maiores cooperativas do mundo fossem em um único país, este seria a 9ª economia mundial.

O conceito de cooperativas se relaciona à estratégia de desenvolvimento da comunidade, podendo-se verificar o aumento da interação entre diversos segmentos e populações. Também fornece suporte e informações aos membros da comunidade para que eles possam obter retorno sobre seus investimentos sociais (FAIRBAIRN, 2004; PUTNAM, 2000; ZEULI; RADEL, 2005).

Algumas cooperativas são estabelecidas para atender às suas próprias necessidades e outras para atender às necessidades coletivas da

comunidade. Mediante o conceito que visa o parâmetro associativo, busca-se embasamento na definição de Schneider (2010, p. 41) onde afirma que:

A cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem voluntariamente para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida.

As cooperativas são caracterizadas como um tipo diferenciado de instituição, capaz de satisfazer às necessidades materiais e econômicas concretas e necessidades homogêneas, diferente das sociedades tradicionais mercantis. Institucionalmente falando, constituem um novo modelo de empreendimento social, respeitando parâmetros como gestão, administração, contabilidade e financiamento, semelhante a qualquer outra forma de negócio (GARRIGÓS, 1997).

O quadro 2 demonstra as principais diferenças entre as sociedades cooperativas e as mercantis.

Quadro 2 - Diferença entre sociedades cooperativas e sociedades mercantis

	<b>Sociedades Cooperativas</b>	<b>Sociedades Mercantis</b>
01	O principal é o homem.	O principal é o capital.
02	O cooperado é ao mesmo tempo, proprietário e usuário da sociedade.	Os sócios vendem seus produtos e serviços a uma massa de consumidores.
03	Cada pessoa conta com um voto na assembleia.	Cada ação ou quota, conta um voto na assembleia.
04	O controle é democrático.	O controle é financeiro.
05	É uma sociedade de pessoas que funciona democraticamente.	É uma sociedade de capital que funciona hierarquicamente.
06	As quotas não podem ser transferidas a terceiros.	As quotas podem ser transferidas a terceiros.
07	Afasta os intermediários.	Muitas vezes, são os próprios intermediários.

08	Os resultados retornam aos sócios de forma proporcional.	Os dividendos retornam aos sócios proporcionalmente ao número de ações.
09	Aberta a entrada de novos sócios.	Limitada, por vezes, a quantidade determinada de acionistas.
10	Valoriza o trabalhador e suas condições de trabalho e de vida.	Contrata o trabalhador apenas como força de trabalho.
11	Defende preços justos.	Defende o maior preço possível.
12	Promove a integração entre cooperativas.	Promove a concorrência entre as sociedades.
13	O compromisso é educativo, social e econômico.	O compromisso é econômico-financeiro.

Fonte: Bortoluci (2002 *apud* FUSCO; SACOMANO, 2009, p.15).

As treze principais características, apontadas como diferenciais entre as sociedades cooperativas e as sociedades mercantis, são fundamentais para o cooperativismo. Percebe-se claramente que, em detrimento da valorização do capital financeiro, o cooperativismo prioriza o homem como sujeito atuante, com grande probabilidade de estar fora do mercado pelas inúmeras dificuldades de competir com grandes empresas. Além das características citadas, percebe-se também outros fatores relevantes, como a forma de gestão, o compromisso educativo e social e a defesa pelos preços justos.

O trabalho realizado nas cooperativas preconiza a associação e a colaboração das pessoas e grupos com interesses em comum, a fim de obter vantagem benéfica a todo um coletivo (ZEULI; RADEL, 2005). Trata de temas como auxílio mútuo, soma de esforços e a sobrevivência daqueles que se encontram em uma situação desvantajosa de competição em relação ao mercado tradicional.

Han *et al.* (2013) afirmam que a propriedade das cooperativas é composta por várias partes interessadas da comunidade, e que esse forte vínculo nas localidades pode contribuir diretamente para a eficácia da sua governança, e sustentar o interesse público, impactando o desenvolvimento local. Para Levi e Davis (2008) o desafio final de qualquer cooperativa é alcançar um equilíbrio entre a associação democrática e o empreendimento econômico.

Apesar do foco das cooperativas ser a dimensão social, para Bialoskorski Neto (2002) é a eficiência econômica que determina o bom desempenho social da cooperativa, o qual pode ser avaliado por

variáveis econômicas e financeiras. O desempenho econômico e de mercado são fundamentais no exercício social das cooperativas, que a exemplo de diversos negócios, necessitam de retorno financeiro, sendo as sobras divididas entre os seus cooperados.

No Brasil o cooperativismo encontra-se em diferentes situações. Algumas cooperativas possuem situação econômica estável, outras ainda buscam estabilidade, e outras, apresentam estado de decadência (SIMIONI *et al.*, 2009). Os autores enfatizam que os problemas podem estar ligados à falta de adequação, às mudanças, aos avanços tecnológicos, à falta de lealdade e fidelidade à organização e aos problemas econômicos ocorridos no país nos últimos anos.

Para a OCESC (2018) o movimento de cooperativas não abrange somente a economia. Tratam de temas como a coesão social, confiança e visão de futuro. Neste caso, é um modelo econômico que valoriza também o lado social e humano.

Para tanto, em 2016, as cooperativas brasileiras adotaram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS. Estes objetivos visam orientar as políticas nacionais e as atividades de cooperação internacional dos próximos quinze anos, realizando ações de transformação social em todo o país.

Os ODS são classificados em 17 grandes temas:

1. Erradicação da pobreza;
2. Fome zero;
3. Saúde e bem-estar;
4. Educação de qualidade;
5. Igualdade de gênero;
6. Água limpa e saneamento;
7. Energia acessível e limpa;
8. Emprego digno e crescimento econômico;
9. Indústria, inovação e infraestrutura;
10. Redução das desigualdades;
11. Cidades e comunidades sustentáveis;
12. Consumo e produção responsáveis;
13. Combate às alterações climáticas;
14. Vida debaixo d'água;
15. Vida sobre a terra;
16. Paz, justiça e instituições fortes;
17. Parcerias em prol das metas.

A Organização das Nações Unidas - ONU, como reconhecimento internacional pelo trabalho socioeconômico das cooperativas, considerou o ano de 2012 como o ano internacional das cooperativas,

com o seguinte *slogan* “Cooperativas constroem um mundo melhor”.

No Brasil as cooperativas são regidas por leis específicas, sendo que a Lei nº 5.764/1971 (BRASIL, 1971), determina a política nacional do cooperativismo e institui o regime jurídico das cooperativas, considerando-as como sociedades de pessoas de natureza civil, com forma e natureza jurídica própria, constituídas para prestar serviços aos associados (MENDINA, 2015).

As cooperativas têm a missão e filosofia de contribuir para um mundo mais equilibrado e justo, com melhores oportunidades para os cooperados, demonstrando que é possível trabalhar pelas causas sociais. As cooperativas também possuem fator de responsabilidade pelo desenvolvimento econômico da região onde estão inseridas, e assim, viabilizam a sustentabilidade não só no viés individual, mas também pelo bem-estar do coletivo. Neste sentido, o próximo tópico apresentará o cenário das cooperativas de Santa Catarina.

### **2.1.1 Cooperativas Catarinenses**

As primeiras experiências de cooperativismo no estado de Santa Catarina ocorreram no meio rural e foram ampliando-se nas décadas de 40 e 50 para as demais áreas. Nesse período surgiram as cooperativas de consumo e crédito mútuo em Blumenau/SC, as cooperativas de eletrificação rural de Forquilha, Criciúma, Salto Donner e Benedito Novo (COOPERSULCA, 2018).

Nas décadas de 60 e 70 foram fundadas cooperativas de diferentes segmentos em um grande número de cidades catarinenses, porém, em 1964 muitas foram liquidadas por não atingirem os objetivos estabelecidos pela legislação do país, sobrevivendo apenas as que possuíam condições de desenvolvimento e de prestação de serviços e benefícios de seus cooperados (COOPERSULCA, 2018).

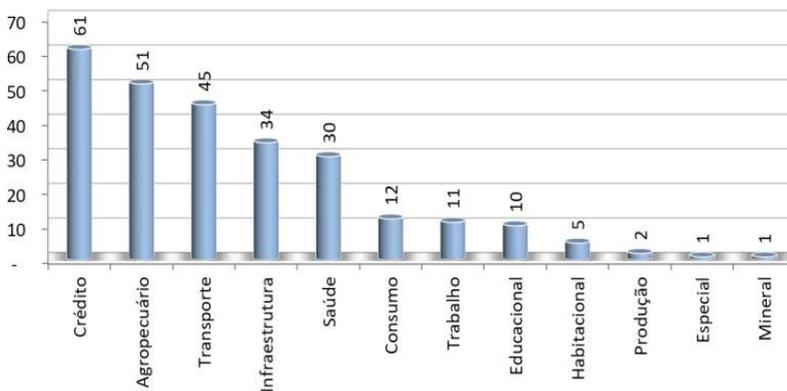
Para a OCEC (2018), nos últimos anos, o cooperativismo catarinense avançou progressivamente sob todos os ângulos, com destaque para o número de cooperados, arrecadação de impostos, receitas e incremento de patrimônio líquido das cooperativas. A contribuição do cooperativismo catarinense no estado contrapõe-se à crise econômica brasileira e apresenta um aumento das operações e expansão do número de associados, que indicam um crescimento acima da média nacional. As cooperativas catarinenses ignoraram a recessão de 2015 e 2016 e, com foco no mercado e aperfeiçoamento constante da gestão, cresceram aproximadamente 15% no ano de 2017. As 263

cooperativas catarinenses ativas reúnem mais de dois milhões de associados, mantêm 58 mil empregos diretos e faturam mais de R\$ 31,5 bilhões de reais por ano.

As figuras 1, 2, 3 e 4 ilustram claramente que o cooperativismo catarinense tem muitos aspectos que o tornam referência nacional e que o contínuo investimento nos objetos da atividade indicam crescimento do sistema para os próximos anos. A figura 1 indica o número de cooperativas que estão ativas em SC por ramo de negócio.

Figura 1- Número de Cooperativas em Santa Catarina

**Número de cooperativas, por ramo, em 31/12/2017**



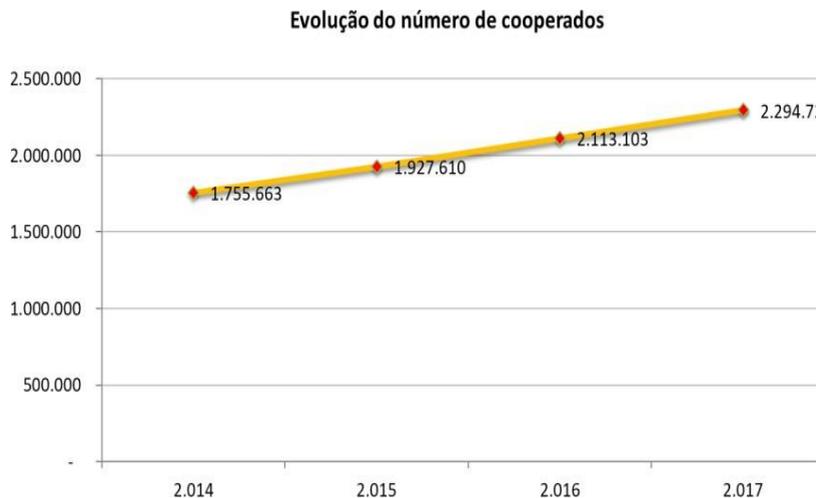
Fonte: OCESC 2018.

Dos 13 ramos de atuação do cooperativismo brasileiro aprovados no ano de 1996, Santa Catarina tem participação em 12 deles. Não constam no gráfico as cooperativas de Turismo e Lazer, que são responsáveis por oferecer serviços de viagens, entretenimento, hospedagem, entre outros, inerentes à atividade turística. Algumas cooperativas optaram pela diversificação de suas atividades, e, conforme Ferreira e Braga (2004), levam vantagem competitiva por comercializarem maior número de produtos ou de serviços com custos em escala menor, o que não ocorreria com as cooperativas especializadas. A Figura 1 aponta que as cooperativas agropecuárias, foco dessa dissertação, encontram-se em segundo lugar na participação do mercado em SC, sendo superadas apenas pelas cooperativas de crédito.

Assim como o número de cooperativas é elevado no estado de

SC, também o número de cooperados é cada vez maior, deixando evidente a procura da comunidade por novas opções de trabalho, maiores garantias de negócios e formas de rendimentos. A figura 2 ilustra a evolução do número de cooperados no período de 2014 a 2017.

Figura 2 - Número de Cooperativas em Santa Catarina



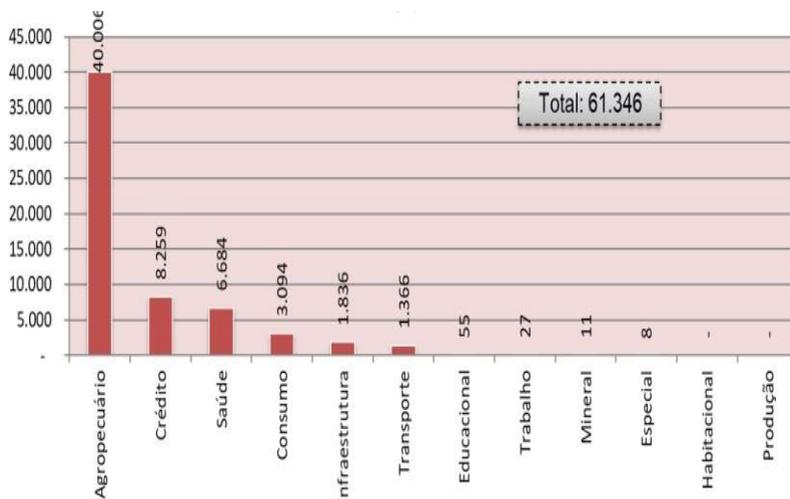
Fonte: OCESC 2018.

De acordo com a OCESC (2018) o número de cooperados em SC apresenta um crescimento positivo, além disso, mais da metade da população está vinculada ao cooperativismo. Os dirigentes da OCESC destacaram também o crescimento do quadro social no segmento de jovens e mulheres em SC. Em 2014 contavam com 653.309 mulheres associadas e 256.438 jovens associados de até 25 anos, e em 2017 esse número passou para 909.549 mulheres e 348.783 jovens associados.

As cooperativas utilizadas neste estudo empírico - COOPERJA, de Jacinto Machado e COOPERSULCA, de Turvo, contribuem com este cenário registrando respectivamente, 1812 e 2030 associados em 2017 (OCESC, 2018).

Com um cenário promissor, as cooperativas são fontes de diversas formas de emprego. Assim sendo, a figura 3 ilustra o número de colaboradores por ramos de atividade.

Figura 3 - Número de colaboradores, por ramo, em Santa Catarina (2017)

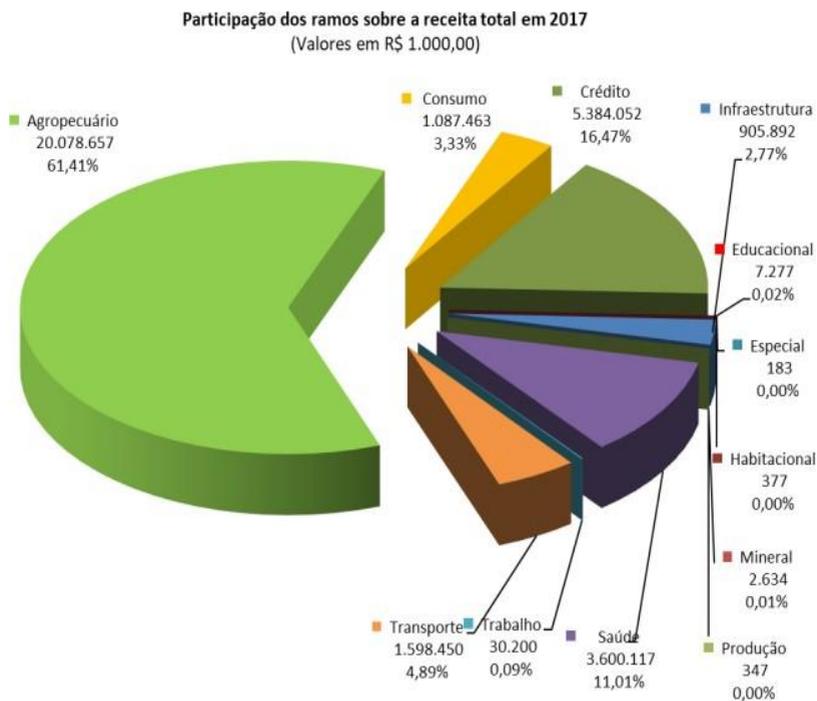


Fonte: OCESC 2018.

O quadro geral do desempenho das cooperativas revela que em 2017 o número total de empregados diretos aumentou 5% em relação ao ano anterior, passando de 60.000 colaboradores. O presidente da OCESC, Luiz Vicente Suzin (TVGC, 2017, p.1), ressalta que “o foco na formação profissional também é uma das prioridades do sistema e justificam o bom andamento das cooperativas” e que o fato de “disponibilizar cursos, seminários e palestras aos dirigentes, gestores e colaboradores, é uma forma de mantê-los atualizados sobre as inovações nos mais diversos setores da economia”.

Outro dado importante é a participação por ramo de atividade das cooperativas na receita do estado, ilustrado na figura 4.

Figura 4 - Participação das cooperativas - por ramo de atividade - na receita de Santa Catarina em 2017



Fonte: OCESC, 2018.

As cooperativas dos ramos agropecuário, crédito, saúde, transporte, consumo e infraestrutura, registraram o movimento econômico mais expressivo. Os ramos de trabalho, produção, habitacional, mineral, especial e educacional, que apresentam menor expressão econômica, possibilitam a promoção de renda às pessoas físicas, que organizadas na forma de cooperativas prestam serviços especializados aos mais diversos segmentos da sociedade. Destaca-se que as 51 cooperativas agropecuárias representam 61,41% do movimento econômico de todo o sistema cooperativista catarinense, totalizando o montante de R\$ 646.326.000,00 de sobras, antes das destinações legais e estatutárias, e receitas totais no valor de R\$ 20.221.440.000,00.

Com a evolução dos dados ilustrados acima, observa-se que o

movimento cooperativista conquista cada vez mais espaço no cenário do desenvolvimento social e econômico da população, o que leva ao estudo do próximo tópico: cooperativismo.

## 2.2 COOPERATIVISMO

O cooperativismo surgiu diretamente da prática de trabalhadores que, utilizando-se de seus esforços e de ajuda recíproca, organizaram os recursos econômicos coletivos com o propósito de alcançar a saciedade de suas necessidades e carências (CARDOSO, 2014). Para Carvalho (2011) é um movimento que brota da própria sociedade beneficiada, sendo uma das poucas doutrinas econômicas nascidas desse modelo, contrapondo-se a outras, nascidas do exercício do pensamento de intelectuais. Trata-se de uma forma de trabalho coletivo e de gestão cooperativa, onde, de acordo com um dos princípios do cooperativismo, cada cooperado tem o direito a um único voto, e propõe que cada membro (cooperado) pode inferir - ou interferir - diretamente no destino do empreendimento (GAIGER, 2013).

Segundo Gaiger (2013) o cooperativismo foi originalmente introduzido no Brasil por imigrantes europeus, no final do século XIX, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, como artifício para superar os casos de flagrante desamparo em que viviam algumas comunidades. Nesta época surgiram algumas cooperativas de ramos diferenciados, como as cooperativas de consumo, as de crédito e as agropecuárias, localizadas principalmente no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro.

Por sua versatilidade, o cooperativismo se mostra como unidade facilitadora de transações, e, conseqüentemente, promove a diferenciação da corporação cooperativa em relação aos demais competidores, tanto em vantagens competitivas permanentes, quanto em ganhos em qualidade.

Alguns investimentos, que até então eram realizados por grandes empresas capitalistas, passaram a ser realizados também por cooperativas. O motivo dessa mudança deu-se principalmente por: a) abarcarem a grande fatia de incentivos fiscais governamentais e bancários; b) absorver possíveis riscos econômicos; c) ter facilidade de acesso ao capital disponível para esse tipo de investimento; d) possuir capacidade de aproveitamento de ganho na economia de escala (TRIGUERO-CANO; CUERVA NARRO, 2011).

Nestes últimos anos, as cooperativas agroalimentares investiram pesadamente em tecnologia nas fases de produção e de transformação de

seus produtos, e em pesquisa e desenvolvimento (P&D), configurando um caminho estratégico no campo da inovação tecnológica e social, além destes, com altos investimentos em valores intangíveis. Assim, abre-se um novo olhar para os valores sociais (TRIGUERO-CANO; CUERVA NARRO, 2011).

De acordo com a OCB (2018), para guiar os cooperativistas em torno do mundo, foram estabelecidos sete princípios, permanecendo os mesmos desde que foi criada a primeira cooperativa da história, durante a Revolução Industrial, em 1844. São eles:

**1º- Adesão voluntária e livre:** as cooperativas são abertas para todas as pessoas que queiram participar, estejam alinhadas ao seu objetivo econômico e dispostas a assumir suas responsabilidades como membro. Não existe qualquer discriminação por sexo, raça, classe, crença ou ideologia.

**2º- Gestão democrática:** as cooperativas são organizações democráticas controladas por todos os seus membros, que participam ativamente na formulação de suas políticas e na tomada de decisões. Os representantes oficiais são eleitos por todo o grupo.

**3º- Participação econômica dos membros:** em uma cooperativa, os membros contribuem equitativamente para o capital da organização. Parte do montante é, normalmente, propriedade comum da cooperativa e os membros recebem remuneração limitada ao capital integralizado, quando há. Os excedentes da cooperativa podem ser destinados às seguintes finalidades: benefícios aos membros; apoio a outras atividades aprovadas pelos cooperados, ou, para o desenvolvimento da própria cooperativa. Tudo sempre decidido democraticamente.

**4º- Autonomia e independência:** as cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas por seus membros, e nada deve mudar isso. Se uma cooperativa firmar acordos com outras organizações, públicas ou privadas, deve fazer em condições de assegurar o controle democrático pelos membros e a sua autonomia.

**5º- Educação, formação e informação:** ser cooperativista é se comprometer com o futuro dos cooperados, do movimento e das comunidades. As cooperativas promovem a educação e a formação para que seus membros e trabalhadores possam contribuir para o desenvolvimento dos negócios, e, conseqüentemente, dos lugares onde

estão presentes. Além disso, oferece informações para o público em geral, especialmente jovens, sobre a natureza e vantagens do cooperativismo.

**6º- Intercooperação:** cooperativismo é trabalhar em conjunto, e é assim, atuando juntas, que as cooperativas dão mais força ao movimento e servem de forma mais eficaz aos cooperados. Sejam unidas em estruturas locais, regionais, nacionais ou até mesmo internacionais, o objetivo é sempre se juntar em torno de um bem comum.

**7º- Interesse pela comunidade:** contribuir para o desenvolvimento sustentável das comunidades é algo natural ao cooperativismo. As cooperativas fazem isso por meio de políticas aprovadas pelos membros.

Com base nesses princípios, as cooperativas são responsáveis por transformações no contexto social e econômico em que estão inseridas, e visam, principalmente no nível local e regional, melhorias nas relações do trabalho, produção e consumo, além dos diversos benefícios e parcerias para a comunidade.

A cooperação, para Lago e Silva (2011), apresenta-se como uma forma de organização do trabalho, que pode ser encontrada em todas as formas sociais, modos de trabalho e de produção, e são manifestações de mútua cooperação, surgindo normalmente em momentos de adversidade, em que existe a necessidade de cooperação para sobreviver ou competir.

Para o Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil - SICOOB/SC (2016), o movimento cooperativista é uma forma diferenciada e inovadora de buscar alternativas no mercado tradicional, visto ser um ambiente cada vez mais veloz e absolutamente globalizado, cujos desafios em conseguir vantagens competitivas, nunca foram tão complexos. Neste sentido, o cooperativismo traduz na sua identidade alguns ingredientes imprescindíveis à filosofia inovadora, desde os processos colaborativos até as questões de ética e abertura de mercados.

## 2.3 INOVAÇÃO

*“Sempre dizemos a nós mesmos: temos que inovar. Precisamos ser os primeiros a nos superar” (Bill Gates, Microsoft).*

Mais do que ouvir falar em inovação, constata-se que o avanço

das pesquisas científicas e tecnológicas são realidades que prosperam as teorias e práticas da inovação. Normalmente, relaciona-se o termo inovação à crescimento econômico e empresarial, onde um mercado cada vez mais competitivo exige ações estratégicas que encantem o público consumidor, ou que tragam novos produtos ou novas formas de fazer para convergir com os objetivos propostos e novas vantagens competitivas (TROTT, 2012).

A vantagem competitiva, segundo Tidd e Bessant (2015), pode estar relacionada ao tamanho e patrimônio envolvidos na organização, embora o cenário esteja cada vez mais propício aos que unem conhecimentos e avanços tecnológicos, inovando não apenas em seus produtos e serviços, mas também, nas formas de criá-los e lançá-los.

O Manual de Oslo, documento publicado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE, em sua terceira edição, adota a seguinte definição para a inovação:

A implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas (OCDE, 2006, p.55).

Novos produtos ajudam a conquistar e manter o mercado, além de aumentar a lucratividade (TIDD; BESSANT, 2015). Além disso, novos processos e novos modelos de negócios promovem uma vantagem competitiva. A competitividade contra o tempo e a substituição de produtos por novas versões é cada vez maior. Pode-se oferecer um *design* diferenciado, um custo menor, mais qualidade e benefícios no produto, ou apenas acompanhar as modificações impostas pelo ambiente.

Tidd e Bessant (2015) afirmam também que as alternâncias socioeconômicas que dizem respeito às necessidades, aspirações, aquisições, ganhos e crenças das pessoas, geram oportunidades de inovação. Trott (2012) ao tratar desse contexto mutável, afirma que a organização que não inova está fadada à morte.

Em se tratando do conceito de inovação, um dos autores mais citados pelos pesquisadores é Joseph Schumpeter (BIGNETTI *et al.*, 2008). Segundo Bignetti *et al.* (2008) Schumpeter vinculou inovação à geração de valor econômico, com a introdução de um novo bem, método, serviço, mercado, ou fonte de matéria prima, ainda não

conhecido ou experimentado, ou que, em sua existência, apresentasse um diferencial, e não necessariamente, derivasse de qualquer descoberta científica.

De acordo com Quintane *et al.* (2011), para avaliar a inovação das organizações é fundamental compreendê-la claramente. O termo inovação, por sua natureza multidimensional, pode ser conceituado em vários cenários e decorre da complexidade do fenômeno em si, sendo: a introdução de novos produtos ou processos (FARR; WEST, 1990), a atividade inovadora das organizações - processos (ARMOUR; TEECE, 1980; TERZIOVSKI, 2010), difusão de inovação - marketing (HOFFMAN; ROMAN, 1984), capacidade inovadora e criação (SUBRAMANIAM; YOUNDT, 2005). Trott (2012) aponta que a inovação não é uma ação isolada, e portanto, deve-se agir de maneira integrada.

Baregheh, Rowley e Sambrook (2009) também constataram em sua definição a dimensão multidisciplinar da inovação, ao afirmar que o conceito apresenta particularidades das áreas de negócio e gestão, economia, estudos organizacionais, empreendedorismo, ciências e engenharias, tecnologia, gestão do conhecimento e marketing. Para esses autores a inovação é definida como:

Um processo de várias etapas, por meio das quais, organizações transformam ideias em novos [ou melhorados] produtos, serviços ou processos, com o objetivo de avançar, competir e se diferenciar no mercado de atuação (BAREGHEH; ROWLEY; SAMBROOK, 2009, p.1334).

Para Tidd e Bessant (2015) a inovação é movida pela capacidade de visualizar oportunidades, de repensar a forma como se olha para algo e aproveitar-se dessa situação, não tratando necessariamente de abrir novos mercados, mas de implementar novas formas às já existentes. A base para inovação, segundo Stefanovitz e Nagano (2014), são as boas ideias, por meio delas têm-se a proposta diferenciada para que oportunidades sejam aproveitadas e problemas resolvidos com o ineditismo necessário.

Em paralelo à economia global, e em decorrência dos inúmeros problemas sociais que assolam o mundo, os pesquisadores no campo da inovação voltam sua atenção também para a economia com foco no social. Neste sentido, a inovação ultrapassa o contexto econômico e ocupa seu espaço no cenário que envolve a comunidade, tendo como objetivo preencher as lacunas deixadas pela baixa aplicação de recursos

ou pelo descaso/inércia do Estado, bem como, para a parcela da sociedade que não é atendida pelas políticas do mercado competitivo. A inovação social deixa o foco do ganho econômico e geração de lucro, para buscar soluções viáveis às necessidades da sociedade humana (BIGNETTI, 2011). Assim, é importante destacar as diferenças entre inovação social e inovação tecnológica, conforme quadro 3.

Quadro 3 - Distinções entre inovação tecnológica e inovação social

Quanto ao (à)	Inovação Tecnológica	Inovação Social
Valor	Apropriação de valor: interesse dos atores econômicos	Criação de valor: interesse dos grupos sociais e da comunidade
Estratégia	Buscar vantagens competitivas	Resolver questões sociais
Local da inovação	Empresa	Ações comunitárias
Processo de inovação	Etapas sequenciais definidas e controladas	Participação dos beneficiários e dos atores da comunidade de forma colaborativa
Difusão do conhecimento gerado pela inovação	Mecanismos de proteção intelectual da ideia/tecnologia	Mecanismos de difusão para replicação e expansão

Fonte: Adaptado de Bignetti (2011).

Para Bignetti (2011, p.7) a inovação social se distingue da inovação tecnológica "principalmente em função da finalidade, da estratégia, do *locus*, do processo de desenvolvimento e da difusão do conhecimento".

No que se refere à criação de valor da inovação social, a mesma encontra-se no envolvimento da comunidade, e o *locus* da inovação social, nos problemas sociais, necessidades e desafios apontados pela comunidade, uma demanda local (BIGNETTI, 2011). Já o *locus* e o valor da inovação tecnológica estão centrados na empresa, no interesse dos atores econômicos com fins na maximização dos lucros (MULGAN *et al.*, 2007).

Na inovação social, o processo de inovação é construído de forma colaborativa, e, na inovação tecnológica, para fins comerciais, o

processo é controlado e desenvolvido por ferramentas específicas da organização.

Quanto à difusão, ela ocorre através do compartilhamento do conhecimento (BIGNETTI, 2011; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010), existindo uma ampla disseminação do conhecimento e dos processos adotados, devendo ser viável, aceitável e replicável (MULGAN, 2006). Já na inovação tecnológica, para fins comerciais, existe uma proteção intelectual (TROTT, 2012).

Verifica-se que ambos os conceitos estão comumente ligados, havendo uma complementaridade entre eles: a inovação tecnológica é estimulada pela inovação social, e esta, por sua vez, pode gerar inovação tecnológica (BIGNETTI, 2011).

Salienta-se que para essa dissertação será aceito e utilizado o conceito de inovação de Baregheh, Rowley e Sambrook (2009, p.1334), visto que considera a inovação como um processo possível de ser desmembrado em etapas, fato este importante para a análise das ações sociais das cooperativas.

## 2.4 INOVAÇÃO SOCIAL

Ao unir conceitos universais, como a inovação e o social, é compreensível que as definições tomaram matizes diferentes nestes últimos dez anos. Alguns destes conceitos são apresentados na seção 2.4.1.

### 2.4.1 Conceitos de Inovação Social

Para a Comissão Europeia (2015) as inovações sociais dizem respeito ao desenvolvimento de novos projetos, serviços ou modelos que melhor atendam às questões sociais e que ofereçam respostas inovadoras às necessidades sociais, com relações sociais criativas e novas colaborações.

Phills *et al.* (2008) trazem um influente conceito de inovação social, como solução inovadora para um problema social que seja mais efetivo, eficiente, sustentável ou justo do que as soluções atuais, e para o qual o valor criado se acumula principalmente para a sociedade como um todo, em vez de indivíduos particulares. Hämäläinen e Heiskala (2007) foram os primeiros a mencionar que as inovações sociais precisavam ser consideradas não apenas como mudanças isoladas, mas de forma mais ampla, como sistêmicas abordagens para problemas

globais.

Por gerar uma mudança, entende-se que em um processo de inovação social no qual os atores procuram mudar as relações sociais, explorar conflitos e lacunas entre as instituições sociais existentes, é necessário pensar em um todo envolvido, para poder criar novas formas de enfrentar os desafios iniciais.

Murray *et al.* (2010, p.3) também argumentam sobre a criação de novas relações ao definir inovação social:

Novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam novas relações ou colaborações sociais. Em outras palavras, são inovações que, ao mesmo tempo, são boas para a sociedade e aumentam a capacidade da sociedade de agir.

Alguns autores como Dagnino e Gomes (2000) e Novy e Leubolt (2005) enfatizam que a inovação social é mais do que resolver um problema, diz respeito também à natureza do processo, e, normalmente, ocorre de forma colaborativa. Segundo Haxeltine *et al.* (2013) a inovação social pode significar: a) uma transformação social; b) um modelo de gestão organizacional; c) um empreendedorismo social; d) o desenvolvimento de novos produtos e serviços; ou, e) um modelo de governança e capacitação.

Embora apontada como alternativa para os problemas sociais e para a crescente preocupação com as falhas do mercado que geram desigualdades, os estudos sobre o tema, segundo Bignetti (2011, p.4):

Ainda não representam parcela significativa das pesquisas acadêmicas, e o conjunto de abordagens, metodologias e práticas, ainda não se constituem num corpo consolidado de conhecimentos.

Todavia, trata-se de um conceito que tem se expandido nas últimas décadas, despertando o interesse de diversos setores da sociedade, bem como diversos atores, como é o caso de pesquisadores, professores, organizações e profissionais responsáveis pelas políticas públicas (MULGAN, 2006; BIGNETTI, 2011; CUNHA; BENNEWORTH, 2013; CAJAIBA-SANTANA, 2014; HAXELTINE *et al.*, 2017; MARQUES; MORGAN; RICHARDSON, 2018).

Para Cajaiba-Santana (2014, p.42) a ideia de inovação social

continua a ser subdesenvolvida e com pouca atenção na compreensão do seu surgimento e difusão. Para o autor, muitas pesquisas sobre o tema trazem como base “evidências anedóticas e estudos de caso que não possuem paradigmas unificadores”.

Haxeltine *et al.* (2017) e Marques; Morgan e Richardson (2018) afirmam que o conceito de inovação social tornou-se bastante difundido, embora sua definição permaneça elusiva. Para esses autores, a literatura permanece fragmentada, desconectada e dispersa entre diferentes campos, necessitando assim, mais pesquisas para que esse construto se fortaleça, de sorte que podem ser observados dois rumos tomados na literatura: alguns autores centram-se na finalidade da inovação, como é o caso de Mulgan (2007), Pol e Ville (2009) e Ezponda e Malilos (2011), eles acreditam que o que caracteriza a adjetivação “social” da inovação é o seu fim, ou seja, a resolução de problemas coletivos - independentemente da forma que foi desenvolvida e da sua origem, neste caso, concentra-se em modelos e programas replicáveis. Por sua vez, autores como Klein (2012) e Moulaert, MacCallum e Hillier (2013) utilizam o termo para se referirem, principalmente, a processos de inovação que, além do seu objetivo social, resultam de atividades desenvolvidas por redes colaborativas.

Salienta-se que, para esta dissertação, as duas visões serão aceitas. Enquanto processo, trata-se de algo construído de maneira coletiva, através do compartilhamento de conhecimento nas cooperativas, e, enquanto resultado, trata-se da atividade final ofertada pela cooperativa para a comunidade. Assim sendo, é o resultado do processo de criação de uma ideia nova, ou, a própria forma de organizar o processo, que gera um valor positivo aos cooperados.

O processo de inovação social nasce de demandas sociais, com maior esforço na mobilização dos atores em busca de formar e organizar redes colaborativas. Os beneficiários das soluções normalmente acompanham todas as fases do processo, fato que não é comum em inovações de negócios, que são operados e mantidos dentro da empresa. Os recursos tendem a ser mais escassos na inovação social, visto que em relação às empresas, encontram-se estruturadas com o mínimo de infraestrutura, pessoas e tecnologia. Também não há grandes investimentos em divulgação, praticamente os bons resultados se divulgam sozinhos (SANTOS DELGADO, 2016).

Para Dufour *et al.* (2014, p.64) a inovação social "é um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de transpiração. Uma boa ideia não é suficiente para mudar a prática". De fato:

Muitos esforços para implementar programas destinados a melhorar a qualidade e os resultados dos serviços humanos não atingiram todo o seu potencial, devido a uma variedade de desafios inerentes no processo de implementação' (AARONS; HURLBURT; HORWITZ, 2011, p.4).

Para os autores, introduzir uma inovação social representa etapas que demonstram o desenvolvimento da mudança proposta, desde a exploração de necessidades e opções, decisão de introduzir uma inovação, preparação do local, implementação inicial, pleno funcionamento e, finalmente, sustentação.

A inovação social foi mencionada pela primeira vez, segundo Cloutier (2003), em 1970, nos estudos de James B. Taylor e Dennis Gabor. Neste cenário multidisciplinar, a inovação social ainda não possui um conceito amplamente aceito, existindo na literatura uma gama enorme de definições. O quadro 4 apresenta alguns desses conceitos.

Quadro 4 - Conceitos de inovação social segundo diferentes autores

Autor (es)	Conceitos de Inovação Social
Taylor (1970)	Busca de respostas às necessidades sociais por meio da introdução de uma invenção social, ou seja, uma “nova maneira de fazer as coisas” uma nova organização social.
Cloutier (2003)	Uma resposta nova, definida na ação e com efeito duradouro, para uma situação social considerada insatisfatória, que visa ao bem-estar dos indivíduos e/ou comunidades por meio de ação e mudança sustentável.
Novy e Leubolt (2005)	A inovação social deriva principalmente: da satisfação de necessidades humanas básicas; aumento da participação política de grupos marginalizados; aumento na capacidade sociopolítica, e no acesso a recursos necessários para reforçar direitos que conduzam à satisfação das necessidades humanas e à participação.
Moulaert <i>et al.</i> (2007)	Ferramenta para uma visão alternativa do desenvolvimento urbano, focada na satisfação de necessidades humanas (e empoderamento) através da inovação nas relações no seio da vizinhança e da governança comunitária.

Phills <i>et al.</i> (2008)	O propósito de buscar uma nova solução para um problema social que é mais efetiva, eficiente, sustentável ou justa do que as soluções existentes, e para a qual o valor criado atinge principalmente a sociedade como todo e não indivíduos em particular.
Murray <i>et al.</i> (2010)	Novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam novas relações ou colaborações sociais. São inovações que, ao mesmo tempo, são boas para a sociedade e aumentam a capacidade da sociedade de agir.
Howaldt e Schwarz (2010)	Um processo de criação coletiva em que os membros de uma certa unidade coletiva, aprendem, inventam e criam novas regras para o jogo social de colaboração e de conflito, de forma mais sucinta, argumentam que seria “uma nova prática social, e nesse processo eles adquirem as habilidades cognitivas, racionais e organizacionais necessárias.
Bignetti (2011)	A inovação social é o resultado de conhecimento aplicado às necessidades sociais através da participação e cooperação de todos os <i>stakeholders</i> , criando soluções novas e duradouras para os grupos sociais, comunidades e sociedade em geral.
Cajaiba-Santana (2014)	As inovações sociais estão associadas com a intenção planejada, coordenada, objetivo orientado e as ações legitimadas empreendidas pelos agentes sociais que visam à mudança social que vão surgir no estabelecimento de novas práticas sociais.
CRISES (2014)	A inovação social é um processo iniciado pelos atores sociais para responder a um desejo, uma necessidade, para encontrar uma solução ou para aproveitar uma oportunidade de ação para mudar as relações sociais, para transformar um quadro ou propor novas orientações culturais para melhorar a qualidade e as condições de vida da comunidade.
TRANSIT (2015)	Inovação Social transformadora, como “mudança nas relações sociais, envolvendo novas formas de fazer, organizar, enquadrar e/ou saber, que desafia, altera e / ou substitui instituições / estruturas dominantes em um contexto social específico”.

Programa LEED da OCDE (OCDE, 2015)	Inovação Social é aquela que diz respeito a: mudança conceitual, de processo ou produto; mudança organizacional; mudanças no financiamento; e pode lidar novas relações com partes interessadas e territórios. Inovação social procura novas respostas para os problemas sociais por: identificar e entregar novos serviços que melhoram a qualidade de vida dos indivíduos e das comunidades; identificar e implementar novos processos de integração no mercado de trabalho, novas competências, novos empregos e novas formas de participação como elementos diversos em que cada um contribui para melhorar a posição dos indivíduos na força de trabalho.
Centre for Social Innovation (CSI, 2015)	Inovação social refere-se à criação, ao desenvolvimento, adoção e a integração de novos conceitos e práticas que colocam as pessoas e o planeta em primeiro lugar. Ainda mais simplesmente, uma inovação social é uma ideia que trabalha para o bem público.
Agostini <i>et al.</i> (2017)	A inovação social é um processo essencial para a evolução da sociedade e da busca de alternativas sustentáveis para o bem-estar coletivo.

Fonte: Adaptado de Bignetti (2011) e baseado em dados pesquisados (2018).

Conforme observado nestes conceitos, o objetivo central da inovação social é satisfazer necessidades humanas que não foram atendidas pelo Estado, nem por entidades mercantis ou pessoas responsáveis.

Um dos conceitos expostos acima, de Murray *et al.* (2010) é bem condizente, e merece destaque ao se encaixar com o objetivo dessa dissertação, pois trata da satisfação das necessidades sociais por meio da criação de novas relações de forma colaborativa, apontando para o fato de que as inovações sociais devem ser consideradas boas para a comunidade e aumentam a sua capacidade de agir. Neste sentido, compreende-se que o movimento cooperativista, dentro dos seus princípios legais, está sincronizado com este conceito.

Pode-se observar, através do relatório para a União Europeia, o *Bureau of European Policy Advisors* (BEPA, 2014), que:

As inovações sociais, que estão surgindo em todo o mundo, ainda são pequenas em escala, mas estão sendo ecoadas por mudanças de pensamento e estão fornecendo soluções cada vez mais eficazes e relevantes. A noção ganhou o

fundamento de que a inovação social não é apenas responder às necessidades sociais prementes e enfrentar os desafios sociais das mudanças climáticas, envelhecimento ou pobreza, mas também é um mecanismo para alcançar mudanças sistêmicas. (...) é visto como uma forma de combater as causas subjacentes dos problemas sociais, em vez de apenas aliviar os sintomas (UNIÃO EUROPEIA, 2014, p.1).

Por ser observada como uma forma de transformação social, entende-se que em um processo de inovação no qual os atores procuram mudar as relações sociais, explorar conflitos e lacunas entre as instituições sociais existentes, é necessário pensar em um todo envolvido para criar novas formas de enfrentar os desafios iniciais. “Devido às dificuldades dos processos cognitivos envolvidos, pode-se esperar que as inovações sociais sejam muitas vezes intrigantes, confusas ou controversas em seus estágios iniciais” (FAIRBAIRN, 2017, p.430).

Por conseguinte, necessita-se de atores inconformistas, com características de pensar fora da caixa, e colocar algo em prática, levando em consideração esta nova forma de pensar a inovação (HARRISSON; KLEIN, 2007).

#### **2.4.2 Atores da Inovação Social**

Os problemas sociais têm graus diferentes de contextualização, intensidade, extensão e atores (PRIM, 2017, p.56). A evolução do processo de inovação social é conduzida por uma contínua interação entre desenvolvedores e beneficiários. São atores que, segundo Bignetti (2011), desejam suprir as necessidades, expectativas ou aspirações da comunidade, e tendem a operar além das fronteiras entre os setores público, privado e sem fins lucrativos.

A mudança pode ser visualizada, segundo Mulgan *et al.* (2007), sob três principais lentes: indivíduos, movimentos sociais e organizações. Contudo, as iniciativas para inovações sociais podem-se dar através de governos, responsáveis pela criação de leis e políticas públicas que atendam as demandas da sociedade. (ANDRÉ; ABREU, 2006; GOLDENBERG *et al.*, 2009; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010). É o que ilustra a figura 5.

Figura 5 - Atores da Inovação Social



Fonte: Prim (2017)

A colaboração entre os múltiplos atores, as parcerias que se formam entre o Estado, o setor empresarial, o terceiro setor, os indivíduos e comunidades, são indispensáveis, refletindo em todo o processo de inovação social, da criação à disseminação (BORGES, 2017; PRIM, 2017; BIGNETTI, 2011). Essas parcerias estão longe de querer entrar em choque com políticas públicas vigentes, à exemplo das direcionadas à infância, adolescência, ao idoso, a questões ambientais, de saúde, moradia, desemprego, entre outras. As soluções geralmente exigem a colaboração ativa destes constituintes e incluem a troca de ideias e valores, a mudança de papéis e relações entre eles, e a mistura de princípios e mecanismos baseados no mercado como os do público e da filantropia, todos levando à dissolução de fronteiras (MIRANDA, 2009).

Para Castro-Spila e Unceta (2015) as parcerias firmadas entre os atores (e que se observa nas cooperativas) contribuem para a inovação social através de diversos recursos, desde financeiros, infraestrutura, voluntariado, acesso à rede, network, alianças estratégicas e colaborações diversas, até recursos organizacionais e de assessoria empresarial.

Os movimentos sociais representam novas práticas em grupo, onde cada ator participante expressa sua posição livremente, e, em vez de soluções isoladas, fazem prevalecer as dimensões comunitária e cidadã, unindo forças em ações conjuntas (BIGNETTI, 2011). Para o

autor, diferentes movimentos são relatados ao longo dos últimos séculos, o feminismo, o ambientalismo, o movimento dos sem terra, dos sem teto, dos indígenas, o movimento em prol dos direitos da minoria, contra opressão, entre outros, e geram inovações sociais, pois buscam soluções para necessidades e aspirações sociais.

Cabe ressaltar a importância dos Centros de Inovação Social como atores que trabalham no desenvolvimento de Inovações Sociais. Normalmente são compostos por representantes de variadas entidades, que compartilham de um espaço, recursos e métodos com o objetivo de propiciar um ambiente de pesquisa, e principalmente, de ação.

### **2.4.3 Caracterizando a Inovação Social**

O ato da inovação social começa em "ações desviantes que ignoram as regras institucionais" (HARRISSON; KLEIN, 2007, p.6). Essas ações muitas vezes são desempenhadas individualmente, o que não impede que a organização, de forma geral, também seja um ator da inovação social. Dessa forma, diversas são as características e os modelos que apontam para essa iniciativa. Para que ela ocorra, há a necessidade de pensar fora da rotina do mercado capitalista e voltar seu olhar para o social. Com isso, pergunta-se (LAWRENCE *et al.*, 2002):

a) Como os inovadores sociais podem pensar fora da caixa de organizações existentes para articular um novo modelo?

b) Poderão surgir através da hibridação de modelos existentes ou novos arranjos?

Primeiramente, esse pensar fora da caixa pode levar à descoberta de novas alternativas aos problemas sociais globais. Segundo, as colaborações entre os atores são elementos fundamentais para que o novo modelo surja. Diferentes práticas organizacionais são reunidas objetivamente para formar um novo construto (DI DOMENICO *et al.*, 2010).

Após estudos e discussões, Fairbairn (2017, p.432) caracteriza a inovação social em dez pontos. Os dois primeiros, segundo ele, são reafirmações de definições influentes e significativas de inovação social, e os demais, descrevem conceitualmente uma série de mecanismos, condições e interdependências que podem explicar como uma determinada inovação social emerge e se espalha. São eles:

1. Uma nova solução para um problema social;
2. Grande impacto social, novas relações sociais e capacitação;
3. Pelo menos um ator conscientemente procura mudar a

- sociedade;
4. Um campo institucional dentro do qual existem lacunas ou conflitos, permitindo ao ator trabalhar em algumas instituições para mudar as outras; tensões ou contradições podem estar associadas a um momento de crise ou dificuldade;
  5. Devido à natureza da inovação institucional, o ator pode ser percebido como inconformista, perturbador ou desviante;
  6. Uso de organizações para prototipar e nutrir a inovação social em uma pequena escala;
  7. Criação de formas organizacionais novas ou alternativas através de bricolagem ou hibridação de formas existentes;
  8. Apelos táticos a outros atores e instituições, a fim de legitimar a inovação;
  9. Difusão através de redes para adeptos cada vez mais voluntários, seguindo um padrão logístico;
  10. As fases de desenvolvimento e decolagem serão seguidas pela institucionalização da inovação porque ela satura as populações de adeptos voluntários e atinge os limites de seu impacto.

Para Fairbairn (2017), quando estes pontos se unem, completam uma teoria ou modelo de inovação social suficientemente esclarecedor para sua identificação, e provocam uma mudança na sociedade. Outros autores também pressupõem que a inovação social tem características próprias, como a novidade, criadas a partir de ações coletivas, e ação intencional orientada para o objetivo de impulsionar a mudança (HOWALDT; SCHWARZ, 2010; CAJAIBA-SANTANA, 2014). O quadro 5 apresenta os elementos que caracterizam a inovação social, apontadas por Santos Delgado (2016) em sua tese.

Quadro 5 - Elementos que caracterizam a inovação social ao longo do processo

<b>Características da Inovação Social</b>	<b>Descrição</b>
Originalidade, novidade	Novo para um contexto determinado (local, regional, nacional ou global)
Intangibilidade	Nova ideia, projeto, conhecimento, mudança de/nas relações sociais
Imitável	Transferível, reproduzível
Melhora da qualidade de vida	Vida com melhores condições e melhores opções

Incerteza	Reações diversas frente às mudanças
Onipresente	Pode ocorrer em qualquer lugar
Sustentável	Perdura no tempo e respeita o meio ambiente
Potencial para políticas públicas	Se está incorporado nas políticas públicas
Eficiente	Que seja realizado com pouco gasto de recursos
Resolve problemas sociais	Soluções para os problemas reais das pessoas
Eficaz	Que alcança os objetivos planejados
Agrega valor	Atende os interesses da sociedade em conjunto e não a interesse de particulares
Produz mudanças	Muda a realidade atual para melhor
Transversalidade	Independente da área de ação

Fonte: Adaptado de Santos Delgado (2016).

Dentre as características apontadas por Santos Delgado (2016), evidencia-se o fato de produzir mudança com foco na alteração da realidade atual, bem como ser novidade para determinado contexto. Fairbairn (2017, p.428) completa que “uma mudança acidental ou inconsciente, mesmo que benéfica, não seria uma inovação social. E que a intenção por si só não faz inovação social, é intenção conectada com grande impacto”. É preciso que ela melhore tanto a qualidade quanto a quantidade de vida, sendo assim, que conduza a uma melhor educação, melhor qualidade do meio ambiente e maior expectativa de vida (POL; VILLE, 2009).

Além do caráter inovativo que lhe é peculiar, toda inovação, para ser considerada como tal, deverá ser implementada. Um projeto social inovador é semelhante, ou seja, “precisa ser colocado em prática para que seja avaliado em sua potencialidade de transformação da sociedade” (FARFUS; ROCHA, 2007).

#### 2.4.4 Modelos de Inovação Social

Para auxiliar na identificação e análise da inovação social, sete modelos de autores que se dedicaram à pesquisa do tema, e que são

considerados bastante elucidativos, são evidenciados no artigo de Patias *et al.*, (2017):

### **1º Modelo - As dimensões de análise da Inovação Social de Cloutier (2003):**

A pesquisadora ligada ao CRISES identificou alguns critérios para caracterização de uma inovação social: a) inovadora e experimental em um dado contexto; b) tomada de risco por parte dos atores do projeto; c) impacto sobre políticas sociais; d) qualidade de parceria entre atores; e, e) participação dos beneficiários. E concentra sua atenção nos tipos de inovação social: 1) centradas no indivíduo: que promovam mudanças duradouras, capacidade, empoderamento; 2) orientadas pelo meio: um espaço com a finalidade de melhorar a qualidade de vida das comunidades; e, 3) realizada nas empresas: desenvolvendo novas formas organizacionais e de produção. Os tipos de inovação social ainda são classificados em: a) forma: relacionando-se ao objeto em si, a sua natureza (novas formas, novas relações sociais); b) processo: criação e implementação; c) atores envolvidos: o destino das mudanças; e d) objetivos da mudança: resultados obtidos.

### **2º Modelo - De Tardif e Harrison (2005):**

Modelo concebido após análise de 49 estudos realizados pelo CRISES. Apresenta cinco dimensões de análise de inovação social: 1) Transformações: o contexto macro e micro no qual uma inovação social se desenvolve resulta da identificação de problemas econômicos e sociais; 2) Caráter inovador: a partir do contexto e das respectivas condições de emergência e de mudanças, os atores são impulsionados a desenvolverem novas soluções para a situação problema; 3) Inovação: busca atender aos objetivos gerais dos envolvidos, visando o bem comum, interesse coletivo e cooperação; 4) Atores: a inovação social pode ser desenvolvida por diversos atores, enquadrados como atores sociais, organizações, instituições e intermediários; e, 5) Processo: envolve o modo de coordenação/interação, os meios envolvidos (parcerias, integração, empoderamento, difusão...) e as restrições (complexidade, incertezas...). Nos estudos desenvolvidos junto ao CRISES, a inovação social é analisada em três eixos: a) trabalho e emprego; b) condições de vida; e c) território.

### **3º Modelo - O ciclo de Inovação Social de Mulgan (2006) e que foi aperfeiçoado por Murray *et al.* (2010):**

É o mais presente nos estudos sobre essa temática. Apresenta seis

estágios da inovação social: 1º) Indica os avisos, inspirações e diagnósticos: nele é identificado o problema, a necessidade, a aspiração que precisa ser suprida, buscando identificar suas causas; 2º) Propostas e ideias: atores dedicam-se à geração de novas ideias, criando soluções para a necessidade identificada; 3º) Protótipo e piloto: fase em que as ideias são testadas na prática; 4º) Manutenção: representa o momento de aprimorar as ideias, de forma que garanta a viabilidade financeira da solução, para que ela possa ser praticada por um longo período; 5º) Escalabilidade e Difusão: define as estratégias para a expansão ou multiplicação da iniciativa e difusão das inovações sociais; e, finalmente, o 6º) Mudança sistêmica: é o objetivo final de uma inovação social, de forma a influenciar movimentos sociais, modelos de negócio, leis e regulamentações, enfim, a estrutura social como um todo. Envolve mudanças do setor público, do setor privado, da economia e das famílias. Apesar da apresentação parecer linear, assemelha-se mais a múltiplas espirais e as “fases” são interativas e sobrepostas (MURRAY *et al.*, 2010).

#### **4º Modelo - O projeto Rede Quebequense em Inovação Social (2007):**

Rollin e Vicent (2007) apresentam caminhos que os atores utilizam para resolução de um problema, necessidade ou desejo, e a implementação de uma estratégia inovadora. Eles identificaram quatro fases no processo de uma inovação social: 1) Emergência: os atores identificam o problema e apresentam uma solução que será desenvolvida através da criação/invenção, adaptações e/ou transformações de uma política existente, ou ainda, da transferência de conhecimentos (por exemplo: de algum pesquisador); 2) Experimentação: acontece formalmente (geralmente com o auxílio de universidade ou representantes de governo) ou informalmente (aplicação da estratégia e observação informal), ou de ambas as formas; 3) Apropriação: quando uma inovação é disseminada a outros contextos, sejam eles territórios ou organizações, acontece a sua apropriação ampla; 4) Difusão/aliança: a difusão favorece a institucionalização e pode se dar de duas formas: a) formal: divulgação nos meios de comunicação, pesquisa de difusão (acadêmico ou outro), seminários e fóruns; e b) informal: reunião de atores em um ambiente informal.

#### **5º Modelo - As variáveis de Buckland e Murillo (2013):**

Buscam responder questões básicas sobre inovação social, como por exemplo: Como, quando, e em quais condições a inovação social é

mais efetiva? Qual seu impacto? Em que medida alcança seus objetivos? Quem são os principais interessados que a iniciativa tenha êxito e quais mecanismos dispõem?

Apresentam cinco variáveis chave: 1) Impacto e transformação social; 2) Colaboração intersetorial: é incomum um trabalho de inovação social isolado, particularmente na era das redes, onde as fronteiras entre o indivíduo privado, público, coletivo são cada vez mais tênues; 3) Sustentabilidade econômica e viabilidade a longo prazo; 4) Tipo de inovação: de um modo geral, são de dois tipos: a) aberta: os usuários e outras partes interessadas são livres para copiar uma ideia, reutilizá-la ou transformá-la; e, b) fechada: com base no conceito de propriedade intelectual; e, 5) Escalabilidade e replicabilidade: a maioria dos problemas sociais são globais e normalmente apresentam soluções que podem ser estendidas a outras localidades, povos e nações. Na concepção dos autores, as inovações sociais devem ser provadas, testadas, e seus resultados devem causar impacto social mensurável, tanto local quanto global.

#### **6º Modelo - O Processo de Inovação Social de Cunha e Benneworth (2013):**

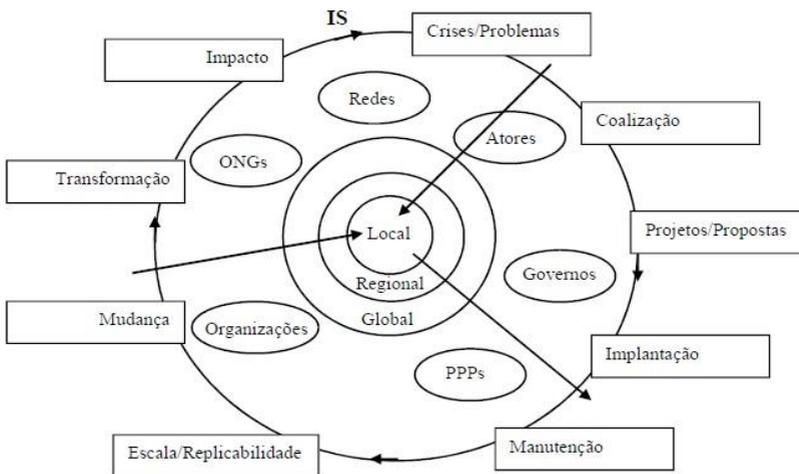
O processo se baseia na revisão desenvolvida por outros pesquisadores como Mulgan (2006), Westley *et al.* (2006) e Neumeier (2012) e consiste de sete fases: 1) Geração de ideias: solução para o problema social encontrado, normalmente com uma multidão de atores envolvidos; 2) Espaço protegido: é necessário um plano para implementação da inovação social, com um espaço protegido para experimento e para colocar esse plano em ação; 3) Demonstração: aplicação da nova solução de forma a avaliar se a ideia é viável e funciona efetivamente; 4) Expansão: se a solução for possível de escala, é provável que consiga um compromisso significativo de recursos e da mobilização para a sua realização; 5) Estabelecer equipe piloto: de forma a desenvolver e melhorar a solução inovadora, com manutenção do espaço protegido; 6) Codificação: contribuirá para o aumento de escala da solução, o que significa que mais indivíduos ou organizações estarão envolvidas na aplicação desta solução em novos contextos, lugares ou circunstâncias; e, 7) Difusão: no final do processo de inovação social obtém-se o resultado, que é a solução. A difusão trata do compartilhamento desta nova solução.

#### **7º Modelo - A teoria da Inovação Social Transformadora – Teoria TSI, proposta por Haxeltine *et al.* 2013:**

Projeto que tem por objetivo explorar transformações rumo a sociedades mais inclusivas, resilientes, sustentáveis, e assim, mais capazes de responder eficazmente aos desafios sociais (HAXELTINE *et al.*, 2013). Apresentam três categorias de classificação para inovação social: 1) Inovações sociais de base: cujas demandas sociais não são abordadas pelo mercado e que são dirigidas aos grupos vulneráveis da sociedade; 2) Iniciativas a nível mais amplo: abordagem dos desafios sociais direcionados para a sociedade como um todo; 3) Iniciativas do tipo sistêmica, que se relacionam com mudanças fundamentais, com uma sociedade mais participativa, atendendo suas próprias necessidades, e menos dependente.

Esses são os modelos estudados no artigo de Patias *et al.* (2017), auxiliando na identificação e análise, e possibilitando uma reflexão aprofundada sobre o tema inovação social. Dos modelos apresentados, Patias *et al.* (2017) desenvolveram um modelo próprio, aglutinador, que serve de referência para outros estudos, e expressa a essência do que os autores dos modelos existentes apresentaram. A figura 6 representa essa essência da inovação social.

Figura 6 - Processo e dimensões de uma inovação social



Fonte: Patias *et al.* (2017, p.132).

Segundo os autores, o círculo maior, com setas, representa

movimento. Está associado ao constante surgimento de novos problemas, crises e desafios, bem como, associado a inovações sociais que venham na mesma velocidade, para resolver ou minimizar estas causas. A próxima etapa, normalmente, seria a coalizão de pessoas (atores) que podem estar organizadas (em rede) ou que podem ser organizações privadas (empresas), públicas (governos), público-privadas (PPPs) ou do terceiro setor (ONGs). O levantamento de ideias e a elaboração de protótipos para serem analisados pelos diferentes atores são representados pelos projetos e propostas. Conforme os autores:

Há que se ampliar os aspectos de análise para além dos modelos e etapas, refletindo sobre o modo de desenvolvimento predominante atualmente, enfrentando as causas de forma profunda e não paliativo, tornando as inovações sociais duradouras e não meras ações beneficentes (PATIAS *et al.*, 2017, p.144).

A implantação e manutenção são fases de execução do projeto, permitindo correções e avaliações constantes. O potencial da inovação social em atingir seus objetivos locais, regionais ou globais, é percebido na fase da escala e da replicabilidade. As fases da mudança e da transformação, com a participação de todos os envolvidos, são momentos em que a inovação social se consolida. O impacto de uma inovação social é uma meta a ser seguida, principalmente os relacionados ao empoderamento, não descuidando dos elementos econômicos, e atentos aos aspectos ambientais e sociais.

## 2.5 INOVAÇÃO SOCIAL *versus* COOPERATIVA

Ao falar em inovação social, a literatura traz conceitos de diversas áreas do conhecimento, relacionando-a à: **trabalhos colaborativos** (PRIM, 2017), **sustentabilidade de energia** (HITEVA; SOVACOOLB, 2017; MAGNANI; OSTI, 2016; VAN DER SCHOOR *et al.*, 2016), **conjuntos habitacionais** (CABRÉ; ANDRÉS, 2017; BOUCHARD, 2006), **saúde e inclusão social** (RIVA-MOSSMAN *et al.*, 2016; ANGELINI *et al.*, 2016; TAN *et al.*, 2013), **turismo sustentável** (DOS SANTOS; LESSA, 2017; BERNARDINO; SANTOS, 2017), **gestão democrática** (MICHAUD; AUDEBRAND, 2018; VÉZINA; MALO, 2017; VIETA, 2010), **renda e bem-estar** (YEASMIN; KEMPPAINEN-KOIVIST, 2017; OKANO;

VENDRAMETTO; SANTOS, 2017; DUFOUR; LESSARD; CHAMBERLAND, 2014; KOLK; LENFANT, 2015; HAN *et al.*, 2014; VIETA, 2010; ALMEIDA; MELLO; ETZKOWITZ, 2012; KANTER, 1999; QUANDT *et al.*, 2017).

A cooperação é assunto muito discutido quando se fala em alternativas para acelerar o desenvolvimento econômico e social dos países, como parte de solução para diversos problemas de uma sociedade mais complexa. De acordo com Miranda (2009, p.127), a cooperativa surgiu para permitir o alcance de uma justa distribuição de riqueza social, viabilizar a igualdade de oportunidades para todos, evitar que os homens se explorem, e, principalmente, para frear o predomínio do capital sobre a atividade humana. A sociedade cooperativa pressupõe o levante de uma ação cooperativa que se fundamenta na solidariedade de homens que almejam não apenas a supressão de necessidades materiais (de caráter econômico), mas anseiam, também, promover o progresso, o bem-estar e a transformação moral do homem.

Nesse contexto, o autor afirma que os serviços oferecidos por uma cooperativa, visam fortalecer o poder de compra e venda dos associados, a utilização justa de recursos, o compartilhamento de conhecimentos e estratégias, a distribuição das sobras e perdas, anunciando e buscando novas possibilidades de atuação no mercado. Além disso, tratar de inovação social em ambientes cooperativos é fazer valer o espírito do cooperativismo na sua essência, em ambientes menos favorecidos, afetados por fatores diversos (MIRANDA, 2009).

Após a análise dos artigos selecionados como válidos para esta pesquisa, observa-se que diversas foram as contribuições das ações realizadas pelas cooperativas na promoção do desenvolvimento regional e local, fomentando em muitos casos a inovação social. A partir da revisão da literatura, pode-se concluir que inovação social e cooperativismo são construtos de grande impacto social, e que ambos têm em comum, a busca pela transformação benéfica de um todo.

Salienta-se que foram selecionados para a análise e estudo, apenas os artigos com foco em casos empíricos, de forma a identificar as ações das cooperativas na sociedade. O quadro 6 apresenta uma síntese desse estudo, destacando as principais iniciativas que as cooperativas realizaram e que fomentaram a Inovação Social.

Quadro 6 - Iniciativas de Inovação Social

Autor	Tipo de iniciativa	Relacionado a:
Michaud e Audebrand (2018)	Incluir a cooperativa na comunidade; fornecer recursos humanos (voluntariado) e ofertar recursos materiais	Gestão Democrática
Yeasmin e Kemppainen-Koivist (2017)	Identificar oportunidades de trabalho na sociedade	Renda e bem-estar
Dos Santos e Lessa (2017)	Modelo de turismo sustentável com a valorização do patrimônio cultural dos Mercados Municipais e valorização dos produtos agroalimentares produzidos localmente	Turismo sustentável
V'Ezina e Malo (2017); Harrisson, Chaari e Comeau-Vallee (2012)	Banco cooperativo para gerar inovação social. Soluções Financeiras	Gestão Democrática
Fare <i>et al.</i> (2017)	O sucesso dos projetos de reflorestamento depende do atendimento das necessidades humanas fundamentais da população local: saúde, segurança, bem-estar, integração à sociedade, respeito, acesso ao conhecimento, autorrealização.	Renda e bem-estar
Almeida, Mello e Etkowitz (2012)	Capacita os moradores das favelas a criarem seu próprio emprego	Renda e bem-estar
Kolk e Lenfant (2015); Han <i>et al.</i> (2013)	Parcerias para melhorar o desempenho da cooperativa e contribuir para ações de inovação social, gerando resultados econômicos, culturais e ambientais	Renda e bem-estar
Bernardino e Santos (2017)	Novas atividades econômicas embasadas nas características montanhosas da aldeia:a) acomodação e restauração; b) o turismo e a natureza; c) atividades de silvicultura e médio ambiente; d) apicultura; e) artesanato.	Turismo sustentável

Cabré e Andrés (2017); Bouchard (2006)	Fornecer habitação a preços acessíveis	Conjuntos habitacionais
Hiteva e Sovacoolb (2017)	Maior distribuição de benefícios energéticos e custos reduzidos, e acessibilidade, maior participação no processo e tomada de decisões no uso de energia.	Sustentabilidade de energia; Gestão Democrática
Magnani e Osti (2016), Van der Schoor <i>et al.</i> (2016)	Redução do custo da eletricidade para famílias individuais e com uma parte do lucro, investimento em projetos de desenvolvimento local	Sustentabilidade de energia
Okano, Vendrametto e Santos (2017)	Investimentos tecnológicos e em processos de produção aumentaram a qualidade e a produção do leite, obtendo com isso, melhor remuneração por litro.	Renda e bem-estar
Dufour, Lessard e Chamberland (2014)	Fortalecimento do foco de intervenção psicossocial no bem-estar e desenvolvimento de crianças em situações de negligência ou risco de negligência.	
Zhao e Jinb (2013)	Capacitar as pessoas para enfrentar desafios de desenvolvimento, focando também em segurança social, em especial para agricultores que perdem o direito de uso da terra por expropriação.	
Riva-Mossman <i>et al.</i> (2016); Angelini <i>et.al</i> (2016), Tan <i>et al.</i> (2013)	Incentivar cada vez mais a participação de idosos na comunidade;	Saúde e inclusão social
Vieta (2010)	Recuperação de empresas argentinas por trabalhadores - processo colaborativo e construtivo	Renda e bem-estar; Gestão Democrática

Medvedeva (2012)	Desenvolveu capacidades inovadoras nas pessoas com vistas a uma economia moderna	
Quandt <i>et al.</i> (2017)	Gerar empregos e renda dentro dos territórios cooperativos visando melhor qualidade de vida, bem como a sustentabilidade do local através da agroecologia.	Renda e bem-estar
Langlois e Girard (2006)	Demonstrar as possíveis contribuições para o desenvolvimento e para a sustentabilidade de uma inovação social	
Kanter (1999)	Empresas líderes produzem inovações que geram ganhos comunitários	Renda e bem-estar

Fonte: Da autora com base em artigos selecionados nas bases *Scopus* e *Web of Science* (2018).

Por meio da leitura mais aprofundada dos artigos válidos para a pesquisa, buscou-se relacionar as ações que foram descritas e classificadas como inovação social, com as características apontadas na literatura. Todos os artigos apresentaram uma característica comum e primordial: **novas soluções para satisfação de necessidades sociais**, bem como, **atores conscientes da mudança**. Além destas, ficaram evidentes características relacionadas à **melhor qualidade e quantidade de vida; melhores condições de trabalho e renda; mudança nas relações sociais; mudança organizacional; desenvolvimento sustentável; mobilização das comunidades locais e governança democrática**.

Do estudo, buscou-se identificar também, o desenvolvimento do processo de inovação social, verificando os atores responsáveis pela ação, o envolvimento dos beneficiários, a solução aplicada ao problema, os objetivos almejados e os resultados obtidos.

Apresenta-se a seguir, a síntese do estudo de alguns dos artigos válidos, possibilitando identificar essas análises:

### 2.5.1 Síntese de alguns artigos válidos

No artigo de Hiteva e Sovacoolb (2017) quatro estudos de caso são apresentados e discutem como uma cooperativa de energia sustentável pode proporcionar maior distribuição de benefícios e custo

reduzido a uma determinada comunidade. A acessibilidade à energia de menor custo e a maior participação da comunidade no processo e tomada de decisão também são temas tratados neste estudo: 1) a Carbon Cooperative chama os indivíduos a contribuírem com o seu conhecimento no melhoramento das casas, a fim de reduzir o consumo de energia elétrica doméstica; 2) a Robin Hood Energy compra energia a granel no mercado aberto e fornece gás e eletricidade ao preço mais baixo possível, combinando a experiência de especialistas locais e estrangeiros, em eficiência em energia e energia renovável; 3) a RenEsco inclui uma vasta gama de atividades destinadas a melhorar a eficiência em energia, como a reparação e isolamento de paredes principais, telhados e fundações; renovação de sistemas de aquecimento e água quente; restauração de isolamento de tubos; instalação de sistemas de monitoramento de energia; 4) a Yansa, que para diminuir o valor e pensar em energia sustentável, desenvolveu projetos de turbinas eólicas para comunidades rurais, e buscou trabalhar com a comunidade na avaliação de recursos, treinamento e conscientizações.

Estes trabalhos chamam a atenção para a forma como as redes de energia da comunidade proporcionam uma inovação social, ao mesmo tempo em que buscam um sistema de energia descentralizado, sustentável e limpo. São os casos citados por Magnani e Osti (2016) e Van der Schoor *et al.* (2016), que têm foco na produção e gestão de energias renováveis, com instalações solares fotovoltaicas. Para essas cooperativas, o importante é a mobilização das comunidades locais e a produção local de energia renovável. De acordo com Van der Schoor *et al.* (2016, p.95):

Pequenas instalações de biomassa, bombas de calor e instalações solares térmicas são tecnologias apropriadas para o indivíduo que deseja se tornar mais independente do fornecimento centralizado de energia.

A inovação social acontece nas comunidades através do envolvimento na produção de energia sustentável, da utilização de recursos financeiros locais na comunidade, no emprego de governança democrática da produção e fornecimento de energia, enfatizando os papéis que os cidadãos ocupam neste processo.

Mais de 460 engenheiros solares descalços treinados pelo *Barefoot College de Tilonia*,

Rajasthan, Índia, têm casas eletrificadas por energia solar em comunidades rurais de 18 países, beneficiando os pobres rurais que ganham menos de US\$ 1 por dia (MURRAY *et al.*, 2010, p.98).

A cooperativa cria ambiente de apoio para que a inovação social ocorra, unindo capital social ao desenvolvimento de habilidades e conhecimentos. Observa-se que não apenas existe a satisfação das necessidades sociais, mas também, a promoção da inclusão social, a capacitação e empoderamento dos envolvidos. “O empoderamento da população local é o principal fator para que as ações de inovação social promovam o desenvolvimento sustentável” (CORREIA *et al.*, 2018).

O estudo realizado por Michaud e Audebrand (2018) apresenta uma organização híbrida, que tem como característica incluir indivíduos da comunidade nos processos das cooperativas locais. Estes indivíduos são reconhecidos como "membros de apoio", ou seja, são convidados a participarem do processo de tomada de decisões e do capital social sem serem formalmente definidos como usuários dos serviços da cooperativa. O objetivo é aproximar a comunidade da gestão das cooperativas, tendo foco em incluir e conscientizar a comunidade da importância do cooperativismo para o desenvolvimento local e regional e fornecer recursos materiais e humanos (voluntariado).

A aproximação da comunidade na gestão da cooperativa e a conscientização dos mesmos sobre o cooperativismo, também estão presentes no caso *Desjardins Environment Fund* (DEF), primeiro fundo de investimento na América do Norte a incluir critérios extra financeiros na avaliação ambiental de negócios, exigindo uma espécie de triagem, que leva em conta práticas ambientais nas empresas e demonstram como uma grande cooperativa pode gerar inovação social. O objetivo principal desta inovação é apoiar um projeto de transformação social. O DEF assume uma missão de cuidar do interesse público, mantendo um diálogo com a sociedade civil, e dessa forma, com menos dificuldade em mobilizar atores sociais (VEZINA; MALO, 2017).

Yeasmin e Kemppainen-Koivist (2017) apresentam uma alternativa de trabalho e renda para um grupo de pessoas desempregadas, e discutem como a cooperativa pode ajudar os associados a conseguirem condições de identificar oportunidades dentro do mercado de trabalho. A falta dessa visão, ou até mesmo, a falta de oportunidade, causa grandes problemas sociais. Por meio de um modelo de rede social sustentável e de cooperação, identificam crenças e valores sociais coletivos, de forma a desenvolver um negócio ou uma empresa social, e assim, impedir o

desemprego de longo prazo. Apresentam as empresas sociais como forma dos grupos beneficiários conseguirem emprego, gerando oportunidade de segurança social básica aos cooperados.

A cooperativa portuguesa, Terra Chã, é estudada por Bernardino e Santos (2017), e seu trabalho é difundir o turismo local e se utilizar da mobilização da comunidade, criando novas relações financeiras e sociais com a valorização dos produtos locais. A inovação social é reconhecida nessa nova forma de trabalho conjunto, criando uma sinergia positiva para o desenvolvimento local. Atividades econômicas são criadas com base nas características montanhosas da aldeia, como por exemplo: a) acomodação e restauração; b) turismo e natureza; c) atividades de silvicultura e meio ambiente; d) apicultura; e, e) artesanato.

Já o estudo de Vieta (2010) destaca os princípios do cooperativismo, que utilizados de maneira colaborativa e auto gerenciada, fomentaram a recuperação de diversas empresas argentinas. O autor mapeia inovações sociais lideradas nesse processo e avalia as transformações sociais e econômicas que essas inovações promoveram, especialmente durante tempos econômicos difíceis. Vieta (2010) cita algumas ações desenvolvidas pelos colaboradores, como a reciclagem com propósitos econômicos e ecológicos; acesso a diversas fontes de financiamento governamentais e programas de desenvolvimento de parceria com equipes de pesquisa de universidades - ONGs estrangeiras, ou outras iniciativas de pesquisa; a utilização de redes de especialistas de institutos técnicos (parceiros) para ajudar nas tarefas administrativas e na reparação tecnológica, dentre outras. Estas ações irão resultar na inclusão social, em mudanças nas relações sociais, melhores condições de vida, melhores condições de trabalho e renda, redes sociais e cooperação.

O objetivo do estudo realizado por Quandt *et al.* (2017) foi demonstrar como a formação de uma cooperativa pode transformar a comunidade, gerando novos empregos e novas possibilidades de fonte de renda dentro do território do cooperativismo. Este fato possibilitou aos agricultores locais, a melhora na qualidade de vida, bem como a sustentabilidade do local, através da agroecologia. A formação da cooperativa possibilitou a oportunidade de ter um espaço de degustação de produtos locais para turistas, bem como a produção e comercialização de artesanato local. O estudo de caso foi realizado em um assentamento localizado no estado de Alagoas, na região nordeste do Brasil, em um contexto de condições socioeconômicas adversas, caracterizado por extrema pobreza e desigualdade. O processo, além de viabilizar novas formas de trabalho e renda, fomentou o empoderamento

da comunidade associativa, de modo a proporcionar desenvolvimento local.

Cabré e Andrés (2017) trazem o estudo de La Borda, uma cooperativa de habitação sem fins lucrativos que é apresentada em três contextos. Primeiro contexto aponta para a crise da habitação, agravada pelo aumento do desemprego e baixos salários e a diminuição da opção de financiamento; o segundo contexto demonstra o surgimento de uma economia social preocupada em fornecer habitação a preços acessíveis, para comunidade necessitada; e no terceiro contexto, a existência de um forte movimento de vizinhança e preocupação com o próximo, ligado ao processo de renovação urbana. O modelo cooperativo de habitação de La Borda é categorizado sob o termo legal “cessão de uso”, onde o beneficiário ocupa o imóvel de forma gratuita, ou se existir condições, em troca de algum tipo de economia ou compensação em espécie. Apresenta-se como exemplo de inovação social por ofertar habitação a preços acessíveis, de forma a responder às necessidades sociais, por ser um modelo de governança de baixo para cima e pelo aumento do empoderamento sociopolítico que incentiva entre seus membros. A cooperativa conta com um trabalho voluntário, onde os membros entram com seu tempo e conhecimentos individuais em busca de soluções sustentáveis para as necessidades de habitação da comunidade local.

Para os pesquisadores Kolk e Lenfant (2015), Bernardino e Santos (2017), Okano; Vendrametto e Santos (2017), as cooperativas além de mostrarem resultados no nível organizacional, apresentando melhor funcionamento, beneficiam e geram resultados em níveis econômicos para os associados, e em prol das necessidades da comunidade. O resultado também demonstra que é possível promover o fortalecimento da sociedade civil, que organizada, empoderada e com foco nas resoluções dos problemas sociais, tem alcançado resultados muito positivos, tanto em termos econômicos, quanto culturais e ambientais.

Dos artigos analisados, dois possuem o foco na saúde. Riva-Mossman *et al.* (2016) e Angelini *et al.* (2016) falam sobre *Senior Living Lab* (SLL), um laboratório social que busca reinventar a forma de envelhecimento, com mudanças de atitudes sociais que incentivam cada vez mais a participação de idosos na comunidade. Essa ação de inovação social, que trabalha a inclusão e melhor qualidade de vida do idoso, também é estudada por Tan *et al.* (2013) ao reforçar e designar-lhes papéis de tutoria nas escolas primárias públicas. O quadro 7 traz a síntese dos artigos apresentados.

Quadro 7 - Síntese das características e iniciativas de IS de alguns dos artigos válidos para a pesquisa

<b>Características de Inovação Social</b>	<b>Iniciativas Observadas</b>	<b>Autor(es)</b>
<p>Novas soluções para satisfação de necessidades sociais; Melhor qualidade e quantidade (expectativa) de vida; Melhores condições de trabalho e renda; Desenvolvimento sustentável; Mobilização das comunidades locais e governança democrática.</p>	<p>Princípio da justiça social: preocupação com acessibilidade; maior participação da comunidade no processo e tomada de decisões; governança democrática, combinando experiência dos especialistas locais, treinamento e conscientização de custos e benefícios; recursos financeiros locais aplicados na comunidade, de forma a criar ambientes de apoio para que a IS ocorra.</p>	<p>Hiteva e Sovacoob (2017); Magnani e Osti (2016); Van der Schoor <i>et al.</i> (2016); André e Abreu (2006).</p>
<p>Novas soluções para satisfação de necessidades sociais; Melhor qualidade e quantidade de vida; Mobilização das comunidades locais e governança democrática; Mudança nas relações sociais; Mudança organizacional.</p>	<p>Aproximação da comunidade na gestão das cooperativas; inclusão da cooperativa na comunidade; fornecimento de recursos humanos (voluntariado); fornecimento de recursos materiais.</p>	<p>Michaud e Audebrand (2018); Vezina e Malo (2017)</p>
<p>Novas soluções para satisfação de necessidades sociais; Melhor qualidade e quantidade de vida; Mudança nas relações sociais; Melhores condições de vida; Mobilização das comunidades locais e governança democrática.</p>	<p>Habitação a preços acessíveis respondendo às necessidades sociais, governança de baixo para cima; aumento do empoderamento sociopolítico; trabalho voluntário buscando soluções sustentáveis.</p>	<p>Cabré e Andrés (2017)</p>

<p>Novas soluções para satisfação de necessidades sociais; Melhor qualidade e quantidade de vida; Mudança nas relações sociais; Melhores condições de trabalho e renda; Mobilização das comunidades locais e governança democrática; Mudança organizacional.</p>	<p>Modelo de rede social sustentável e de cooperação, identificando crenças e valores sociais coletivos; oportunidade de segurança social básica; novas atividades econômicas acrescentando valor aos produtos locais e permitindo atrair turistas; autogestão e cooperativismo dos trabalhadores; reciclagem para propósitos econômicos e ecológicos; acesso a fontes de financiamento governamentais e programas de desenvolvimento de parceria com equipes de pesquisa.</p>	<p>Yeasmin e Kemppainen-Koivist (2017); Bernardino e Santos (2017); Vieta (2010); Quandt <i>et al.</i> (2017)</p>
<p>Novas soluções para satisfação de uma necessidade social; Melhores capacidades e relacionamentos sociais; Melhor qualidade e quantidade de vida.</p>	<p>Trabalha a inclusão do idoso e programa de saúde.</p>	<p>Riva-Mossman <i>et al.</i> (2016); Angelini <i>et al.</i> (2016).</p>

Fonte: Da autora (2018) com base na revisão da literatura.

A revisão da literatura sobre o tema inovação social e cooperativas trouxe vários enfoques, que combinados entre si, convergem em objetivos que vão desde uma resposta a situações sociais não resolvidas, até reorganização e readaptação dos papéis sociais, gerando mudança, transformação e impacto social (BIGNETTI, 2011).

### 2.5.2 Características de inovação social apontadas na revisão da literatura

Para facilitar a discussão dos resultados apresentados no capítulo 5, realizou-se o levantamento das principais características de inovação social, obtidas na revisão da literatura, e os autores que as defendem:

**1. NOVAS SOLUÇÕES PARA SATISFAÇÃO DE UMA NECESSIDADE SOCIAL:** busca de melhores alternativas, de forma a

inovar na solução dos problemas sociais existentes (TAYLOR, 1970; CLOUTIER, 2003; NOVY; LEUBOLT, 2005; MULGAN, 2006; MULGAN 2007; PHILLS *et al.*, 2008; POL; VILLE, 2009; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010; BIGNETTI, 2011; EZPONDA; MALILOS, 2011; CAULIER-GRICE *et al.*, 2012; HAXELTINE *et al.*, 2013; *CENTRE FOR SOCIAL INNOVATION*, 2014; *CRISES*, 2014; PROGRAMA LEED da OCDE, 2015; *CENTRE FOR SOCIAL INNOVATION*, 2015).

**2. ATOR CONSCIENTE DA MUDANÇA:** devido à natureza da inovação institucional, o ator pode ser percebido como inconformista, perturbador ou desviante (CAJAIBA-SANTANA, 2014; FAIRBAIRN, 2017; HARRISSON; KLEIN, 2007).

**3. INSTRUMENTO DE MODERNIZAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS:** combina social com o empreendedor; e, desenvolvimento local (QUANDT *et al.*, 2017; *PHILLIPS et al.*, 2015).

**4. MELHOR QUALIDADE E QUANTIDADE DE VIDA:** representa uma nova e melhorada forma de viver, com mais qualidade e maior expectativa de vida (POL; VILLE 2009; BEPA, 2010; *CRISES*, 2014; PROGRAMA LEED da OCDE, 2015).

**5. MOBILIZAÇÃO DAS COMUNIDADES LOCAIS E GOVERNANÇA DEMOCRÁTICA:** modelo onde a sociedade tem condições de participar ativamente como atores, e uma governança onde não só o indivíduo tenha direito a contribuir, mas tenha respeitada sua opinião (MAGNANI; OSTI, 2016; VAN DER SCHOOR *et al.*, 2016).

**6. MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO E RENDA:** disponibilizar novas formas de trabalho que gerem valor à comunidade (PROGRAMA LEED da OCDE, 2015).

**7. MUDANÇA ORGANIZACIONAL:** novas formas de gerir e proceder nas atividades, que implica em ser desde um modelo de negócio completo, a uma simples mudança de uma tarefa ou ação cotidiana (TAYLOR, 1970; HAXELTINE *et al.*, 2013).

**8. MUDANÇA NAS RELAÇÕES SOCIAIS:** envolve novos saberes, novos elos, conexões e vínculos, novas formas de fazer, de organizar (TRANSIT, 2015; CAULIER-GRICE *et al.*, 2012).

**9. MUDANÇA SUSTENTÁVEL:** a mudança sustentável possibilita que os atores busquem melhores formas de uso dos ativos e dos recursos para fomentar a inovação social (CLOUTIER, 2003; AGOSTINI *et al.*, 2017).

Tendo apresentado a síntese dos artigos definidos como seminiais para esta pesquisa, compreende-se que a inovação social ocorre em alguns casos de forma processual (CUNHA; BENNEWORTH, 2013), e em outros, de forma cíclica (MULGAN, 2006; MURRAY *et al.*, 2010).



### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem o propósito de descrever o caminho que foi percorrido para desenvolver a pesquisa, apresentando conteúdos relacionados ao delineamento da pesquisa e suas etapas, especificando o objeto do estudo, a técnica de coleta, e o tratamento e análise dos dados. É pautado em técnicas e etapas academicamente aceitas e reconhecidas que permitem alcançar e responder aos objetivos propostos.

#### 3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O embasamento teórico dessa pesquisa deu-se por meio de revisão da literatura. Trata-se de uma ferramenta importante e fundamental para elaborar e construir o conhecimento (GALVÃO; SAWADA; TREVIZAN, 2004). Por intermédio dela é possível apresentar a visão de vários autores, não raras vezes, expondo suas teorias, com pontos diversos de um mesmo tema, colaborando na construção e amplitude do conhecimento.

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois segundo Creswel (2010, p.26) “é um meio para explorar e entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano em um ambiente natural”. Oliveira (2002) também explica que, uma pesquisa de natureza qualitativa busca uma melhor compreensão dos fatos investigados, a partir de conteúdos de entrevistas, documentos e observação obtidos no estudo empírico. Os estudos foram realizados nas sedes de duas cooperativas agropecuárias da região da AMESC, a saber, COOPERJA (Jacinto Machado/SC) e COOPERSULCA (Turvo/SC).

Quanto aos fins, é exploratória e descritiva. Para Gil (2009) a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e propiciando constituir hipóteses. O objetivo principal deste tipo de pesquisa é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. A pesquisa descritiva, segundo Rudio (1985), procura analisar fatos e/ou fenômenos, descrevendo detalhadamente a forma como estes fatos e fenômenos se apresentam. É uma análise em profundidade da realidade pesquisada.

Realizou-se uma busca nas bases *Scopus* e *Web of Science*, entre os meses de dezembro de 2017 e março de 2018, a fim de verificar o que se tem discutido a respeito desse assunto. A base *Scopus* foi escolhida por tratar-se do maior banco de dados de resumos e citações da literatura com revisão por pares: revistas científicas, livros, processos de

congressos e publicações do setor, e também, por fornecer uma produção mundial de pesquisa nas áreas de ciência, tecnologia, medicina, ciências sociais e artes e humanidades (ELSEVIER, 2018). A base *Web of Science* foi escolhida por ser, na área de gestão de negócios, reconhecida pela qualidade das publicações armazenadas (MULLER *et al.*, 2013).

A busca foi realizada com os temas conjugados inovação social e cooperativas. A expressão foi traduzida para o inglês "*social innovation*" AND *Cooperativ\**, sendo que a palavra cooperativas foi abreviada de forma a aceitar novas terminações, a exemplo de cooperativismo, cooperativistas, entre outros, o que poderia aumentar ainda mais o número de publicações, e logo, enriquecer a pesquisa. Não foram utilizados filtros para a pesquisa, e todos os artigos coletados foram analisados através da leitura dos resumos e palavras-chave. O resultado da busca apresentou um total de 72 documentos, destes, vinte e seis foram considerados válidos para fundamentar a parte teórica da pesquisa. A listagem dos 26 artigos encontra-se no Apêndice A e no capítulo de referências.

Para a coleta dos dados, utilizou-se as técnicas de entrevistas semiestruturadas, levantamento documental (*sites* das cooperativas e bibliográfico). Para tratamento dos dados utilizou-se a análise temática de Braun e Clarke (2006), baseada nos construtos teóricos formulados a partir da revisão da literatura, em diálogo com os dados obtidos no levantamento empírico.

A primeira etapa da pesquisa foi escolher um tema que, além de despertar o interesse no estudo, pudesse contribuir com a academia. Inicialmente realizou-se a leitura de diversos documentos (artigos, livros, teses e dissertações) para a familiarização e contextualização do tema, na busca de lacunas para área de interesse.

Identificou-se o *gap*, as questões de pesquisa e objetivos norteadores. Para o embasamento teórico, realizou-se em janeiro de 2018 a revisão da literatura, que posteriormente, em 30.03.2018 foi refeita.

A leitura realizada possibilitou a construção da base teórica da pesquisa. Foram destacados os dados de maior importância no contexto, de forma a responder ao objetivo geral. As bases selecionadas foram a *Scopus* e a *Web of Science*, com os temas inovação social e cooperativas.

Na Tabela 1 apresentam-se os critérios de busca dos temas, bem como, a quantidade de produção encontrada nas bases de dados analisadas.

Tabela 1- Critério de busca e quantidade de artigos

<b>Base</b>	<b>Estratégia de busca</b>	<b>Número de Produções</b>
Busca 01 <i>Scopus</i>	<i>TITLE-ABS-KEY "social innovation" AND Cooperativ*</i>	54
Busca 02 <i>Web of Science</i>	TOPICOS " <i>social innovation</i> " AND <i>Cooperativ*</i>	18
<b>TOTAL = BUSCA 01 + BUSCA 02</b>		<b>..... 72</b>
<b>TOTAL DE ARTIGOS SELECIONADOS (EMPÍRICOS)</b>		<b>.. 26</b>

Fonte: Da autora com base na revisão da literatura.

No critério de busca 01, foram localizados cinquenta e quatro documentos na base *Scopus*, e no critério de busca 02, na *Web of Science*, foram localizadas dezoito produções, totalizando setenta e dois documentos para análise com os temas: "*Social Innovation*" and *Cooperativ\**. Não foram utilizados filtros limitadores.

Tabela 2- Número de publicações por ano nas bases pesquisadas

<b>ANO</b>	<b>SCOPUS</b>	<b>WEB OF SCIENCE</b>
<b>2018</b>	1	
<b>2017</b>	15	11
<b>2016</b>	8	5
<b>2015</b>	6	1
<b>2014</b>	8	1
<b>2013</b>	3	
<b>2012</b>	4	
<b>2011</b>	1	
<b>2010</b>	1	
<b>2009</b>	1	
<b>2006</b>	4	
<b>1999</b>	1	
<b>1991</b>	1	
<b>TOTAL</b>	<b>54</b>	<b>18</b>

Fonte: Dados das bases *Scopus* e *Web of Science* em 30.03.2018.

Todos os artigos foram analisados com a leitura dos resumos e palavras-chave. Como critério, foram aceitos para essa pesquisa apenas estudos empíricos, visto que, demonstravam de forma prática, o desenvolvimento de uma inovação social por intermédio de uma cooperativa, e dessa forma, capaz de subsidiar a pesquisa de campo.

Dos 72 artigos localizados, onze foram descartados por estarem repetidos nas bases, e os demais, por se tratarem de pesquisas teóricas. Neste sentido, o *corpus* do trabalho totalizou a leitura na íntegra de vinte e seis trabalhos considerados válidos para esta pesquisa, de forma a compor a parte teórica e fundamentar a pesquisa de campo.

Em paralelo à construção da revisão da literatura, as cooperativas foram contactadas, e confirmou-se a possibilidade de realizar o estudo empírico. Após aprovação da pesquisa nas instituições, efetuaram-se as visitas e as entrevistas.

## 3.2 ETAPAS DA PESQUISA

Neste capítulo descreve-se como foram escolhidas as unidades de pesquisa, o instrumento de coleta de dados, os dados coletados e por último o tratamento dos dados.

### 3.2.1 Escolha da instituição e das unidades de análise

Um dos motivos que levaram à escolha de cooperativas para esta dissertação, resulta no fato de serem consideradas organizações que por sua origem e natureza promovem desenvolvimento econômico, social e sustentável nas comunidades, priorizando tanto o ser humano quanto a natureza que o rodeia e lhe dá sustento.

Dos sete princípios que regem as cooperativas, quatro estão fortemente relacionados à inovação social, são eles: o 2º, 5º, 6º e 7º, conforme quadro 8:

Quadro 8 - Princípios do cooperativismo ligados à inovação social

Princípios	Relação com a inovação social
2º princípio: GESTÃO DEMOCRÁTICA	Refere-se à participação ativa de todos os seus membros tanto na formulação de políticas quanto na tomada de decisões.

5º princípio: EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO	Comprometimento com o futuro dos cooperados, do movimento cooperativista e das comunidades, promovendo educação, formação e informação sobre o cooperativismo.
6º princípio: INTERCOOPERAÇÃO	O objetivo deste princípio é ajuda mútua. As cooperativas se unem em estruturas locais, regionais, nacionais, ou até mesmo, internacionais, em torno de um bem comum.
7º princípio: INTERESSE PELA COMUNIDADE	Contribuição para o desenvolvimento econômico e social das comunidades.

Fonte: Adaptado da OCESC 2018.

As cooperativas promovem o fortalecimento da comunidade, desenvolvendo lideranças válidas e representativas, estimulando a organização, a inclusão, o empoderamento e a participação de centenas de moradores das comunidades para a geração de soluções para os seus problemas.

Segundo a OCESC (2018) o estado de Santa Catarina é um potencializador do setor cooperativista. O crescimento do setor em 2017 foi de aproximadamente 15% em relação ao ano anterior. As 263 cooperativas catarinenses ativas reúnem mais de 2 milhões de associados e um faturamento de mais de R\$ 31,5 bilhões de reais por ano. O setor agropecuário representa uma grande parte do segmento, representando 61,41% do movimento econômico de todo o sistema cooperativista catarinense.

As cooperativas utilizadas neste estudo empírico (COOPERJA, de Jacinto Machado e COOPERSULCA, de Turvo) têm suas sedes localizadas na região sul de Santa Catarina e fazem parte da Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense – AMESC.

A AMESC é constituída por municípios com baixa densidade populacional se comparada a outras regiões do estado e do país. Localiza-se no extremo sul catarinense e é composta por quinze municípios: Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Jacinto Machado, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, Santa Rosa do Sul, São João do Sul, Sombrio, Timbé do Sul e Turvo. A região conta com 13 cooperativas, de um total de 48 existentes na região sul catarinense, segundo dados da OCESC (2018).

A escolha pelas cooperativas COOPERJA, de Jacinto Machado e

COOPERSULCA, de Turvo, surgiram da observação na preocupação das campanhas realizadas por estas cooperativas para a capacitação, melhoramento dos relacionamentos sociais, melhores condições de trabalho e de renda, mostrando-se em concordância com algumas características da inovação social. Essa assertiva é válida tanto em termos de promoções e envolvimento com as comunidades, quanto de expansão estrutural das unidades físicas que trouxeram desenvolvimento para as regiões de sua abrangência.

### **3.2.2 Instrumento da coleta de dados**

A técnica de coleta dos dados primários aconteceu a partir de entrevistas com roteiro semiestruturado (apêndice B) e análise documental (*sites*). Conforme Gil (2008) este tipo de entrevista possui certo grau de estruturação guiada por pontos de interesse que o pesquisador vai identificando no decorrer da própria entrevista, configurando-se num instrumento de coleta de dados mais flexível do que o das entrevistas estruturadas. As questões da entrevista semiestruturada devem estar relacionadas com as informações que precisam ser coletadas, de modo a responder ao objetivo geral da pesquisa (YIN, 2015). As entrevistas foram aplicadas com agendamento prévio, sendo gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. Realizou-se a entrevista com as coordenadoras sociais da COOPERJA e da COOPERSULCA, que apresentaram o engenheiro agrônomo e o responsável pelo setor de comunicação, como segunda fonte de informação social, respectivamente. As entrevistas na COOPERJA foram realizadas individualmente, portanto, um total de duas entrevistas. Já as entrevistas realizadas na COOPERSULCA, por opção da coordenadora social, foram realizadas com ela, juntamente ao responsável pelo setor de comunicação, de sua indicação.

Para a condução da entrevista foi elaborado um roteiro composto por 16 questões, apresentadas no Apêndice B. Levou-se em consideração a revisão bibliográfica, a pergunta de pesquisa e os objetivos, conforme sugerido por Saldaña (2009). As perguntas não foram respondidas sequencialmente, porém serviram para conduzir e retornar ao foco, quando necessário.

As entrevistas foram registradas com o auxílio de dois gravadores digitais - um celular e um MP4. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado por todos os entrevistados e seu modelo encontra-se no Apêndice C.

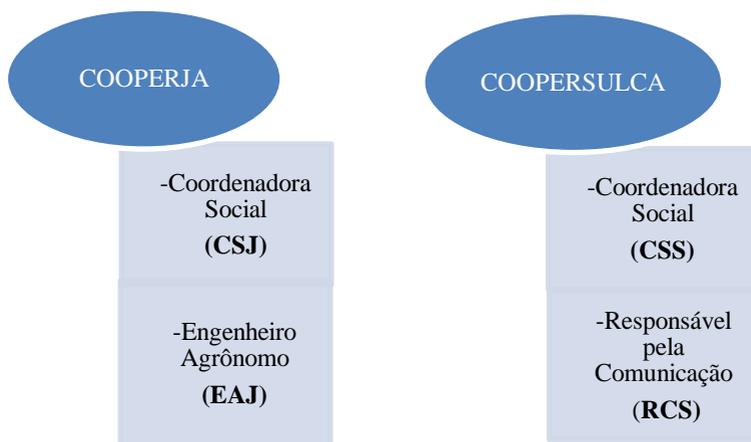
### 3.2.3 Coleta de dados

Para coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas nas sedes da COOPERJA em Jacinto Machado (SC) e COOPERSULCA em Turvo (SC) nos dias 16/10/2018 e 17/10/2018.

Quatro participantes se dispuseram a realizar a entrevista, que teve uma duração total aproximada de 2 horas e 45 minutos (uma em torno de 87 minutos, outra de 63 e outra de 15 minutos de gravação cada). As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Todas as falas que compuseram as entrevistas foram gravadas e transcritas perfazendo um total de 37 páginas (folha A4, fonte Times 12). Também foram pesquisados alguns documentos mencionados pelos entrevistados, a saber, revistas, jornais, estatutos e normas, todos disponibilizados no *site* da cooperativa e páginas da *web*. Cada entrevistado recebeu um nome fictício (sigla) para manter o sigilo ético do trabalho.

A figura 7 ilustra a função dos entrevistados responsáveis pelo setor social das cooperativas em estudo, e a nomenclatura correspondente, utilizada para esta pesquisa.

Figura 7 - Nomes Fictícios dos Entrevistados – SIGLAS



Fonte: Da autora (2018). De acordo com os cargos ocupados na cooperativa.

Da entrevista realizada na COOPERJA, foram citados seis projetos considerados por eles como ações de inovação social e três projetos foram citados pela COOPERSULCA. Os nove projetos serão descritos no capítulo 4. Posteriormente, no capítulo 5, serão discutidos

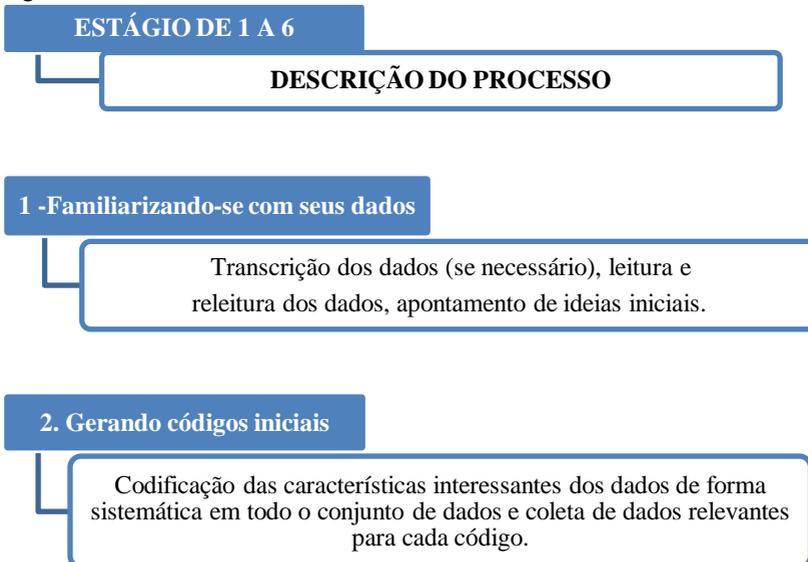
os resultados em que se compara as características encontradas nas cooperativas com as características apontadas pela revisão da literatura, observando-se o conceito de inovação social de Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010) destacado para essa dissertação.

### 3.2.4 Tratamento dos dados

O tratamento dos dados será feito através de análise temática, com base em Braun e Clarke (2006). Trata-se de um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados primários, de maneira a organizá-los e descrevê-los em ricos detalhes. O fato de saber como as pessoas analisaram os dados pesquisados e todo o processo envolvido facilita a avaliação e a comparação, tornando possível que outros pesquisadores realizem projetos relacionados no futuro (BRAUN; CLARKE, 2006).

A figura 8 representa as seis fases apresentadas pelas autoras ‘para o processo de análise temática, a saber:

Figura 8 - Fases da Análise Temática



### 3. Buscando por temas

Agrupamento de códigos em temas potenciais, reunindo todos os dados relevantes para cada tema potencial.

### 4. Revisando temas

Verificação se os temas funcionam em relação aos extratos codificados (nível 1) e ao conjunto de dados inteiro (nível 2), gerando um "mapa" temático da análise.

### 5. Definindo e nomeando temas

Nova análise para refinar as especificidades de cada tema e a história geral contada pela análise; geração de definições e nomes claros para cada tema.

### 6. Produzindo o relatório

A última oportunidade para a análise. Seleção de exemplos vívidos e convincentes do extrato, análise final dos extratos selecionados, relação entre análise, questão da pesquisa e literatura, produzindo um relatório acadêmico da análise.

Fonte: Adaptado de Braun e Clarke (2006).

Seguindo essa lógica de fases para análise temática, sugeridas por Braun e Clarke, foram realizados em cada uma delas os seguintes procedimentos:

Na fase 1, de familiarização com os dados, após a coleta das entrevistas semiestruturadas, da transcrição e organização das mesmas, realizou-se a leitura e releitura dos dados. Durante esta fase, tomou-se notas, procurando-se as relações entre as palavras usadas, as respostas colhidas e as características de inovação social apontadas na literatura. Pôde-se concluir que as entrevistas estavam dentro do escopo da pesquisa, constituindo-se assim, o *corpus* e o conjunto de dados.

A fase 2, de geração de códigos iniciais, envolveu as características dos dados e do que pode ser analisado de forma expressiva. Da transcrição,

foram destacadas com cores diferenciadas, as palavras, frases e conceitos, procurando a relevância dos dados, buscando organizar e agrupar os temas com significados semelhantes. Este procedimento foi realizado em cada entrevista, individualmente, para agrupamento e análise do trabalho.

Na fase 3, buscando, fase 4, revisando, e fase 5, definindo e nomeando os temas, realizou-se refinamento dos mesmos, reunindo os dados e mapeando-os de forma a torná-los mais evidentes. Identificou-se desse refinamento temas e subtemas transitórios.

Na fase 6, de produção do relatório, conforme afirmam Braun e Clarke (2006, p.22), o pesquisador deverá contar “a história de seus dados de forma que convença o leitor do mérito e validade de sua análise”, além disso, o pesquisador deverá estar posicionado como ativo no processo de pesquisa. Assim, após a análise final dos temas selecionados, mapeados, extraídos das entrevistas e da literatura, pôde-se relacioná-los com a questão da pesquisa e objetivos traçados inicialmente, produzindo um relatório acadêmico de análise dos dados no capítulo 4 dessa dissertação.

## 4 RESULTADOS

Neste capítulo apresentam-se as instituições selecionadas, juntamente com a descrição dos projetos sociais estudados. As informações institucionais foram obtidas com base em documentos internos e publicações existentes sobre as cooperativas COOPERJA e COOPERSULCA. Na sequência, apresentam-se os temas e subtemas que emergiram do estudo empírico realizado nas cooperativas e posterior relação com o levantamento feito das características destacadas para inovação social.

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO EXTREMO SUL CATARINENSE - AMESC E DAS UNIDADES DE ANÁLISES

A AMESC tem o objetivo de atender aos interesses em comum dos municípios formadores da região sul de Santa Catarina, com a finalidade de associar, integrar e representar os seus associados. Foi fundada em 1979 com a participação de nove municípios e atualmente conta com 15 municípios associados. Os municípios são: Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Jacinto Machado, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, Santa Rosa do Sul, São João do Sul, Sombrio, Timbé do Sul e Turvo (AMESC, 2018). A figura 9 traz o mapa de Santa Catarina com os municípios que compõem a região da AMESC.

Figura 9 - Mapa do estado de SC com a localização da AMESC



Fonte: AMESC (2018).

A associação foi criada para fortalecer a estrutura técnica e administrativa dos municípios filiados. No início atuava meramente em caráter reivindicatório, com o seu crescimento e expansão, passou a atuar no setor de prestação de serviços e também no planejamento regional. Dentre os papéis que desempenha, a AMESC oferece cursos de capacitação para a comunidade, agentes políticos e servidores públicos, com propósito de orientá-los para o bom manuseio dos recursos.

A associação é formada por uma equipe multidisciplinar e conta com técnicos na área de assistência social, educação, informática, movimento econômico e assessoria de comunicação. Sua equipe é composta por um conselho político e uma equipe técnica, conforme ilustra a figura 10.

Figura 10 - Estrutura AMESC



Fonte: AMESC (2018).

É reconhecida pelas associações coirmãs, como uma das melhores associações de municípios de SC, por sua trajetória, eficiência e modelo de atuação. Segundo dados da OCESC (2018), a região é responsável por treze cooperativas, algumas delas, com filiais espalhadas no estado e fora dele. Realiza periodicamente Assembleias Gerais Ordinárias e Extraordinárias de forma itinerante, com a presença dos prefeitos, secretários e autoridades convidadas.

#### 4.1.1 Caracterização da Cooperativa Agroindustrial de Jacinto Machado – COOPERJA

A Cooperativa Agroindustrial de Jacinto Machado - COOPERJA é sediada no município de Jacinto Machado, extremo sul de Santa Catarina. Referência em agronegócio foi fundada em 30/08/1969 por meio de Assembleia Geral composta por 117 agricultores. Atualmente conta com mais de 1800 associados e mais de 700 funcionários. A cooperativa engloba indústrias, lojas agropecuárias, transportador revendedor retalhista (TRR), posto de combustível, supermercados, beneficiamento de sementes, recebimento de maracujá e fábrica de ração. Possui unidades em três estados brasileiros: Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

A COOPERJA tem a missão de promover o desenvolvimento econômico de comunidades onde atua, com responsabilidade socioambiental. Para tanto, desenvolve projetos sustentáveis, dentre os quais, diversos focados no pilar social (COOPERJA, 2018). Na entrevista realizada em sua sede, foram citados seis projetos sociais: 1) Encontro de Mulheres da COOPERJA; 2) Núcleo Feminino; 3) COOPER jovem; 4) Encontro dos Jovens, 5) Dia de Ação Social e 6) Campo Demonstrativo COOPERJA – CDC.

##### 4.1.1.1 Projeto 1: Encontro de Mulheres COOPERJA

O objetivo do projeto Encontro de Mulheres COOPERJA é trabalhar a liderança feminina dentro do mundo cooperativo. O projeto traz palestras e reflexões a respeito do papel da mulher na sociedade referente ao lema do cooperativismo. Objetiva despertar o seu lado empreendedor no sentido profissional e valorização pessoal da mulher, oferecendo oportunidades para a descoberta de um novo olhar na atuação da mulher cooperativista. O encontro iniciou com mais ou menos cento e cinquenta mulheres e hoje está em sua 9ª edição com um público em torno de quinhentas (COOPERJA, 2018). A logomarca do projeto é representada pela figura 11.

Figura 11 - Encontro de Mulheres COOPERJA



Fonte: COOPERJA (2018).

De acordo com a entrevistada CSJ, esse encontro é aberto à participação de associadas e clientes (mercado, loja agropecuária, posto de gasolina). São feitas atividades e palestras que despertam o empoderamento feminino, a liderança e também a auto estima. O evento conta com parceria do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo SESCOOP e com a colaboração financeira e/ou brindes ofertados pelos parceiros do supermercado da COOPERJA.

#### 4.1.1.2 Projeto 2: Núcleo Feminino COOPERJA

O objetivo do projeto Núcleo Feminino COOPERJA, é integrar a mulher cooperada e as esposas e filhas de sócios na cooperativa, dando oportunidade de crescimento pessoal e profissional dentro do meio cooperativo:

Trabalhamos para desenvolver liderança feminina, dentro de casa, da comunidade, dentro da sociedade e da cooperativa [...] e autoestima (CSJ).

A figura 12 apresenta a logomarca do projeto.

Figura 12 - Núcleo Feminino COOPERJA



Fonte: COOPERJA (2018).

A COOPERJA possui três núcleos femininos que envolvem um total de 70 participantes. A formação começou em 2011 nas regiões dos Pinheirinhos e Tenente, em Jacinto Machado, e em 2014 passou pelo Programa Mulheres Cooperativistas. É um programa do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo de Santa Catarina - SESCOOP/SC, cujo objetivo é promover o aprimoramento dos conhecimentos necessários à melhor organização e participação das mulheres no quadro social das cooperativas (SESCOOP, 2018).

A analista da área de desenvolvimento social do SESCOOP nacional, Divani Ferreira de Souza Matos, realçou que o ser humano tem necessidade de algumas inspirações. Por isso, é importante saber como pessoas estão agindo em situações semelhantes, seja em determinados estágios da construção de projetos ou de fortalecimento dos já existentes. “Um evento como esse serve para nos fortalecer, além de muitas vezes, ter um efeito que não imaginamos, ou seja, permite nos mostrar até onde nosso trabalho e os frutos do que estamos fazendo podem chegar”. Segundo Divani, existe a compreensão de que a participação da mulher em qualquer instância depende de dois momentos: um deles é quando sai de casa e vai ocupar espaços públicos e o outro está relacionado ao momento em que elas se encontram e compartilham seus desafios. “O evento é extremamente importante porque fortalece a mulher e permite o compartilhamento com outras cooperativas, o que potencializa o movimento como um todo” (SESCOOP/2018).

O Programa Mulheres Cooperativistas do SESCOOP fornece a capacitação e dá o pontapé inicial para que os núcleos femininos sejam formados pelas cooperativas participantes, nas regiões de suas atuações.

Além do engajamento, colaboração e participação, tem vistas ao empoderamento, bem-estar, autoestima, autoafirmação, qualidade de vida e a presença cada vez maior da mulher nos interesses da cooperativa e da comunidade como um todo. Isso possibilita, em conjunto com a cooperativa e por intermédio das capacitações, que elas tenham autonomia para identificar e realizar ações pela comunidade. O presidente da OCESC e do SESCOOP/SC, Luiz Vicente Suzin, observa que a presença da mulher como associada das cooperativas vem aumentando cada vez mais e que o trabalho desenvolvido pelo SESCOOP/SC e pelas cooperativas é essencial para essa conquista. De acordo com Suzin, o cooperativismo catarinense é referência em todo o País e não há dúvidas de que a participação da mulher é estratégica para os bons resultados obtidos (SESCOOP, 2018).

O Secretário de Estado da Agricultura, Airton Spies, complementou que a mulher tem um papel muito importante na administração das propriedades rurais e em todas as cadeias produtivas, pois traz a sensibilidade para a tomada de decisão, o que ajuda a obter o sucesso. Segundo ele, o encontro é um momento de conhecimento, intercâmbio de ideias e valorização. As propriedades são empresas que precisam ser bem administradas para ter bons resultados e a mulher tem participação significativa nesse processo (SESCOOP, 2018).

#### 4.1.1.3 Projeto 3: Programa COOPERjovem

É um programa desenvolvido pelo SESCOOP com objetivo de disseminar a cultura da cooperação, com base nos princípios e valores do cooperativismo, por meio de atividades educativas. Atende professores e alunos do ensino fundamental de escolas públicas municipais e estaduais, visando o desenvolvimento integral dos educandos e preparando-os para a cidadania.

Os professores são levados por intermédio da cooperativa para receberem capacitação do SESCOOP, que dá toda orientação e desenvolve um projeto de acordo com a necessidade e realidade da escola. A logomarca do programa está representada na figura 13.

Figura 13 - COOPER jovem



Fonte: COOPERJA (2018).

O programa está ativo na COOPERJA desde 2010 e possui (até o momento da realização da entrevista) parceria com três escolas: Escola de Educação Básica Abel Esteves de Aguiar – Cachoeira/Praia Grande (SC); Escola Municipal de Educação Básica Albino Zanatta – Bairro Gávea/ Jacinto Machado (SC); e Escola de Ensino Fundamental Imaculada Conceição – Serra da Pedra/ Jacinto Machado (SC) (COOPERJA, 2018).

O projeto é monitorado mensalmente pela coordenadora social da cooperativa. Alguns eventos são promovidos fora do cronograma do SESCOOP e engloba toda a escola, família, professores e alunos. São várias atividades baseadas em valores e princípios do cooperativismo, repassando a ideia de que se pode trabalhar em grupo e fazer aquilo se tornar ainda mais forte.

#### 4.1.1.4 Projeto 4: Encontro de Jovens

É uma preocupação geral das cooperativas o desinteresse dos jovens pela agricultura, bem como, a dificuldade que alguns pais têm em confiarem ao filho a continuidade do seu trabalho, e se aliarem ao conhecimento tecnológico que muitos têm. O Encontro de Jovens surgiu da necessidade de trabalhar com os jovens o seu interesse e permanência na agricultura. A figura 14 ilustra a participação dos jovens no projeto.

Figura 14 - Encontro de Jovens



Fonte: COOPERJA (2018).

Nesse evento a cooperativa traz um palestrante, e o Núcleo Feminino, juntamente com alguns colaboradores da cooperativa, ficam responsáveis pelo café da manhã, recepção, organização do local e almoço. Da mesma forma como ocorreu com o Encontro de Mulheres, a realização do Encontro de Jovens promovido pela COOPERJA busca posteriormente a formação de um núcleo jovem. Esse trabalho veio também da necessidade em dar suporte e fazer a ligação do jovem à cooperativa, com vistas à sua participação no corpo administrativo ou fiscal.

Segundo a coordenadora social (CSJ), a COOPERJA tem muitos sócios jovens, mas o desejo é que o número cresça ainda mais, e que os jovens sejam mais atuantes. Dessa forma, o Encontro dos Jovens foi estendido a filhos de sócios, clientes, agricultores, criando-se um vínculo maior dentro da cooperativa.

A função da cooperativa é mostrar que vale a pena permanecer e trabalhar na agricultura e despertar entre os jovens a necessidade do plantio de outras culturas e criação de animais. É mostrar-lhes novas possibilidades financeiras com probabilidade de rendimentos maiores, ou, ao menos, que lhes proporcionem estabilidade.

Com a ajuda de consultores externos, a cooperativa está fazendo um mapeamento para saber quantos jovens têm nas propriedades, quantos saíram, qual sua idade, como está essa família. A COOPERJA conta também com a experiência de outras cooperativas: “Fomos agora na ALPHA, que é uma cooperativa de Chapecó, eles têm programa forte de jovens. Fomos lá para ver como eles estão desenvolvendo e ver como a gente adapta aqui” (CSJ).

#### 4.1.1.5 Projeto 5: Ação Social COOPERJA

Com base no 7º princípio do cooperativismo “interesse pela comunidade”, todos os anos a COOPERJA faz uma ação social oferecendo um dia de cooperação e interação em comunidades de sua área de atuação, normalmente realizada no dia do aniversário da cooperativa. Dos dez municípios de atuação da COOPERJA, entre os estados de SC e RS, um é escolhido de forma aleatória para a realização da ação. A figura 15 apresenta-a logomarca da ação social.

Figura 15 - Ação Social



Fonte: COOPERJA (2018).

Conforme a coordenadora social, é um dia em que se comemora o aniversário da cooperativa e se celebra a existência dela junto à comunidade, considerada a razão da sua existência. Não é um trabalho contínuo, e sim, pontual. A cooperativa entra com a infraestrutura e os serviços ofertados gratuitamente à população. Contam com voluntários e com empresas parceiras que disponibilizam seus serviços, como manicure, corte de cabelo, aferição de pressão, testes de saúde rápidos, orientação sobre plantas medicinais/bioativas, divulgação e degustação de pratos à base de farinha de arroz (matéria prima da cooperativa), peça teatral, troca de livros, brinquedos para as crianças, distribuição de mudas nativas, entre outros (COOPERJA, 2018).

Na última ação social realizada em Morrinhos do Sul (RS), também aconteceu o plantio de mudas, que contou com a presença de várias escolas. Conforme o secretário do meio ambiente da cidade, essa ação social superou expectativas e vai muito além do plantio de árvores nativas:

Ensinamos a força da cooperação e da solidariedade, que ficará guardado para sempre na memória de todos e principalmente em cada uma

das crianças que estão plantando um futuro melhor. A educação ambiental forma seres humanos melhores (COOPERJA, 2018).

Ações como estas contam com parcerias formadas, atores, como a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Secretaria Municipal de Assistência Social e CRAS, Secretaria Municipal da Saúde, EMATER/RS-ASCAR, Núcleos Femininos da COOPERJA, CREDIJA, SENAC, Instituto Mix, Syngenta, Medset, EPAGRI, Pastoral da Saúde da Paróquia de Jacinto Machado, e de toda equipe COOPERJA (COOPERJA, 2018).

#### 4.1.1.6 Projeto 6: Campo Demonstrativo COOPERJA – CDC

O objetivo do Campo Demonstrativo COOPERJA – CDC é o aumento da produtividade, a demonstração de tecnologia e a variação de culturas que o produtor pode ter em sua propriedade. A primeira edição do CDC se deu em 2004, com a necessidade de expandir e levar conhecimentos a um maior número de associados e produtores. Antes disso, as tecnologias em produtos eram demonstradas através de dias de campo em propriedade de agricultores. O evento conta com a participação de diversos atores, contribuindo para o seu sucesso. A figura 16 ilustra a logomarca do projeto

Figura 16 - Campo Demonstrativo COOPERJA – CDC



Fonte: COOPERJA (2018).

De acordo com o entrevistado, o engenheiro agrônomo (EAJ), os dias de campo, no início, eram de produtores somente da região, e atualmente o CDC envolve produtores e associados do RS e do estado de SC, alcançando, na edição passada, uma média de 3.500 visitantes.

#### **4.1.2 Caracterização da Cooperativa Agropecuária Sul Catarinense Ltda. - COOPERSULCA**

A Cooperativa Regional Agropecuária Sul Catarinense Ltda. - COOPERSULCA, surgiu mediante inúmeras dificuldades enfrentadas pelos pequenos agricultores familiares de Turvo e proximidades. Dificuldades estas, provenientes das baixas produtividades obtidas pelos agricultores, e principalmente, pela falta de opções de comercialização da produção agrícola. O espírito empreendedor, comum aos agricultores de origem europeia da região (italianos, germânicos, poloneses e portugueses), motivou um grupo relativamente grande para época, 214 produtores de arroz do município de Turvo, que decidiram unir forças para combater problemas comuns. No dia 20 de dezembro de 1964, reunidos em Assembleia Geral, fundaram a Cooperativa Agropecuária e de Consumo de Turvo Ltda. (COOPERSULCA, 2018).

Hoje a cooperativa conta com mais de 2000 associados e engloba uma rede de supermercados e lojas de produtos agropecuários que comercializam insumos de qualidade, com preços altamente competitivos. Possui filiais em Turvo, Timbé do Sul, Araranguá, São João do Sul, Nova Veneza, Maracajá, Forquilha, Meleiro e Torres, esse último no RS. Oferece um completo acessório de peças para tratores e máquinas agrícolas, e sua Unidade de Beneficiamento de Sementes de arroz - UBS em Turvo, é a maior do estado (COOPERSULCA, 2018).

A COOPERSULCA tem por missão produzir os melhores alimentos, com objetivo de satisfazer os consumidores por meio da qualidade dos produtos, preservando o meio ambiente e promovendo o desenvolvimento econômico, social e cultural das famílias produtoras, difundindo também o cooperativismo (COOPERSULCA, 2018). Assim, preocupa-se com os anseios, necessidades e desenvolvimento da comunidade.

De acordo com o presidente da cooperativa, Arlindo Manenti, “hoje somos uma cooperativa forte que busca inovar, renovar e progredir sempre. A COOPERSULCA pratica e dissemina os princípios do cooperativismo”(COOPERSULCA AUDIOVISUAL, 2014). Com a entrevista realizada na COOPERSULCA no dia 17/10/2018, buscou-se a identificação de inovações sociais nas ações realizadas pela cooperativa. Houve menção de três projetos sociais realizados pela COOPERSULCA, sendo eles: 1) Núcleo Feminino; 2) COOPER jovem

e 3) Dia Internacional do Cooperativismo. Os mesmos serão descritos a seguir, e posteriormente no capítulo 5, serão confrontados com as características indicadas na revisão da literatura.

#### 4.1.2.1 Projeto 1: Núcleo Feminino COOPERSULCA

Este projeto tem como parceiro o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo – SESCOOP, que oferece capacitação cooperativista para as mulheres, buscando conscientizá-las, prepará-las e organizá-las para atuarem de forma comprometida e participativa no quadro social das cooperativas. A capacitação tem um total de seis módulos de 16 horas cada um, totalizando uma carga horária de 96 horas, mais o encerramento. Tem duração média de seis meses, com periodicidade de duas aulas mensais, que são ministradas quinzenalmente de acordo com cronograma a ser definido juntamente com o coordenador local da cooperativa. O último módulo deste programa consiste na organização e constituição do(s) núcleo(s) feminino(s) (SESCOOP, 2018).

A figura 17 ilustra a participação das mulheres no projeto.

Figura 17 - Núcleo Feminino COOPERSULCA



Fonte: COOPERSULCA (2018).

O núcleo feminino da COOPERSULCA é composto por associadas, esposas e filhas de associados. Em média são 40 mulheres que fazem parte do núcleo feminino de Turvo e de São João do Sul. Relata a coordenadora social, que a COOPERSULCA, juntamente com a Cooperativa Pioneira de Eletrificação.- COOPERA, foram as pioneiras nesse projeto aqui em SC, as primeiras turmas femininas a terem o curso modular, “porque até então não tinha esse trabalho com a associada e a COOPERSULCA, foi a primeira turma em 2013 com 40 mulheres, depois em 2016 formamos outro grupo”(CSS).

O SESCOOP dá uma formação a cada ano para o núcleo feminino, mas todos os anos existe um acompanhamento, uma reciclagem. Depois de concluída a capacitação é formado o núcleo feminino pela cooperativa. A coordenadora social juntamente com as integrantes do Núcleo Feminino planejam as atividades que serão realizadas. O planejamento trata de cooperativismo, treinamento sobre empreendedorismo, projetos de ação social e passeios, onde há integração e socialização das mulheres. Alguns dos resultados obtidos com o projeto são a participação, atuação eficaz dentro da cooperativa e senso de liderança.

#### 4.1.2.2 Projeto 2: Programa COOPER jovem

A COOPERSULCA possui um projeto educacional cooperativo, o COOPER jovem, que atende (até o momento da entrevista) um total de quatro escolas. As escolas estão localizadas nos municípios de Turvo, Ermo, São João do Sul e Meleiro. O programa tem como principal parceiro o SESCOOP, que promove a capacitação dos professores e cujo objetivo é disseminar a cultura da cooperação, baseada nos princípios e valores do cooperativismo, por meio de atividades educativas (SESCOOP, 2018).

Além da COOPERSULCA e do SESCOOP, essa parceria é formada também pela escola, secretaria de educação e o grupo de professores (CSS). A escola faz uma pesquisa para ver qual é o problema que os alunos, pais e a comunidade escolar enfrentam e os professores montam o projeto com ações relacionadas à essa problemática, buscando resolvê-lo. É um trabalho, que segundo a coordenadora social, é realizado com crianças do ensino fundamental 1 e 2, para que, ao chegarem no ensino médio, eles já tenham base sobre o respeito, a cooperação, o dever e o direito de cada um. A figura 18 representa a logomarca do programa.

Figura 18 - COOPER jovem



Fonte: COOPERSUCA (2018).

Segundo o entrevistado e responsável pela comunicação, (RCS),

essa contribuição chama a atenção por partir da cooperativa juntamente com as escolas, sem investimento do governo. “É uma parcela muito pequenina do INSS que é recolhida e depois retorna [...] acho que é 0,02% do INSS recolhido”. As próprias escolas começaram a questionar, pois “com tão pouco recurso, como as cooperativas conseguiram gerir tão bem e dar uma capacitação tão boa aos professores?”

A intenção da COOPERSULCA, para 2019, é ampliar o número de escolas para mais municípios de sua área de atuação.

#### 4.1.2.3 Projeto 3: Dia Internacional do Cooperativismo

O Dia Internacional do Cooperativismo é comemorado no primeiro sábado de julho, desde 1923, data criada pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI). Há mais de dez anos a COOPERSULCA promove nesse dia palestras, cujo objetivo é reforçar a questão do cooperativismo. É aberto para a família do associado e para a comunidade também. “Procuramos um palestrante que mostre a importância que é participar, ser fiel, conviver, valorizar a cooperativa [...] o SESCOOP patrocina uma parte” (CSS). A figura 19 faz parte da divulgação dessa comemoração.

Figura 19 - Dia Internacional do Cooperativismo



Fonte: COOPERSUCA (2018).

Segundo RCS, recentemente a própria Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina - OCESC orientou para transformar o Dia Internacional do Cooperativismo no “Dia C”, Dia de Cooperar. Nesse dia pode-se fazer uma palestra, uma ação social, plantio de árvores, evento em alguma escola, trabalhos de arte, cuidados pessoais e com a saúde, trabalho voluntário, entre outros, sendo uma opção de cada cooperativa.

O quadro 9 mostra a síntese dos projetos apresentados pela COOPERJA e pela COOPERSULCA, destacando as necessidades que foram encontradas na comunidade e que justificam a realização dos mesmos.

Quadro 9 - Síntese dos projetos. Necessidades, ações realizadas e atores

<b>COOPERJA</b>			
<b>Projetos</b>	<b>Necessidades</b>	<b>Ações Realizadas</b>	<b>Atores</b>
1. Encontro de Mulheres	Trabalhar empoderamento, liderança feminina e auto-estima	Evento com atividades e palestras	COOPERJA, SESCOOP, associadas, esposas e filhas de associados e clientes mulheres
2. Núcleo Feminino	Integrar a mulher na comunidade e no meio cooperativo, visando o empoderamento, empreendedorismo, compreensão e participação ativa na gestão e planejamento da cooperativa, influenciando na qualidade de vida	Criação de Núcleos Femininos, oferecendo capacitação e autonomia ao grupo	COOPERJA, SESCOOP, associadas, esposas e filhas de associados
3. COOPER Jovem	Disseminar a cultura da cooperação com base nos princípios e valores do cooperativismo	Capacitação dos professores; programa direcionado aos alunos do ensino fundamental com acompanhamento da cooperativa na escola	COOPERJA, SESCOOP, pais, alunos e professores.

4. Encontro de Jovens	Trabalhar com os jovens as vantagens profissionais e econômicas de sua permanência na agricultura; participação no corpo administrativo ou fiscal	Evento com atividades e palestras; interesse na formação de um núcleo jovem	COOPERJA, Núcleo Feminino, consultores, filhos de sócios, clientes, agricultores
5. Ação Social	Maior proximidade com a comunidade	Oferecem um dia de cooperação e interação para a comunidade em sua área de atuação; A infraestrutura e os serviços são ofertados gratuitamente à população (higiene, saúde, ambiente, culinária, cultura, lazer...)	COOPERJA, CREDIJA, SENAC, EPAGRI, secretarias municipais, pastoral da saúde, voluntários e demais empresas parceiras
6. Campo Demonstrativo COOPERJA - CDC	Ter acesso às técnicas e tecnologias para maior produtividade e renda; promover uso consciente dos recursos naturais, com foco na sustentabilidade; melhores condições de vida	Oferecem local específico com estrutura, pessoal especializado, dados técnicos, tecnologia, demonstração de produtos, palestras, exposições de animais, máquinas e implementos agrícolas	COOPERJA, associados, agricultores, fornecedores, EPAGRI, departamento técnico, empresas terceirizadas de seguro, de máquinas, de veículos, criadores de animais e agricultura familiar da região, entre outros

COOPERSULCA			
Projetos	Necessidades	Ações Realizadas	Atores
1. Núcleo Feminino	Capacitação para empoderá-las, torná-las líderes na comunidade, com maior participação e integração no meio cooperativo	Criação de Núcleos Femininos, oferecendo capacitação, integração e socialização	COOPER-SULCA, SESCOOP, associadas, esposas e filhas de associados
2. COOPER Jovem	Disseminar a cultura da cooperação com base nos princípios e valores do cooperativismo	Capacitação dos professores; programa direcionado aos alunos do ensino fundamental com acompanhamento da cooperativa na escola	COOPER-SULCA, SESCOOP, pais, alunos e professores
3. Dia Internacional do Cooperativismo	Reforçar a questão do cooperativismo	Buscam trazer palestrantes que mostrem a importância que é participar, ser fiel e valorizar a cooperativa	COOPER-SULCA, SESCOOP, CERSUL, associados e comunidade

Fonte: Da autora com base nas entrevistas (2018).

Observa-se que, apesar de existirem projetos com a mesma denominação e atendendo as mesmas necessidades, estes projetos são adaptados à realidade de cada comunidade, o que por si só, representa o caráter inovador da ação.

#### 4.3 TEMAS E SUBTEMAS DO *DATA CORPUS*

Nesta seção será apresentado o processo de categorização dos dados, com objetivo de compor os temas e subtemas que emergiram do *data corpus*, e que, após as devidas justificativas, conduzirão à resposta aos objetivos propostos inicialmente.

Com as orientações da análise temática determinada por Braun e Clarke (2006), realizou-se um estudo analítico das entrevistas, chegando-se aos 12 temas e seus respectivos subtemas, válidos para esse estudo e que serão apresentados no Quadro 10.

Com relação ao tema 3 do quadro, melhor qualidade e quantidade (expectativa) de vida, destaca-se, como subtemas pertencentes a ele,

alguns dos resultados advindos dos projetos sociais. Esse tema é bem amplo e de certa forma está embutido em outras características de inovação social que são citadas na literatura, a exemplo de melhores condições de trabalho e renda, mudança nas relações sociais, entre outros.

Resalta-se que alguns dos temas e subtemas que surgiram das entrevistas não foram apontados de forma explícita, e sim, vieram subentendidos no contexto, conforme quadro 10.

Quadro 10 - Temas e subtemas da análise temática presentes nas cooperativas estudadas

TEMAS	SUBTEMAS	 COOPERJA	 COOPERSULCA Atado 1993
01. Novas soluções para satisfação das necessidades sociais	Projetos adaptados à realidade da comunidade; melhores alternativas e estratégias na solução dos problemas sociais existentes	SIM	SIM
02. Ator consciente da mudança	Voluntários; parceiros empresariais, ONGs colaboradoras, comunidade e governo	SIM	SIM
03. Melhor qualidade e quantidade (expectativa) de vida	Empoderamento; desenvolvimento de novas lideranças; incentivo a uma atuação mais participativa; capacitação para autonomia, autorrealização e autogestão; inclusão dos beneficiários na cooperativa e na sociedade; disseminação do conhecimento, capacitando os indivíduos para serem fontes de novas políticas públicas; formar pessoas que pensem no coletivo, no cooperativismo, na prática da ajuda mútua e da solidariedade	SIM	SIM
04. Melhores condições de trabalho e renda	Foco no melhor uso dos ativos e recursos naturais; foco em sustentabilidade; acesso à tecnologia e condições para aumento de produtividade e renda	SIM	SIM
05. Mudança nas relações sociais	Gerando confiança e proximidade com a comunidade associada;	SIM	SIM

	transmitindo segurança e apoio		
06. Intercooperação	Processos colaborativos, respeito entre as cooperativas associadas	SIM	SIM
07. Satisfação em trabalhar na cooperativa	Desejo de prestar serviço à comunidade alcançando resultados; reconhecimento	SIM	SIM
08. Manutenção / Avaliação	Verificação dos resultados dos projetos e promoção de ajustes	SIM	SIM
09. Escalabilidade	Replicar em outras realidades, comunidades e áreas de atuação	SIM	SIM
10. Difusão	Compartilhamento dos objetivos, ações e resultados	SIM	SIM
11. Barreiras	Empecilhos a realização dos projetos	SIM	SIM
12. Facilitadores	Condições favoráveis a realização dos projetos	SIM	SIM

Fonte: Da autora com base nas entrevistas (2018).

Alguns temas citados não se incluem nas características da inovação social. Temas como manutenção e avaliação, barreiras e facilitadores, surgiram através do roteiro de entrevista, mas dizem respeito às etapas do processo de inovação social, e temas, como por exemplo, a satisfação em trabalhar na cooperativa, surgiram espontaneamente na condução da entrevista.

Com relação aos demais temas apresentados e que ficaram evidentes, segue abaixo alguns trechos que foram transcritos das entrevistas realizadas.

#### **4.3.1 Novas soluções para satisfação de necessidades sociais**

Fica evidente nas entrevistas realizadas, que as necessidades trabalhadas pelas cooperativas são muito semelhantes e tem pontos em comum. Há projetos com os mesmos nomes, mesmos objetivos e que inclusive, partiram do SESCOOP, órgão ao qual as cooperativas estão vinculadas, idealizando-os, promovendo-os e incentivando-os. A inovação está em trazer esses projetos sociais para a realidade das comunidades, onde as cooperativas têm atuação, imprimindo-lhes sua identidade. Os entrevistados da COOPERJA, a Coordenadora Social (CSJ) e o Engenheiro Agrônomo (EAJ), e os entrevistados da

COOPERSULCA, a Coordenadora Social (CSS) e o Responsável pela Comunicação (RCS), apontam que as ações são realizadas após a análise dos beneficiários, do estilo de trabalho e de vida, do tempo que envolverá as pessoas, as dificuldades, custos, entre outros, e que será o diferencial com relação a outros projetos de mesmo nome.

Entre em contato com a gerente de lá e perguntei como era a população, para ver o que poderíamos fazer [...] precisava de mudas [...] fizemos o plantio. Existem outras que não dá para fazer isto, porque não é a necessidade da comunidade, do momento (AS - CSJ).

Vimos a necessidade de trabalhar com os jovens, eles não se encantam mais em ficar na agricultura [...] conhecendo a cooperativa, conhecendo o teu associado, trabalhando com ele, tu sabes as necessidades (EJ – CSJ).

Temos um projeto educacional cooperativo. A escola faz uma pesquisa para ver qual é o problema que os alunos, os pais e a comunidade escolar enfrentam. Dentro dessa pesquisa surgem “N” itens e pegamos o mais relevante, a escola na verdade (CJ - CSS).

Boa parte das necessidades levantadas estão relacionadas à mulheres e jovens, dessa forma, alguns projetos sociais propiciam capacitação, oferecendo condições para que eles sejam atuantes na cooperativa e na comunidade. Conforme relatado na entrevista, muitas vezes as mulheres chegam em casa com assuntos relacionados à cooperativa e que não são nem do conhecimento do homem. Isso é percebido também pelo aumento no número de participações femininas nas decisões das cooperativas citadas, bem como, em seus quadros sociais. Há projetos também que desenvolvem a cultura da cooperação na criança, que passa desde cedo a pensar no coletivo.

No geral os projetos sociais oferecem melhores alternativas para as soluções dos problemas sociais, propiciando melhores condições de vida e sendo fontes de desenvolvimento local.

#### **4.3.2 Ator consciente da mudança**

As parcerias que se formam entre as cooperativas e os diversos atores contribuem para o processo de inovação social, fornecendo além de recursos financeiros e organizacionais (infraestrutura, ajuda de custos e financiamentos, materiais, acesso à rede, etc...), recursos humanos (comunidade, voluntários, dirigentes, funcionários, assessores técnicos e profissionais), parceiros empresariais, cooperativas coirmãs, ONGs, governo, que disponibilizam cursos, capacitações, experiências e conhecimento.

A todo momento os atores são citados nas entrevistas, o que evidencia a importância dessa parceria para o desenvolvimento da atividade específica, e contribuição com os resultados, além de criar sinergias de grupo.

Um dos parceiros em comum e muito citado por ambas cooperativas é o SESCOOP, instituição que trabalha pelo desenvolvimento do cooperativismo de forma integrada e sustentável, oferecendo serviços de capacitação profissional, assessoria, consultoria, atividades culturais, além de promoções sociais que são desenvolvidas com as cooperativas e levadas às suas comunidades, prestando auxílio financeiro.

Os entrevistados da cooperativa COOPERJA, a Coordenadora Social (CSJ) e o Engenheiro Agrônomo (EAJ), e os entrevistados da COOPERSULCA, a Coordenadora Social (CSS) e o Responsável pela Comunicação (RCS), apresentam uma ampla rede de parceiros, e falam da importância destas parcerias para a realização dos projetos.

Os Núcleos Femininos (NF) são promovidos pela cooperativa e pelo SESCOOP [...] Sempre buscamos parcerias. Hoje tem a EPAGRI que é uma grande parceira nossa, tem o próprio SESCOOP [...] o Sindicato dos trabalhadores [...] tem o SENAR, o SEBRAE [...]em grupo tu consegues fazer mais [...] tem “N” parceiros que podemos estar agregando. Se quiseres um evento maior, tens que buscar parcerias. Fizemos eventos juntamente com a CREDIJA, CEJAMA (se referindo às cooperativas de crédito e de eletrificação da cidade, respectivamente). (NF – CSJ).

Sou a organizadora geral, mas não penso sozinha. [...] pegamos alguém do mercado, do administrativo [...] é um grupo que formamos e

que faz o evento acontecer (EM - CSJ).

Tu tens que conversar com o consultor, que é aquele que está no dia a dia do associado, tens que conversar com o presidente, o presidente tem aquela visão geral da cooperativa, tu tens que conversar com teu financeiro [...]. Nós, do social, às vezes sonhamos muito, e tu tens que ter o pé no chão, nem tudo é realizável, então tu tens que conversar com “N” pessoas (EJ – CSJ).

A Ação Social (AS) que é feita todos os anos em comemoração ao aniversário da COOPERJA, une desde parceiros tradicionais, que contribuem em todas as ações, até parceiros com interesses somente na região de atendimento:

O Instituto Mix, o SENAC, a prefeitura com as suas secretarias [...] tem a CREDIJA, a EPAGRI... lá tem a EMATER (AS – CSJ).

O Encontro de Jovens (EJ) tem participação [...] de gerentes das filiais, consultores externos, consultores internos. Para fazer acontecer, a cooperativa traz o palestrante, mas todo ele é feito pelo núcleo feminino, café da manhã, recepção, organização do local, almoço. Tudo feito por elas. (EJ – CSJ).

O programa COOPER jovem (CJ) trabalha com as escolas em parceria com o SESCOOP [...] a cooperativa é parceira (CJ – CSJ).

Para o Engenheiro Agrônomo da COOPERJA (EAJ) as parcerias são necessárias para obtenção dos resultados esperados:

Hoje a equipe da COOPERJA conta com a participação dos agrônomos, a participação do departamento técnico, o pessoal da administração, a parte financeira do evento. Além da parceria de empresas, tem a parte do arroz, soja, milho, que são as empresas que expõem, fazem a

demonstração do produto, e, junto a isso, algumas empresas terceirizadas vem expor. Algumas empresas de seguro, empresas de máquinas como a John Deere, a New Holland [...]. Também fazem parte do evento empresas de tecnologia de aplicação, de veículos, criadores de animais e a própria agricultura familiar da região. O CDC envolve os associados, colaboradores, empresas parceiras, empresas terceirizadas e a cooperativa, todos empenhados em mostrar resultado para o agricultor (CDC - EAJ).

Fazem parte do programa o SESCOOP [...] COOPERSULCA, a escola, a secretaria de educação e o grupo de professores (CJ - CSS).

Os entrevistados salientaram que a comunicação entre os atores envolvidos é parte fundamental do processo e que normalmente é realizado através de *whatsapp*, *e-mail*, *chat* interno ou pessoalmente.

Procuramos estar em contato com eles sempre [...] porque para montar um grupo é fácil, mas para mantê-lo é muito difícil (CSS).

#### **4.3.3 Melhor qualidade e quantidade (expectativa) de vida**

As cooperativas expressam preocupação em aumentar os quadros sociais com mulheres e jovens, para isso, realizam trabalhos de inclusão, empoderamento e autogestão. Após identificar as necessidades emergentes na comunidade, buscar a coalizão de atores e trabalhar nas soluções, constata-se que as atividades são focadas em objetivos pré-determinados e que buscam como resultado, causar impacto na sociedade, diminuindo desigualdades e oferecendo melhores expectativas de qualidade de vida. Para alcançar esses resultados, as atividades são pensadas e desenvolvidas de diversas formas, entre elas, com liderança mais participativa e atuante. As atividades propiciam, por parte das cooperativas, o compartilhamento do conhecimento e experiências com os participantes de forma que os resultados sejam mais expressivos.

#### 4.3.3.1 Empoderamento / Liderança / Atuação

Liderança é importante para viabilizar mudanças. No contexto estudado, liderança é assumir-se dentro de um compromisso maior, de tomar a frente, de expor as opiniões e agir na vida em prol da comunidade e de si mesmo, como afirmam as coordenadoras:

Trabalhamos com associadas e esposas de sócios para desenvolver liderança feminina, dentro de casa, da comunidade, dentro da sociedade e da cooperativa, e a partir do momento que tu trabalhas com elas, o grupo, ele em si, vai te trazendo com o que trabalhar. Elas são atuantes. É isso que a COOPERJA quer [...] que elas sejam líderes na comunidade e na vida. [...] elas foram até essas entidades e viram o que essas entidades estavam precisando. Elas mesmas se mobilizam (NF/CSJ).

Tem vários casos de mulheres que não saíam para nada. Muitas vezes os nossos técnicos chegavam, elas davam bom dia e saíam. Hoje elas são monitoras de clube de mães (NF - CSS).

O núcleo feminino é um dos resultados dessa formação e mostra a participação cada vez mais expressiva das mulheres.

#### 4.3.3.2 Inclusão / Participação

Algumas das ações realizadas pelas cooperativas têm por objetivo a inclusão da mulher e do jovem no ambiente cooperativo, com a maior participação e interação dos associados. É um trabalho, que segundo os entrevistados, atinge resultados positivos, seja pelo crescente número de associações, de participações e maior consciência da cooperação. Uma sociedade mais participativa, com menor dependência e atendendo suas próprias necessidades, reconhecendo que todos ganham quando as atividades são realizadas de forma conjunta, podendo haver mais retorno em termos de qualidade e quantidade.

Queremos que o jovem tenha condições e veja a importância da agricultura.

[...] senti que eu daria conta, porque eu já estava com o núcleo feminino bem estruturado e elas poderiam ajudar [...] somos uma cooperativa e tu chamas uma equipe contigo [...] porque a nossa intenção é ter um jovem daqui a pouco no conselho fiscal e administrativo da cooperativa, mas para isso, precisamos que ele esteja ligado à cooperativa (EJ - CSJ).

Fazemos eventos e é a diversão entre pais e filhos [...] essa interação (CJ - CSJ).

O núcleo foi justamente para trazer as mulheres para dentro da cooperativa [...] foi criado as agropecuárias principalmente pelo homem, o homem se associou, o homem que compra, o homem que vende e a mulher acabou ficando... a mulher e o jovem. [...] de certa forma seria uma inclusão (NF - RCS).

Porque eles vão envelhecendo e quem é que vai ficar na propriedade? E eles estão vendo essa necessidade de os filhos permanecerem (CSS).

O Arlindo, nosso presidente, é muito parceiro nesse projeto [...] elas se sentem à vontade para questioná-lo. Temos mulheres que estão no Conselho de Administração desde a primeira formação [...] e no Conselho Fiscal (NF - CSS).

A COOPERSULCA, por exemplo, procura realizar palestras que mostrem aos associados a importância que é participar, ser fiel, conviver e valorizar a cooperativa (DIC - RCS).

#### 4.3.3.3 Conhecimento / Capacitação / Empreendedorismo

Envolve os diversos treinamentos e cursos que são ofertados pelos atores parceiros e pela própria cooperativa aos grupos. Os resultados são comprovados nas atitudes e ações assumidas por eles, que demonstram segurança e capacidade para tomar decisões e fazer suas

atividades com autonomia.

Capacitamos elas para isso, tínhamos que trabalhá-las, empoderá-las [...] com isso, já temos uma mulher no conselho administrativo. [...] vamos agora no final do mês para um encontro em Florianópolis [...] para empoderamento feminino. [...] elas têm curso de oratória, de gestão financeira. Trazemos palestrantes que falam de autoestima e saúde da mulher, porque informação é tudo (NF - CSJ).

[...] os jovens têm que ser a mesma coisa, trabalha o grupão, para depois formar os pequenos grupos. Falar do trabalho coletivo, do trabalho em grupo [...] o lado empreendedor [...] valorizando-o dentro da propriedade (EJ - CSJ).

Os professores se sentem valorizados. A cooperativa tem através do SESCOOP [...] recurso para ir capacitando os colaboradores. [...] na verdade eles dão o curso, a capacitação, a formação [...]. Antes (do SESCOOP) as próprias organizações cooperativas destinavam recursos para capacitação do pessoal (CJ - CSS).

[...] elas tiveram treinamento sobre empreendedorismo e fazem ação social (NF - RCS).

[...] às vezes estranhavam porque as mulheres chegavam em casa com assuntos que não eram do conhecimento do homem. O que é o estatuto, o que é uma lei cooperativista, como é formada, a questão das sobras, do resultado. Praticamente todas que participaram desde o início dessas formações continuam (NF - RCS).

Existe a consciência da importância em fazer parte da sociedade, de reconhecer-se como ser atuante e apto a contribuir com as suas potencialidades, e enquanto coletivo, de contribuir para o desenvolvimento local.

#### 4.3.3.4 Autoestima / Autorrealização

Acredita-se no potencial de cada ser humano e trabalha-se para isso, de forma a melhorar o julgamento e a avaliação que fazem de si mesmos. As coordenadoras sociais, que são responsáveis pela implementação dos projetos, acompanham de perto os resultados e afirmam que eles são positivos e gratificantes.

Valorizar a mulher, a auto estima dela, para ela poder dar aquele “up”. Teve uma mulher que nos falou que estava entrando em depressão e depois do encontro começou a fazer dança e formou um grupo. Tem mulheres que tem transformação visível [...] que o encontro fez a diferença na vida delas (EM - CSJ).

Nem lá na frente para dar um bom dia não iam, hoje elas vão, dão depoimento e se sentem seguras daquilo (NF - CSS).

Isso influencia nas suas atitudes, escolhas, e participação produtiva, bem como, em seus lares, na comunidade, e na cooperativa, formando um ciclo promissor.

#### 4.3.3.5 Autogestão / Autonomia

Depois de formados e capacitados, os grupos têm autonomia para planejar e realizar suas atividades, para identificar as necessidades e agir.

[...] nós temos um cronograma de atividade mensal, feito por elas. Esse mês, cada grupo está fazendo uma ação social, ajudando uma entidade, e eu não preciso estar lá, elas se resolvem, elas fazem (NF- CSJ).

[...] cada escola faz conforme a realidade do seu município, não tem um modelo para todos (CJ - CSS).

#### 4.3.3.6 Cultura da cooperação

As cooperativas têm a preocupação em formar pessoas que pensem no coletivo, em somar esforços que culminem no auxílio mútuo, na união que fortalece e combate a competição desvantajosa.

[...] o principal objetivo é disseminar a cultura da cooperação no meio da aprendizagem [...] que um trabalho não é necessário tu fazeres sozinho para ganhar glórias, tu podes ter outro do teu lado ou um grupo. Tu vais fazer aquilo se tornar mais forte, mais prazeroso [...] é saber agregar (CJ - CSJ).

Mostrar que cooperação, trabalho em equipe, trabalho em grupo, o resultado se torna melhor (CJ - CSS).

As cooperativas promovem várias atividades para desenvolver a competência e os valores cooperativistas e acompanham constantemente o desenvolvimento do projeto nas escolas.

#### 4.3.4 Melhores condições de trabalho e renda

Mediante discussão de questões que trazem esclarecimentos, da informação e da capacitação oferecidas, novos horizontes são abertos e oportunidades são visualizadas. As falas das coordenadoras, ao se referirem aos jovens, demonstram isso:

Ele não pode ficar refém de uma cultura só. Um ano o arroz pode não estar com preço bom, mas ele tem o milho, a banana, o maracujá, a pitaya [...] tem o hortifrutí, tem “N” possibilidades (EJ - CSJ).

Os filhos têm que ter a participação nos lucros também, para querer ficar, permanecer, porque se não têm, é desmotivador (CSS).

Há a preocupação das cooperativas em proporcionar aumento da produtividade, com apoio especializado, avanço tecnológico, bom uso

de técnicas e produtos agrícolas, possibilitando melhores condições de trabalho e renda. O CDC é o momento em que se apresenta ao produtor todas estas alternativas.

#### **4.3.5 Mudança sustentável (melhor uso de ativos e recursos)**

Abrem-se portas para novas culturas, novas atividades no campo, tecnologias apropriadas, melhor uso de ativos e recursos. Esse processo, além de todos os benefícios citados, gera maiores rendimentos e servem de incentivo principalmente ao jovem, que pode vislumbrar na agricultura, grandes oportunidades.

O objetivo é o aumento da produtividade, demonstração de tecnologia, mostrar ao produtor que ele pode ter vários outros meios de cultura dentro da propriedade. Ele vem conhecer novos produtos [...] um modelo novo de plantio. Tem palestras técnicas que envolvem o manejo da propriedade, custos e avaliações (CDC - EAJ).

O CDC, como falado anteriormente, oferece ao produtor as ferramentas e condições para o seu desenvolvimento e da localidade ao qual está inserido.

#### **4.3.6 Mudança nas relações sociais**

O relacionamento que se forma entre os atores (cooperativa, parceiros, empresas, organizações, beneficiários) gera mudança nas relações sociais. Ao se unirem para resolver necessidades da comunidade, participam, discutem, contribuem, colaboram e se relacionam socialmente, propiciando mudança de ambientes, contextos e situações, cujos propósitos buscam a melhora nas condições de vida do indivíduo.

Os projetos sociais realizados pelas cooperativas em prol dos associados e da comunidade, torna essa proximidade ainda maior, e uma cooperativa mais humana e fortalecida. Há também uma mudança nas relações de poder, com a capacitação e a participação ativa na gestão e planejamento da cooperativa, com cooperados mais conscientes e

responsáveis pelos seus atos.

É a partir desses grupos femininos e dessas reuniões que elas estão mais junto da cooperativa, que a cooperativa conhece ainda mais o associado (NF - CSJ).

É um dia que a cooperativa celebra a existência dela junto à comunidade, porque cooperativa não existe sem os sócios, sem essa comunidade (AS - CSJ).

Agrega no aprendizado do aluno [...] ele é um futuro associado da cooperativa, futuro funcionário [...] futuro cliente. Ele tem que ser trabalhado desde a sua essência, desde a sua pequenez. Esses eventos fazem com que a sociedade fique mais próxima da cooperativa [...] fica uma cooperativa mais humana, que se preocupa com o bem-estar do associado (CJ - CSJ).

Como cooperativa queremos o cooperativismo, que venham participar do evento, ver as novidades, a tecnologia (CDC - EAJ).

A OCB através da OCESC, começou acho que em 2002 ou 2003, a criar esses projetos, para aproximar a cooperativa das escolas (CJ - RCS).

Elas falam de família, de lavoura, de “N” assuntos e é uma convivência muito boa entre elas (NF - CSS).

A questão da confiança, gerada com a proximidade social, é outro quesito fundamental para que as atividades das cooperativas deem certo e resultem no sucesso da inovação social. Trabalhar em setores e envolver novas parcerias, melhorando as relações sociais, funciona melhor quando a confiança está bem estabelecida e é descrito em termos do prazer que as pessoas têm em trabalhar juntas em projetos de inovação social.

### 4.3.7 Intercooperação

Vê-se que um dos princípios que regem as cooperativas, a intercooperação, está relacionada ao engrandecimento do movimento cooperativista. Trata-se de trabalhar em conjunto, trocando conhecimentos, ideias e experiências, de forma a fortalecer o movimento.

O bom das cooperativas em si, é essa abertura, de dizer o que está dando certo e o que não está [...] sem medo de mostrar o projeto e de outra cooperativa fazer ou replicar (CSJ).

Fica evidenciado na entrevista realizada, que se trata de uma prática comum entre as cooperativas, e que as beneficia. As palavras enaltecem a troca de experiências e de conhecimentos entre elas, o respeito e a colaboração existente.

A gente procura outras cooperativas [...] foi agora na ALPHA [...] de Chapecó (EJ - CSJ).

Foram para Nova Petrópolis conhecer o berço do cooperativismo (NF - CSJ).

Veio uma escola do Ermo querendo ficar com a COOPERJA. Ermo é território do Turvo, então conversamos com eles [...] se as cooperativas perderem esse respeito se torna difícil. Estaríamos contradizendo o que estamos pregando (CJ - CSJ).

(...) fazemos em conjunto com a CERSUL (DIC - CSS).

Quando há intercooperação, os desafios em diversos níveis ou dificuldades que possam ser encontradas para a resolução de questões, exigindo novas soluções, técnicas e tecnologias, são, normalmente, mais facilmente e melhor tratadas. Leva-se em consideração os estudos (conhecimentos), experiências e resultados compartilhados entre as cooperativas, além disso, unem-se forças e recursos em um trabalho conjunto entre as cooperativas que possibilitam abranger um maior

número de pessoas beneficiadas.

#### 4.3.8 Satisfação em trabalhar na cooperativa

As ações realizadas pelas cooperativas não são encaradas unicamente como “trabalho”, como algo que está nos estatutos e deva ser seguido, mas, principalmente, encaradas como a satisfação de estar realizando algo em benefício das pessoas, dos associados, e de poder comprovar esses benefícios mediante transformações que realizam nas suas vidas e da sociedade como um todo.

Essa satisfação fica evidente nas palavras da coordenadora social da COOPERJA:

Para nós é um grande ganho, um grande caminhar, não tem preço o que escutamos delas. Esse ano falamos do bem-estar da mulher [...] não é porque eu estou dentro de uma cooperativa, mas nenhuma outra entidade faz isso, que valorize tanto o lado humano. Nós temos os princípios do cooperativismo [...] temos que fazer, que colocar em prática. Mas estou no social há 4 anos, para mim, é muito mais do que isso, é uma valorização mesmo, do associado. [...] trabalhar com mulher é muito bom [...] além dela ser carismática no que faz, quando ela entende a causa, ela defende de uma maneira extraordinária.

Trazer uma mulher para dentro da cooperativa, a cooperativa tem anjos defensoras lá fora. Depois ficamos sabendo que aquele encontro fez a diferença na vida dela. Isso é gratificante [...] essa transformação que a cooperativa traz para a comunidade (NF - CSJ).

Também fica evidenciado na entrevista com o engenheiro agrônomo:

É muito... muito gratificante de trabalhar na equipe (CDC - EAJ).

A satisfação dos responsáveis nos procedimentos que as cooperativas adotam com relação aos projetos sociais, especialmente

seus resultados, servem de impulso e motivação para novas realizações ou formas de fazer ainda melhor.

#### 4.3.9 Manutenção / avaliação

As coordenadoras sociais afirmam que todos os projetos sociais realizados pelas cooperativas têm *feedback*. Através desse processo, é possível identificar o que está dando certo e o que pode ser modificado, formando aí, um ciclo de avaliação e manutenção. As palavras transcritas são da coordenadora social da COOPERJA, mas representam também, as palavras da CSS:

É feito um cronograma no final do ano para o próximo ano, às vezes tem alterações [...] amanhã pode ser que aquilo não seja tão viável. Muitas vezes a caminhada de um grupo vai dando certo e tu não vais errar na do outro [...]vais fazendo tentativas [...] teve ano que enchemos de atividades e vimos que não deu certo, que essas mulheres são donas de casa [...] que vão para a roça, são mulheres empreendedoras (NF - CSJ).

Deixamos no final uma ficha para elas avaliarem como foi o evento [...] o que erramos e o que devemos acertar [...] os pontos positivos e negativos [...] e vamos alinhando [...] para tornar o melhor possível (EM - CSJ).

Passo em cada escola para ver como é que está o projeto. No final do ano fazemos uma avaliação [...] com alunos, pais e professores [...] por mais que o projeto seja o mesmo, a cada ano tem um andar [...] tem que mudar as estratégias para fazer acontecer [...] tudo é avaliado (CJ - CSJ).

Essa análise, percepção e flexibilidade, de aceitar e se adaptar às mudanças sugeridas, que sejam positivas à realidade do projeto, bem como a responsabilidade de estar avaliando as possibilidades financeiras e humanas relacionadas aos projetos, é fundamental para que ele seja duradouro e alcance seus objetivos.

### 4.3.10 Escalabilidade

No contexto estudado, há um empenho para que um número cada vez maior de pessoas sejam beneficiadas. Essa variável pode ser medida pelo aumento no número de participantes nos projetos realizados, como citados pelos entrevistados da COOPERJA:

[...] aumentou, começou com cento e cinquenta e depois em torno de quinhentas mulheres (EM - CSJ).

Vimos o crescimento do primeiro para o segundo [...] vamos fazer o mapeamento para saber quantos têm e como chegar a ainda mais (EJ - CSJ).

Eram feitas reuniões na propriedade dos produtores e mostrado as tecnologias em produtos [...] foi ficando maior, aí criamos um campo demonstrativo [...] que na edição passada teve em média 3.500 visitantes (CDC - EAJ).

Pode ser medida também pela capacitação e formação de novos grupos na comunidade, bem como pela realização de projetos em diversas áreas de sua atuação.

A COOPERJA tem [...] núcleos femininos em quatro regiões e estamos indo para quinta região [...] são grupos formados na comunidade de Jacinto Machado e Praia Grande (NF - CSJ).

A ação social é feita em uma comunidade onde a cooperativa está situada [...] em dez municípios, em três estados (AS - CSJ).

E ainda, na ampliação do número de escolas no programa COOPER jovem.

Temos intenção de ano que vem fazer um trabalho para ampliar mais municípios, principalmente na área de atuação da COOPERSULCA, como: Forquilha, Cedro, Araranguá, Maracajá [...]

buscando mais escolas (CJ - CSS).

A escalabilidade é representada nas cooperativas por essa expansão ou multiplicação das iniciativas, apresentando soluções que podem ser estendidas a outras localidades, povos e nações.

#### **4.3.11 Difusão**

O compartilhamento de experiências, a propagação de ideias e ações, fazem parte do contexto das cooperativas estudadas. Os projetos sociais são difundidos a nível local, regional e nacional, e respondem às semelhantes necessidades que existem nas cooperativas.

Trouxemos um pouco da vivência de lá, para que elas pudessem vivenciar aqui (EM - CSJ).

Procuramos outras cooperativas [...] fomos agora na ALPHA [...] de Chapecó, eles têm programa forte de jovens [...] para ver como eles estão desenvolvendo e como adaptamos aqui (EJ - CSJ).

Temos escolas do COOPER jovem desde de 2010, funcionando nos municípios de Jacinto Machado e Praia Grande [...] o SESCOOP envolve as cooperativas de toda SC [...] e tem muitas escolas querendo entrar no programa (CJ - CSJ).

Temos associadas de São João do Sul, Maracajá, Araranguá, Cedro, Forquilha, Meleiro e Turvo. Foi o primeiro projeto que elas tiveram um curso modular. A COOPERSULCA e a COOPERA foram pioneiras no estado [...] mas o projeto já vinha lá do Paraná (NF - CSS).

Uma das formas que ocorre a difusão nas cooperativas é por intermédio da intercooperação. As cooperativas tratam dos projetos que realizam, das ideias, soluções e resultados. Além disso, a difusão também se dá com os eventos, promoções e a expansão (escalabilidade) dos projetos sociais.

### 4.3.12 Barreiras

De acordo com as entrevistas, a dificuldade que as cooperativas encontram para a realização de seus projetos, reside no fato de algumas pessoas serem acomodadas, e de ficarem receosas quando são chamadas a participar de um novo projeto. Também consideradas como barreiras por eles, são a centralização da agricultura na mão do pai que não estimula o filho a dar continuidade ao trabalho; o mercado do arroz que comanda o tamanho do evento que pode ser realizado; e no caso do CDC, o clima, conforme entrevista.

As mulheres, às vezes, são acomodadas, algumas, e vivem no seu mundo ainda. A dificuldade é formar o primeiro grupo, porque as pessoas ficam receosas (NF - CSJ).

Tem que ir de acordo com o mercado, não dá para por exemplo, o arroz está super em baixa, fazer um mega evento [...] estamos sempre em destaque (se referindo a cooperativa), mas sempre com cautela (EM - CSJ).

A grande dificuldade que a gente vê também nesses jovens é porque existe um pai que não quer largar e um filho que está aí com a tecnologia (EJ - CSJ).

[...] a única barreira que temos é o clima (CDC - EAJ).

[...] não é financeiro, mas a vontade delas, a disponibilidade. Procuramos fazer essas formações à tarde, porque sabemos que não é fácil ela sair de casa e deixar filho, marido e comida... muitas têm peão na roça (NF - CSS)

Na verdade, depende muito da direção da escola. Tem alguns professores [...] é a minoria, que são acomodados (CJ - CSS).

O grande desafio da cooperativa é trabalhar essa

questão da fidelização [...] às vezes a pessoa se associa e não valoriza, não trabalha, não opera com a cooperativa e ela acaba enfraquecendo. É meio que um problema do cooperativismo em geral (RCS).

[...] questão do jovem na sucessão [...] teremos problemas muito sérios inclusive aqui na nossa região [...] é por falta de oportunidade lá atrás, por não ter uma valorização principalmente do fruto do trabalho [...] todos os pais acharam que a saída era formar o filho e ele sair da agricultura. [...] nunca vimos uma preocupação da escola, ou do Estado, em reverter isso (RCS).

Não há empecilhos financeiros consideráveis. As cooperativas são saudáveis e contam com muitas parcerias para os projetos sociais. A barreira maior é a “humana” e relaciona-se à mudança proposta, nem sempre aceita em um primeiro momento. No contexto das cooperativas estudadas, as barreiras podem ser superadas em sua grande maioria pela participação, capacitação, informação, solidariedade e ajuda mútua.

#### **4.3.13 Facilitadores**

Nas entrevistas, o que é indicado como facilitadores, são as parcerias formadas, as equipes de trabalho, a boa vontade e a disponibilidade de uma grande maioria de pessoas chamadas a participarem dos projetos, contribuindo para que deem certo. É o que se observa nas palavras a seguir:

[...] gratificante de trabalhar na equipe, porque você tem uma equipe junto, e isso se torna mais fácil, e com as empresas também, elas nos ajudam muito (CDC - EAJ).

Todas as nossas diretoras até hoje deram suporte [...] porque as professoras precisam sair e a escola é que tem que ficar com os alunos (CJ - CSS)

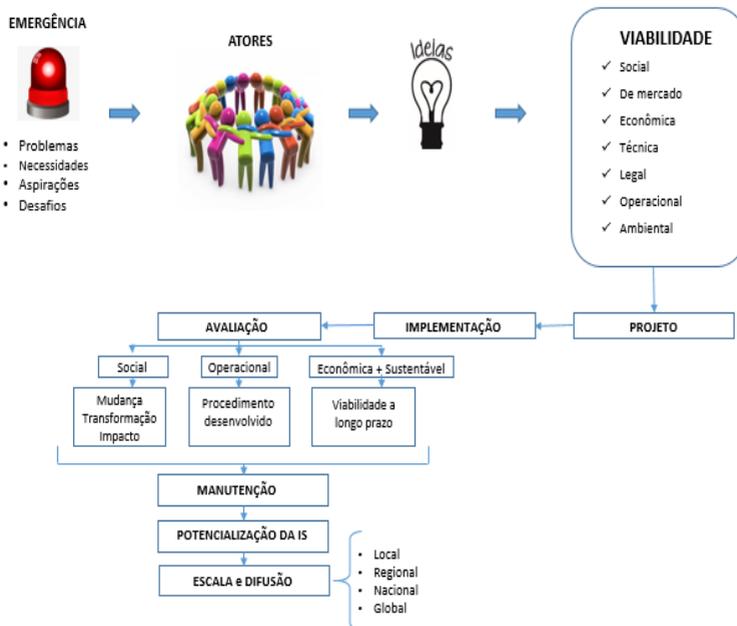
Os facilitadores dizem respeito a tudo e a todos que contribuem

na realização dos projetos e obtenção dos resultados. Os núcleos femininos também são considerados facilitadores. As integrantes têm autonomia para planejar e realizar ações sociais, participando ativamente na comunidade, e sendo grandes apoiadoras nos eventos, assumindo responsabilidades e tarefas que possibilitam um alcance maior no número de beneficiários, bem como, a realização de um maior número de projetos.

#### 4.4 SÍNTESE DO PROCESSO DE INOVAÇÃO SOCIAL

Para ajudar no entendimento do processo de inovação social, buscou-se representar, na figura 20, as etapas que o compõem. A mesma foi baseada na revisão da literatura, principalmente através dos sete modelos apresentados por Patias *et al.* (2017), buscando também situar alguns temas que surgiram através do estudo empírico.

Figura 20 - Etapas do processo de inovação social



Fonte: Da autora (2018) com base na revisão da literatura.

A figura 20 ilustra as etapas do processo de inovação social. Após a identificação do problema, busca-se a coalizão de atores, que lançarão propostas e implementarão o projeto em uma constante avaliação-manutenção-avaliação, de forma que os objetivos/resultados sejam alcançados, havendo viabilidade a longo prazo.

As iniciativas sociais promovidas pelas cooperativas mencionadas passam pelas etapas do processo característico das inovações sociais, isso significa que: após identificar a necessidade da comunidade, os atores (associados, colaboradores, entidades, parceiros e beneficiários) se unem e trabalham em atividades e planejamentos orientados pelos princípios cooperativistas. Após a implementação do projeto, é possível avaliar os pontos positivos, bem como o que precisa ou pode ser melhorado pelas cooperativas. A fase de escala e difusão, temas tratados no estudo empírico, favorecem a replicação e expansão dos resultados a níveis locais, regionais, nacionais e globais.

Embora o processo de inovação social não necessariamente passe por todas essas etapas de forma linear, o mesmo existe de forma tácita. A exemplo disso, a literatura indica que a partir das crises e necessidades é que se buscam soluções, mas, “nada impede que uma inovação social se antecipe ao problema agindo preventivamente” (PATIAS *et al.*, 2017).



## 5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo os dados serão analisados à luz da literatura, utilizando-se as características mencionadas no capítulo 2.5.2, transcritas a seguir, com os resultados do estudo realizado nas cooperativas. Após, serão apresentadas as discussões para novos aprendizados.

O quadro 11 apresenta as características de inovação social que surgiram do levantamento bibliográfico, relacionando-os a cada projeto realizado pelas cooperativas. Para que esse procedimento fosse possível, foram analisados documentos relacionados aos projetos, como relatórios, dados e documentos do departamento responsável pela aplicação dos mesmos.

Quadro 11 - Características da IS encontradas: na literatura X nos projetos sociais

CARACTERÍSTICAS DA INOVAÇÃO SOCIAL NA LITERATURA	Características da Inovação Social nos PROJETOS SOCIAIS –									
	 COOPERJA					 COOPERSULCA <i>desde 1961</i>				
	EM	NF	CJ	EJ	AS	CDC	NF	CJ	DIC	
Novas soluções para satisfação de uma necessidade social	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Ator consciente da mudança	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Instrumento de modernização das políticas públicas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Melhor qualidade e quantidade de vida	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Mobilização das comunidades locais e governança democrática	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Melhores condições de trabalho e renda	X	X		X	X	X	X		X	

Mudança organizacional	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Mudança nas relações sociais	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Mudança sustentável (melhor uso de ativos e recursos)	X	X		X	X	X	X		X

Fonte: Da autora com base na revisão de literatura e entrevistas (2018).

### **Legenda dos Projetos Sociais:**

EM – Encontro de Mulheres

NF – Núcleo Feminino

CJ – Cooperjovem

EJ – Encontro de Jovens

AS – Ação Social

CDC – Campo Demonstrativo COOPERJA

DIC – Dia Internacional do Cooperativismo

Para responder como as iniciativas de ação social das cooperativas agropecuárias da região da AMESC podem fomentar a inovação social, não será necessário avaliar se cada projeto citado é classificado como tal. Para que se analise a questão, é fundamental que os projetos realizados por cada cooperativa apresentem no conjunto, características de inovação social, e possuam alinhamento com o seu conceito.

Observa-se que os projetos demonstram a necessidade de resolver um problema, ou uma aspiração da comunidade e relatam transformações obtidas com a sua implementação.

Aqui serão analisados se os projetos sociais, de forma geral, realizados pelas cooperativas em estudo, COOPERJA e COOPERSULCA, possuem características de uma inovação social e fomentam o seu desenvolvimento.

## **5.1 NOVAS SOLUÇÕES PARA SATISFAÇÃO DE UMA NECESSIDADE SOCIAL**

A literatura apresenta segundo Caulier-Grice *et al.* (2012), que a inovação social não precisa ser completamente original e única, mas tem que ser novidade de alguma forma para qualificar-se como tal. Nova em um campo, setor, região, mercado ou ser aplicada de uma forma nova. Para Murray *et al.* (2010) todas as inovações sociais começam com uma ideia central, frequentemente motivada por uma experiência, ou evento,

ou novas evidências que trazem à luz uma necessidade ou injustiça social. Engloba o levantamento dos problemas, necessidades, aspirações e desafios, indo além do sintoma até a causa.

Mesmo que as soluções sejam copiadas de um outro contexto, o que é o caso de alguns projetos sociais realizados pelas cooperativas estudadas, para Rollin e Vicent (2007), acontece a sua apropriação ampla, que ocorre por meio de sua institucionalização. Segundo os autores, ao final do processo, os atores ganharão novos valores, conhecimentos e habilidades que eles compartilharam.

Novas soluções referem-se ao caráter inovador do processo e tais soluções, mais eficazes do que as existentes, alcançam resultados viáveis aos problemas da sociedade (TARDIF; HARRISON, 2005; MULGAN, 2006; POL; VILLE, 2009; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010; BIGNETTI, 2011). “São inovações que são boas tanto para a sociedade como para melhorar a capacidade de atuação da sociedade” (MURRAY *et al.*, 2010, p.3). A solução é desenvolvida de três maneiras: criação (invenção); adaptações e/ou transformações de uma política já existente, e, transferência de conhecimentos (a exemplo de algum pesquisador). Pode assumir o formato de uma nova abordagem, serviço ou produto (ROLLIN; VICENT, 2007).

As cooperativas estudadas trabalham com alguns projetos criados e boa parte deles, financiados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP, órgão ao qual são vinculadas. A necessidade de trabalhar a comunidade, os associados e parceiros, aproximando-os ainda mais da cooperativa, favorecendo a inclusão, a participação, melhorias ao bem-estar humano, criam um processo de ação e reação, onde os indivíduos e grupos recebem por exemplo capacitação, e doam participação, colaboração, empoderamento, unindo-se muitas vezes ao projeto e multiplicando resultados, caso esse do Núcleo Feminino. As mulheres são convidadas a fazerem a capacitação e envolvem-se em projetos sociais da cooperativa, repassando seus conhecimentos, disponibilizando seu trabalho, promovendo cursos e desenvolvendo receitas culinárias com produtos da região, como é o caso da farinha de arroz. Isso não só fortalece a cooperativa, mas a sociedade como um todo e, como mencionado na entrevista, abre espaço para novas promoções sociais em virtude dessas pessoas atendidas, desses grupos formados, se disporem a assumir papéis de líderes participativos, atuantes e solidários.

## 5.2 ATOR CONSCIENTE DA MUDANÇA

Segundo Fairbairn, os inovadores sociais, particularmente nas

primeiras etapas do processo, operam em uma situação complicada e conflituosa entre seu próprio pensamento e o de outros. “Devido às dificuldades dos processos cognitivos envolvidos, pode-se esperar que as inovações sociais sejam muitas vezes intrigantes, confusas ou controversas em seus estágios iniciais” (FAIRBAIRN, 2017, p.6).

O que é necessário é um ator inconformista, que pode pensar fora da caixa, e colocar algo em prática para que outros possam ver isso funcionar. O ato da inovação social começa em "ações desviantes que ignoram as regras institucionais" (HARRISSON; KLEIN, 2007, p.6).

Para a COOPERJA, por exemplo, a dificuldade não está na elaboração e nem no financiamento do projeto, e sim, como disse CSJ quando se refere ao grupo de mulheres e de jovens “a dificuldade é formar o primeiro grupo, porque as pessoas ficam receosas”. Existe, por parte de alguns beneficiários, uma certa “desconfiança” dos reais motivos quando são convidados a participarem dos grupos. Não há uma aceitação de imediato quando se propõe uma mudança, uma participação. Após o primeiro evento, a partir do momento que as mulheres e os jovens veem que geram resultados e que estes são benéficos, há procura para novas participações.

Ao se falar em atores inconformistas no contexto da cooperativa, vê-se que, em se tratando de beneficiários, essa inconformidade que seria tratada como algo positivo em relação a quem promove a iniciativa e que busca soluções para as necessidades pensando fora “da caixa”, é vista em sentido negativo. Alguns beneficiários, seja por não vislumbrarem os resultados por trás das ações, ou por comodismo, ou ainda, por serem contrários às mudanças, acabam se tornando barreiras no processo (minando ideias, boicotando participações...). Importante frisar que Barreiras e Facilitadores foram temas que surgiram nas entrevistas, mas eles fazem parte da implementação de qualquer projeto, não podendo ser considerados como uma característica da inovação social.

Com relação ao ator consciente da mudança, as cooperativas, perseverantes em seus objetivos, demonstram para os indivíduos, a comunidade e seu entorno, que prevalecem os princípios de igualdade, solidariedade e ajuda mútua. Todos aqueles que têm esse entendimento, se unem à elas e abraçam seus objetivos.

### 5.3 INSTRUMENTO DE MODERNIZAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

As estruturas existentes são incapazes de eliminar completamente

os problemas envolvendo as desigualdades sociais, as questões da sustentabilidade, as mudanças climáticas e a epidemia mundial de doenças crônicas, e, portanto, há um crescimento de iniciativas paralelas direcionadas para uma economia social (MURRAY *et al.*, 2010). A mobilização em torno do tema decorre da falta de capacidade do Estado suprir as necessidades da população, e também, das políticas que direcionam o investimento público para o aumento de competitividade, em detrimento do desenvolvimento social (DOS SANTOS *et al.*, 2016). As inovações sociais estão voltadas para o enfrentamento de demandas sociais e possuem potencial para o desenvolvimento de novas relações entre a sociedade, o mercado e o Estado, focando no protagonismo das comunidades nesta relação (MURRAY *et al.*, 2010). Este tipo de inovação apresenta-se como um forte catalizador do desenvolvimento de organizações de cunho social, pois oferece novas alternativas de estruturação, de produtos e de relacionamento entre as esferas da sociedade.

Para Moulaert *et al.* (2005) e André e Abreu (2006), a inovação social deve responder aos seguintes anseios: 1) contribuir para a satisfação das necessidades humanas antes não satisfeitas, seja pelo mercado ou pelo Estado; 2) colaborar para o acesso aos direitos (inclusão política, políticas públicas redistributivas, etc.); e, 3) aprimorar as capacidades humanas (empoderar grupos sociais, entre outros).

Ao contrário dos processos de inovação exaustivamente estudados na academia, o campo da inovação social precisa ser estudado em profundidade, por atuar em problemas muitas vezes não abordados pelas empresas e pelo poder público, mas que são de grande importância para a sociedade (CAJAIBA-SANTANA, 2014). Na perspectiva do desenvolvimento local, as realidades que compõem o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento social são cada vez menos separadas (LÉVESQUE, 2002).

O movimento cooperativista trouxe um processo de inclusão social para a comunidade envolvida. Projetos como o Encontro de Mulheres, o Núcleo Feminino e o Encontro de Jovens procuram dar autonomia, empoderamento, condições para que as pessoas se sintam capazes de colaborar e de se sentirem úteis. Projetos como o COOPER jovem que educam as crianças para o cooperativismo e a união, e projetos como o CDC, que abrem novas possibilidades de rendimento na propriedade, no uso dos recursos e aumento dos ganhos, demonstrando a

parceria e o comprometimento da cooperativa que tem a preocupação com o desenvolvimento local.

As pessoas são transformadas positivamente pelos projetos e em muitos pontos, colaboram com a comunidade passando a ser instrumentos dessa modernização, como exemplos ativos e atuantes.

#### 5.4 MELHOR QUALIDADE E QUANTIDADE (EXPECTATIVA) DE VIDA

“A inovação social é uma iniciativa, um produto, processo ou programa, que altera profundamente as rotinas básicas, recursos e fluxos de autoridade ou crenças de qualquer sistema social” (WESTLEY, 2008, p.1). Para Pol e Ville (2009) a “micro” qualidade de vida tem relação com qualquer indivíduo em particular, já a “macro”, se relaciona com a qualidade de vida coletiva de um grupo de indivíduos. Os aspectos relevantes da macro qualidade de vida seriam “o conjunto de opções valiosas” que um grupo de pessoas têm a oportunidade de selecionar, incluindo fatores como bem-estar material, oportunidades de educação, saúde, emprego, vida familiar e comunitária, liberdade política e estabilidade, igualdade de gênero e meio ambiente. Deve-se levar em consideração não apenas o acesso a esses fatores, mas também sua qualidade (POL; VILLE, 2009, p.15).

A sociedade civil, segundo Santos (2007), vem passando por processos de transformações sociais que ocorrem pela implementação e desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, da conquista, da emancipação e empoderamento dos indivíduos. Esse novo contexto, segundo Lévesque (2002), oferece oportunidades para repensar o desenvolvimento a partir de iniciativas geralmente locais, que são motivadas principalmente por aspirações por mais democracia, por uma sociedade que reconhece o lugar das mulheres, por uma sociedade mais equitativa, pelo desenvolvimento sustentável, etc.

Pessoas mais preparadas para atuarem em suas próprias vidas e na comunidade, buscando melhores condições em termos de qualidade e quantidade (maior expectativa de vida), foram alguns temas abordados pelas cooperativas. Vê-se claramente o empenho para incluir mulheres e jovens nas atividades da cooperativa e em seu quadro social, advindos da preocupação com a inclusão social e com a ideia de que a cultura dos produtores agrícolas nas regiões estudadas, é representada pelo homem – marido, pai –, que assume todas as questões, e muitas vezes não aceita a ideia de que, homem e mulher, pai e filho, trabalhando em conjunto na

agricultura, a propriedade rende mais, novas culturas e novas tecnologias podem ser implantadas, além da preparação necessária para assumi-la numa eventualidade ou necessidade (doença, velhice, morte).

A abordagem dos subtemas como liderança, atuação participativa, autogestão, autonomia, empoderamento, inclusão, interação, informação, capacitação, autorrealização, segurança, cultura do cooperativismo, solidariedade e ajuda mútua, vieram à tona de forma explícita (na entrevista) ou implícita (no contexto), e representam os objetivos e resultados advindos dos projetos. Foram classificados de melhor qualidade e quantidade de vida, por indicarem impacto e transformação social.

## 5.5 MOBILIZAÇÃO DAS COMUNIDADES LOCAIS E GOVERNANÇA DEMOCRÁTICA

Os atores se mobilizam unindo ideias, ações, incentivando a autogestão e a participação mais expressiva dos beneficiários, e juntos, trabalham para a solução das necessidades sociais da comunidade. Eles têm “a propensão, o objetivo e a disposição para a realização de ações sociais que buscam um fator por trás da importância maior da inovação social: incentivar a auto-organização dos cidadãos e, portanto, produzir novas formas de participação” (ANDREW *et al.*, 2010, p.9).

O conceito de inovação social, no sentido de gerar mudanças sociais, remete à ideia de preocupação com a melhoria das condições de vida, de gerar oportunidades e proporcionar uma sociedade mais fraterna. Logo, a inovação social surge de desejos ou necessidades que não estão sendo satisfeitos pelo Estado, ou pelo mercado, e que encontram, principalmente nos países em desenvolvimento, mais espaço de atuação, pelas condições de degradação da vida humana (OLIVEIRA; SILVA, 2012).

Fica evidente a mobilização das comunidades locais em áreas de atuação da COOPERJA e da COOPERSULCA, capacitando principalmente mulheres, jovens e educadores, dando-lhes autonomia para gerenciarem suas próprias ações, preparando-lhes para serem mais atuantes, não só de forma individual, mas principalmente, coletiva.

Têm-se o relato de mulheres que perderam o medo e o receio de falar em público, de exporem suas ideias, tornando-se colaboradoras ativas na comunidade. Com esse trabalho, obteve-se a participação de mulheres em cargos administrativos e fiscais. Essa mobilização que

envolve os cidadãos e a participação na tomada de decisões nos diversos setores da sociedade, trabalhado pelas cooperativas em estudo COOPERJA e COOPERSULCA, veem no 2º princípio: Gestão Democrática, no 5º princípio: Educação, formação e informação; no 6º princípio: Intercooperação e no 7º princípio - Interesse pela comunidade, “a propensão, o objetivo e a disposição para a realização de ações sociais que buscam um fator por trás da importância maior da inovação social: incentivar a auto-organização dos cidadãos, e portanto, produzir novas formas de participação” (ANDREW *et al.*, 2010, p.9).

Importante destacar que a Gestão Democrática é um princípio do cooperativismo envolvendo todos os associados, usuários e trabalhadores através de seus estatutos e do modo como fazem negócios (ANDREW *et al.*, 2010). Por intermédio deste princípio, todos os associados têm o poder do voto, sendo notório o esforço das cooperativas em chamá-los a participar, em informá-los e torná-los protagonistas do desenvolvimento da cooperativa e da comunidade.

## 5.6 MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO E RENDA

A busca por melhores condições de vida, trabalho e renda, novas estruturas ou relações sociais, são algumas características que fazem parte dos estudos sobre inovação social. Esta compreensão pode ser observada, principalmente, pelas transformações geradas em âmbito social e econômico, e está relacionada com as premissas defendidas pelo cooperativismo. As cooperativas podem desempenhar o papel de empreendedores e inovadores sociais, gerando impactos positivos no desenvolvimento local e regional e agregando valor aos territórios em que operam (QUANDT *et al.*, 2017).

O impacto de uma inovação social é uma meta a ser seguida, principalmente os relacionados ao empoderamento, não descuidando dos elementos econômicos, [...] mas, atentos aos aspectos ambientais e sociais, que garantirão a continuidade do processo (PATIAS *et al.*, 2017).

A essência do cooperativismo é caracterizada por uma forma de produção e distribuição de riquezas, baseada em princípios como a igualdade, a ajuda mútua e a democracia. Os associados têm na cooperativa, a representante dos seus anseios financeiros, sociais e

tecnológicos. Ela trabalha em função das pessoas, e depende delas para o sucesso do conjunto.

O Campo Demonstrativo COOPERJA - CDC é um exemplo de fortalecimento da cooperativa, gerando melhores condições de trabalho e renda. Dentre vários benefícios, busca levar tecnologia a seus associados, novos procedimentos, novas culturas de grãos, frutas, hortaliças, criação de animais, analisando o mercado, visando maior rendimento no campo, dando todo o suporte para que isso aconteça, logo, trabalhando para o desenvolvimento regional. Pode-se constatar também, pelo número expressivo de funcionários no quadro de ambas cooperativas, a contribuição na economia e na qualidade de vida das pessoas, demonstrando que as cooperativas desempenham um papel efetivo na organização do trabalho e na redução da pobreza.

## 5.7 MUDANÇA ORGANIZACIONAL

Todo processo que envolve os projetos sociais gera mudanças organizacionais, pois há uma adaptação das pessoas, das estruturas, do ambiente, rotinas, entre outros, para o atendimento da comunidade. Resulta também, na maior proximidade com o associado, que por sua vez, dadas as condições a que os projetos se destinam, participam de forma mais ativa e atuante dentro da cooperativa.

“Um ambiente favorável é um pré-requisito para que a economia social dê pleno potencial em termos de inovação e transformação social” (LÉVESQUE, 2002, p.18). Segundo Bignetti (2011) as inovações sociais se originam de organizações e de instituições existentes ou criadas especificamente para atender necessidades sociais, ou ainda, por iniciativas individuais. “A diferença com relação ao empreendedor individual se estabelece pelo arranjo formal prévio, pela forma inicial de mobilização dos recursos e pelo gerenciamento do processo de inovação” (BIGNETTI, 2011, p.8).

A literatura quando se refere às inovações sociais realizadas por organizações, remete tanto às mudanças realizadas internamente - como uma eficiente estrutura de mobilização de pessoas e recursos voltada a um objetivo comum, como àquelas direcionadas para o ambiente – que se propagam como um programa, um conjunto integrado de ações que servem a uma finalidade definida. Finalmente, há inovações que se alicerçam em termos de princípios, valores e formas gerais de ação sobre como servir a um determinado propósito (BIGNETTI, 2011).

Para Mulgan *et al.* (2007, p.5) novas formas organizacionais e de produção são desenvolvidas dentro das empresas por intermédio das

inovações sociais e favorecem a criação de conhecimento e tecnologia, o que permite a melhoria da qualidade de vida no trabalho. Este enfoque enfatiza o papel crítico desenvolvido pelos "conectores" – empreendedores, *brokers* e instituições – que unem pessoas, ideias, recursos e poder, e cuja integração contribui para mudanças duradouras.

Com relação à mudança organizacional, tanto a COOPERJA quanto a COOPERSULCA mobilizam recursos, parceiros, colaboradores e a comunidade. Elas aperfeiçoam suas estruturas, levam informação, capacitação, tecnologia, abrindo novas possibilidades e formas de fazer, e com isso, obtém participação, desenvolvimento e melhorias na qualidade e quantidade de vida dos associados, usuários, trabalhadores e comunidade em geral.

## 5.8 MUDANÇA NAS RELAÇÕES SOCIAIS

As etapas de um projeto social envolvem pessoas, que se relacionam, mudam formas de pensar, agir, fazer, proporcionando mudança em seus relacionamentos, do indivíduo com a cooperativa, com a comunidade e no seu lar.

A inovação social é projetada para melhorar a capacidade da sociedade agir, levando à capacitação dos beneficiários pela criação de novos papéis e relacionamentos, assim como da utilização dos ativos e recursos (CAULIER-GRICE *et al.*, 2012). Os resultados obtidos com a implementação dos projetos demonstram o impacto social gerado na comunidade, mudando de forma fundamental suas bases, formando novas relações sociais, principalmente estreitando laços de confiança, tornando-a mais empoderada e com capacidade para desenvolver-se.

A **Intercooperação**, tema apontado pelas cooperativas, está relacionado às mudanças nas relações sociais e às mudanças organizacionais, visto que suas rotinas são alteradas e abre-se espaço para compartilhamento de conhecimentos, ideias e experiências, bem como, em alguns casos, da disponibilidade de suas estruturas para visitas e buscas pelas formas de fazer. A intercooperação, segundo Oliveira (2001), representa o ponto máximo de solidariedade entre as cooperativas que, ao associarem-se umas às outras, podem dispor melhor da utilização dos serviços, permitindo a otimização dos resultados e gerando mais ganhos para os cooperados, contribuindo desta forma, com o desenvolvimento humano de maneira inclusiva e integrada.

O crescimento e fortalecimento das cooperativas inspiram ideias

e incentivam novas ações, e o fato de trabalharem unidas, conectadas, trocando conhecimentos, reverte-se em benefícios de todos, além de maior segurança por saber o que pode dar certo e o que já deu errado.

## 5.9 MUDANÇA SUSTENTÁVEL (MELHOR USO DE ATIVOS E RECURSOS)

O conceito de inovação social segundo Pacheco *et al.* (2018) surge de diferentes contextos iniciais, como sociais, econômicos, existenciais, políticos, refletindo que aspectos ambientais também catalizam o surgimento desse tipo particular de inovação. Para Cajaiba-Santana (2014) e Haxeltine *et al.* (2013) aparece como uma resposta nova e socialmente reconhecida para a geração de transformação e mudança social. São inovações que transformam alguns dos sistemas fundamentais dos quais dependemos – alimentação, saúde, moradia, educação, cultura, trabalho, matérias primas e recursos. “As fases da mudança e da transformação são momentos em que a inovação social se consolida (...) com perspectivas de tornar-se sustentável, ou seja, manter-se economicamente e gerar resultados sociais e ambientais” (PATIAS *et al.*, 2017, p.144). O dinamismo social pode vir a ser um contraponto na efetividade de uma inovação social, o que não a descaracteriza, pois, sem abandonar o conceito de sustentabilidade, o próprio dinamismo fará emergir novas inovações sociais (BORGES *et al.*, 2015).

De acordo com Langlois e Girard (2006) três fatores são fundamentais para assegurar a sustentabilidade de uma inovação social: presença e envolvimento prolongado dos fundadores; consideração de suas características inerentes e dos valores que transmite durante a sua evolução; bem como, a divulgação da informação e o reconhecimento da inovação pela maioria dos que exerce impacto. Iniciativas dessa natureza introduzem o conceito de inovação social, evidenciando que é possível garantir, frente à abundância de recursos, a inserção produtiva para todos, com a agregação de novos valores e a construção de seres humanos melhores (OLIVEIRA; SILVA, 2012).

As cooperativas agropecuárias estudadas estão comprometidas ao bom uso dos ativos e recursos naturais, o que é, pode-se assim dizer, juntamente com a comunidade, seu bem maior. Dessa forma, aperfeiçoam-se e usam de técnicas modernas e produtos melhorados que orientam a todos àqueles que se envolvem com a cooperativa. O CDC de maneira mais específica demonstra as técnicas e culturas, oferecendo

sempre a expectativa para maior produtividade e melhores condições de renda. Projetos, como o Núcleo Feminino, também têm essa preocupação de estimular novas rendas. É o caso por exemplo, da utilização da matéria prima da região como a farinha de arroz, da banana, maracujá, entre outros, até mesmo do plantio de frutas, verduras, legumes e hortaliças, para serem comercializados.

Outros temas, surgidos nas entrevistas realizadas, serão apontados no quadro 9 – análise temática, e trazidos para discussão.

### 5.10 ETAPAS DO PROCESSO

Um dos temas que emergiram das entrevistas diz respeito à **Manutenção e Avaliação**. Segundo Murray *et al.* (2010, p.58) a avaliação do processo como um todo é o que possibilitará que ajustes sejam feitos, caso necessário, e terão o papel de julgar se é válido ou não a continuidade do processo. “Até mesmo os promissores podem simplesmente não ser suficientemente eficazes ou suficientemente econômicos para sobreviver”. Segundo o autor, ideias propostas para a resolução do problema precisarão ser testadas na prática, aperfeiçoando-se por intermédio de tentativa e erro e refinamento constante, pois uma ideia dificilmente surge totalmente formada. Murray *et al.* (2010) afirma que uma boa parte dos empreendedores sociais não se utilizam de avaliações formais ou testes, muitas vezes mergulham na prática e esperam uma resposta rápida, em vez de gastar muito tempo desenvolvendo planos e estratégias detalhados. Nem todas as ideias alcançam seus objetivos, sendo muitas coisas necessárias para que isso ocorra. Para Mulgan (2006) a inovação social e as inovações empresariais tendem a evoluir a partir de discussões e conversas entre os *stakeholders*, não exigindo protótipos de modelos.

Segundo as cooperativas, todos os projetos realizados por elas passam por avaliações, e há flexibilidade para as mudanças sugeridas, de forma que os erros não se repitam ou sejam minimizados, e que o projeto se torne cada vez melhor. Manutenção e avaliação são características gerais, mais precisamente, etapas do processo de inovação social, indispensáveis à durabilidade e ao sucesso de um projeto.

Outro tema que ficou em ênfase trata da **Escala e Difusão**, que são consideradas variáveis de análise da inovação social, assim definida

por Buckland e Murillo (2013). Para os autores, muitos dos problemas sociais são globais e o que funciona em uma cidade ou uma nação, muitas vezes pode ser estendida para outra. Para Howaldt e Schwarz (2010, p. 26) uma inovação, independentemente de sua fonte, é social na medida em que ela é “aceita e difundida amplamente por toda a sociedade ou em certas sub áreas sociais, transformada dependendo das circunstâncias e finalmente institucionalizada, como uma nova prática social ou rotina”.

Algumas ideias se espalham por causa de suas qualidades como ideias, são inerentemente inspiradoras e envolventes, e ao se espalharem, criam condições para que outras sejam recebidas mais facilmente. Os sistemas só mudam quando as pessoas pensam e veem de novas maneiras, envolve mudanças no poder, substituindo os anteriores por novos (MURRAY *et al.*, 2010).

Segundo Fairbairn (2017) a difusão é provável por meio de quadros cognitivos compartilhados, facilitados por comunicações e redes, e os atores que desenvolveram metas, valores e conhecimentos semelhantes são receptivos a ela, empreendendo muitas vezes, ação voluntária própria para promover ou replicar a inovação social.

A escala e a difusão são observadas nas cooperativas pelo aumento no número de beneficiários e pela expansão a novas áreas de atuação, pelo compartilhamento de experiências, ideias e ações, realizadas principalmente por meio do princípio da intercooperação. Além de trocarem informações e projetos entre elas, expandindo-os, as cooperativas se unem na realização de algumas ações. Os projetos sociais são difundidos a nível local, regional, nacional e global e em uma escala que atinge suas áreas de atuação e entornos.

Por fim, um tema que surgiu de forma espontânea na entrevista foi a **satisfação em trabalhar na cooperativa**, de prestar serviço à comunidade. Ficou evidente a motivação, a certeza em poder contar com o suporte da cooperativa, representada pelos seus presidentes, e a valorização dos trabalhos realizados e resultados obtidos.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E TRABALHOS FUTUROS

### 6.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs a analisar como as iniciativas de ação social das Cooperativas Agropecuárias da região da AMESC podem fomentar a Inovação Social. Para levantamento e aprofundamento dos estudos, foi realizada uma revisão da literatura sobre o tema Inovação Social e Cooperativa, a partir da qual se pôde observar um crescimento no número de pesquisas sobre os respectivos construtos nos últimos dez anos, conforme explanado no capítulo 3.

Foram analisados artigos, livros, teses e dissertações provenientes de pesquisa bibliográfica aprofundada sobre os construtos pesquisados, além de materiais colhidos durante a participação na Atividade de Pesquisa Programada - APP-IS/UFSC, que uniu pesquisadores em estudos e discussões sobre o tema. Objetivos específicos foram traçados e, sendo devidamente atendidos, tornaram possível alcançar o objetivo geral proposto.

- O primeiro objetivo específico visou **identificar na literatura características de análise de ações de inovação social**, sendo atendido por meio da revisão bibliográfica (capítulo 2), que forneceu base teórica para sustentação desta pesquisa. Neste contexto, foram identificados os componentes fundamentais, tornando possível apresentar o conceito que melhor se ajustasse para a avaliação da inovação social nas cooperativas;

- Como resposta ao segundo objetivo específico, foram **descritas as iniciativas de ação social identificadas no estudo empírico das cooperativas**;

- Nas cooperativas estudadas, respondendo ao terceiro objetivo específico, foram **identificadas características de análise de ações de inovação social**;

- Da análise dessas ações, foi possível **confrontar as características da revisão da literatura com as características de inovação social identificadas nas ações sociais realizadas pelas cooperativas estudadas**, respondendo ao quarto objetivo específico.

Entende-se, primeiramente, que as cooperativas analisadas – COOPERJA e COOPERSULCA atendem aos preceitos teórico e prático da inovação social, uma vez que os resultados evidenciam, em grande parte, os elementos característicos da inovação social estudados na literatura.

As cooperativas são organizações que se distinguem das outras por sua forma de governança (GARRIGÓS, 1997; FUSCO; SACOMANO, 2009), prevalecendo os princípios de igualdade, bem-estar, solidariedade, ajuda mútua e sustentabilidade (com seus três pilares: econômico, social e ambiental). Dentre os sete princípios que as regem, quatro deles estão mais fortemente relacionados à inovação social, com ações que visam capacitação, esclarecimento e união de forças, são eles: Gestão Democrática; Educação, Formação e Informação; Intercooperação; e, o Interesse pela Comunidade.

A Gestão Democrática não só demonstra o poder igualitário de cada associado, bem como, o trabalho por uma organização que cresce e se desenvolve pelas decisões tomadas por todos, de maneira conjunta. Educar, Formar e Informar dão base e suporte para que as pessoas que estão em contato com esse conhecimento, tenham capacidade e mais segurança para assumirem suas vidas, para enxergarem possibilidades sociais, econômicas e culturais e serem atuantes na comunidade.

Esse Interesse pela Comunidade é observado quando se busca responder a alguns questionamentos. Quem faz parte da cooperativa? Quais benefícios ela gera? Quem são os beneficiários? Como ela se torna forte em uma gestão democrática? A resposta encontrada na pesquisa deixa claro que ela é formada pela união de pessoas, que trabalha em prol delas, e que depende delas para o seu desenvolvimento. Isso se dá não só em quantidade (quanto maior o número de associados, mais forte a cooperativa), mas principalmente, em qualidade (valorização do ser humano, dando condições para o seu crescimento).

As cooperativas COOPERJA e COOPERSULCA têm se mostrado como ferramentas de desenvolvimento socioeconômico da região. Os referidos empreendimentos apontam que o caminho da solidariedade, da cooperação, do bem-estar, da autogestão, da oportunidade de trabalho e renda para todos são alternativas para a inclusão dos indivíduos na sociedade. Além da integração e do empoderamento de mulheres e jovens, promovem a capacitação de professores para educarem as crianças no senso de cooperar. Promovem ações que disponibilizam técnicas e tecnologia para um maior rendimento da propriedade e melhor uso dos recursos, além de estudos de mercado e das condições apropriadas a um novo cultivo, que levam à

melhores condições de renda e qualidade de vida. Cada projeto realizado é com vistas ao fortalecimento e engrandecimento da cooperativa, da comunidade e do seu entorno.

Isso leva à conclusão, fundamentado no estudo realizado, de que as cooperativas em geral, mas especialmente COOPERJA e COOPERSULCA (objetos de estudo), são fortes berços de inovação social. Portanto, analisar como as iniciativas de ação social realizadas por estas cooperativas podem fomentar a inovação social, é pesquisar algo que já é intrínseco a elas, pelo perfil que adotam.

Dos nove projetos citados pelas cooperativas, cabe destacar a forma como fomentam e geram a inovação social:

1) Núcleo Feminino da COOPERJA e da COOPERSULCA: o projeto integra a mulher na comunidade e no meio cooperativo e trabalha o empoderamento, empreendedorismo, compreensão e participação ativa na gestão e planejamento da cooperativa, com mulheres mais esclarecidas. Estes grupos têm estrutura, liderança e autonomia, e desenvolvem não só nos seus lares, mas em especial, junto às comunidades, atividades em resposta às necessidades que elas mesmas identificam.

2) Encontro de Mulheres: esse projeto trabalha o empoderamento, a liderança feminina e a autoestima das mulheres, com o objetivo de torná-las pessoas mais realizadas, seguras e com potencial de desenvolvimento individual e coletivo.

3) Encontro de Jovens: é um trabalho realizado junto aos jovens. Mostra o potencial da agricultura local, as culturas que podem ser trabalhadas na região, custos, criação de animais, bem como, a preparação para serem bons empreendedores, conscientes de suas capacidades, de suas responsabilidades, melhorando suas condições de vida e desenvolvendo a comunidade.

4) COOPERJovem da COOPERJA e da COOPERSULCA: o projeto trabalha o cuidado com a educação das crianças, formando-as numa base cooperativista, tornando-as indivíduos que pensam e agem no coletivo.

5) Ação Social: essa ação repassa a necessidade de haver cuidados básicos com a higiene, a saúde, a natureza, o lazer, o bem-estar, que melhoram o indivíduo e seu entorno.

6) CDC: auxilia no desenvolvimento da comunidade e dos produtores rurais, que conseqüentemente, melhoram suas condições de vida.

7) DIC: essa ação é realizada a nível mundial. É um chamado para que as pessoas se preocupem com o mundo a sua volta, sendo mais

solidárias, igualitárias e justas.

Os projetos demonstram que as iniciativas de ação social realizadas pelas cooperativas agropecuárias, fomentam as inovações sociais, pois que podem gerar impacto social de forma positiva à sociedade, com pessoas mais empoderadas e capazes, com participação mais efetiva na comunidade e na cooperativa, com empreendedores esclarecidos, bem informados e conscientes dos seus potenciais. Pode-se dizer que as cooperativas imprimem uma nova forma de fazer, com base no contexto e no perfil da comunidade atendida, e geram transformações necessárias que impulsionam o desenvolvimento individual e coletivo, mostrando não só a preocupação com o social, mas principalmente, oferecendo novos entendimentos e possibilidades de atuação.

O empenho que se inicia desde a idealização dos projetos e culmina na sua realização, envolve pessoas, recursos e estrutura das cooperativas. Todo esse processo ocasiona uma mudança organizacional, na qual a cooperativa se prepara e assume o compromisso com os resultados. Essa mudança organizacional é observada também, com a integração de pessoas mais preparadas e esclarecidas, fazendo parte do quadro social. Pode-se afirmar que as iniciativas de inovação social implementadas proporcionam melhora nos relacionamentos com a sociedade, do indivíduo com a cooperativa, com a comunidade e no seu lar.

As cooperativas em estudo apresentam, além do respeito aos princípios que as regem, a satisfação em ser uma organização forte, respeitada em suas áreas de atuação e que contribuem diretamente com a comunidade, não só no individual, mas principalmente de forma coletiva. Essas organizações, pela sua própria composição e estilo de funcionamento, têm a filosofia de que a união das forças é que produz mais, e quanto mais preparadas e esclarecidas as pessoas estiverem sobre o processo, o mesmo será revertido em benefício de todos, inclusive das cooperativas. Este esclarecimento, participação e desenvolvimento econômico, existem, são medidos através de avaliações realizadas e do crescimento em números, apontado em seus relatórios.

Do estudo pode-se afirmar que, o impacto causado por uma inovação social é o resumo de todas as características citadas. Se após a implementação da inovação social não houve transformação em bases fundamentais como as relacionadas à saúde, educação, alimentação, trabalho, segurança, moradia e lazer, se não houve ao menos a amenização do problema, ao qual a ação foi destinada, o objetivo não foi alcançado, e, provavelmente, o projeto não se sustentará e perderá a sua

função.

A contribuição que se espera deste trabalho, além de aproximar o saber acadêmico do saber popular, é poder contribuir, através do estudo empírico, de forma prática, para que as cooperativas incorporem estas atividades no seu dia-a-dia. Nesse contexto, essas características podem servir como diretrizes para novos projetos e ações, bem como para outras cooperativas. Dessa forma tem-se um novo olhar para o cenário das características da inovação social, com maior enfoque, e de forma que o trabalho das cooperativas tenha maior ênfase.

## 6.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

O tema inovação social é um assunto que vem tomando proporções cada vez maiores na academia, com expressivo número de publicações. Unido ao construto cooperativa, apresentou uma leve queda nas publicações, a base *Scopus* apresentou 14 publicações em 2018 (até 03.01.2019) uma a menos em comparação ao ano anterior, e a base *Web of Science*, 08 publicações em 2018 (até 03.01.2019) em comparação as 11 publicadas em 2017.

A Inovação Social é multidisciplinar e dependendo do problema a ser resolvido, do grau de dificuldade a ser enfrentado, necessita da contribuição de pessoas das mais variadas áreas, dispostas a desenvolverem soluções viáveis e que atendam às aspirações e problemas de uma população cada vez mais necessitada de saúde, de educação, alimentação, trabalho, segurança, moradia e lazer.

Dentro da temática cooperativas agropecuárias e inovação social, sugere-se, para pesquisas futuras:

- a) Que esta pesquisa seja expandida para outras regiões e estados além da região da AMESC, de forma a identificar se as características apontadas neste estudo fazem parte de outras cooperativas;
- b) Sugere-se também esse estudo em outros segmentos;
- c) E por fim, um aprofundamento dos resultados por intermédio das partes beneficiárias, colhidos de depoimentos das pessoas participantes dos projetos e da comunidade.



## REFERÊNCIAS

AARONS, Gregory A.; HURLBURT, Michael; HORWITZ, Sarah McCue. Advancing a conceptual model of evidence-based practice implementation in public service sectors. **Administration and Policy in Mental Health and Mental Health Services Research**, v. 38, n. 1, p. 4-23, 2011.

AGOSTINI, Manuela Rösing; VIEIRA, Luciana Marques; TONDOLO, Rosana da Rosa Portella; TONDOLO, Vilmar Antonio Gonçalves. Uma Visão Geral Sobre a Pesquisa em Inovação Social: Guia Para Estudos Futuros. **BBR, Braz. Bus. Rev.**, Vitória, v. 14, n. 4, p. 385-402, Aug. 2017. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1808-23862017000400385&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1808-23862017000400385&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 13/08/18.

ALMEIDA, Mariza; DE MELLO, Jose Manoel Carvalho; ETZKOWITZ, Henry. Social innovation in a developing country: invention and diffusion of the Brazilian cooperative incubator. **International Journal of Technology and Globalisation**, v. 6, n. 3, p. 206- 224, 2012.

ANDRÉ, Isabel; ABREU, Alexandre. Dimensões e espaços da inovação social. **Finisterra**, v. 41, n. 81, 2006.

ANDREW, Caroline; KLEIN, Juan-Luis. Social Innovation: What is it and why is it important to understand it better. Montréal: CRISES, 2010. Disponível em: <[http://www.crisis.uqam.ca/upload/files/publications/etudes-theoriques/CRISES\\_ET1003.pdf](http://www.crisis.uqam.ca/upload/files/publications/etudes-theoriques/CRISES_ET1003.pdf)>. Acesso em 13/08/18.

ANGELINI, Leonardo *et al.* Senior Living Lab: An Ecological Approach to Foster Social Innovation in an Ageing Society. **Future Internet**, v. 8, n. 4, p. 50, 2016.

ARMOUR, Henry Ogden; TEECE, David J. Vertical integration and technological innovation. **The Review of Economics and Statistics**, p. 470-474, 1980.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO EXTREMO SUL CATARINENSE - AMESC.

<<http://www.amesc.com.br/index/municipiosassociados/codMapaItem/42454>>. Acesso em 12/06/18.

BAREGHEH, Anahita; ROWLEY, Jennifer; SAMBROOK, Sally. Towards a multidisciplinary definition of innovation. **Management decision**, v. 47, n. 8, p. 1323- 1339, 2009.

BEPA - Bureau of European Policy (BEPA) Social innovation : a decade of changes, Luxembourg, Publications Office of the European Union. 2014. Disponível em:<<http://www.transitsocialinnovation.eu/resource-hub/social-innovation-a-decade-of-changes-a-bepa-report>>. Acesso em 22/08/18.

BERNARDINO, Susana; FREITAS SANTOS, J. Local development through social and territorial innovation: An exploratory case study. **CIRIEC-España, revista de economía pública, social y cooperativa**, n. 90, 2017.

BIALOSKORSKI NETO, S. Cooperativas: um ensaio sobre eficiência econômica, contratos e fidelidade. In: **III Workshop Internacional de Tendências do Cooperativismo**. 2002. p. 7-20.

BIGNETTI, Luiz Paulo. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3-14, 2011.

BIGNETTI, Luiz Paulo; CAPPRA, Cláudia Madrid; THOMAS, Elisa. Estudos nacionais e internacionais sobre gestão da inovação: uma análise dos principais autores e das vertentes teóricas atuais. **XXXII Encontro da ANPAD**, v. 6, 2008.

BORGES, Michele Andréia. **Dinâmica das Parcerias Intersetoriais em Iniciativas de Inovação Social: da descrição à proposição de diretrizes**. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Florianópolis, 2017.

BORGES, Michele Andréia *et al.* Inovação social: uma gênese a partir da visão sistêmica e teoria da ação comunicativa de Habermas. In: **Fourth International Conference on Integration of Design, Engineering and**

**Management for innovation-IDEMI**. 2015. p. 1-13.

BOUCHARD, Marie J. De l'expérimentation à l'institutionnalisation positive: l'innovation sociale dans le logement communautaire au Québec. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 77, n. 2, p. 139-166, 2006.

BRASIL. LEI Nº5764 de 16 de dezembro de 1971. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5764.htm)>. Acesso em 18/11/18.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BUCKLAND, Heloise; MURILLO, David. **Antena de innovación social: vías hacia el cambio sistémico: ejemplos y variables para la Innovación Social**. ESADE, Instituto de Innovación Social, 2013.

CABRÉ, Eduard; ANDRÉS, Arnau. La Borda: a case study on the implementation of cooperative housing in Catalonia. **International Journal of Housing Policy**, v. 18, n. 3, p. 412-432, 2018.

CAJAIBA-SANTANA, Giovany. Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 82, p. 42- 51, 2014.

CARDOSO, Univaldo Coelho. COOPERATIVA: Série Empreendimentos Coletivos. **Brasília: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas– SEBRAE**, 2014.

CARVALHO, Adriano Dias de. O Cooperativismo sob a ótica da gestão estratégica global. **São Paulo: Baraúna**, 2011.

CASTRO-SPILA, J.; UNCETA, A. **Modes d'innovation sociale et gouvernance. La transformation sociale par l'innovation sociale** Quebec, CRISES, 2015.

CAULIER-GRICE, Julie *et al.* Defining social innovation. A deliverable of the project: "The theoretical, empirical and policy foundations for building social innovation in Europe"(TEPSIE), European

Commission—**7th Framework Programme**, Brussels: European Commission, DG Research, 2012.

CENTRE FOR SOCIAL INNOVATION – CSI. Disponível em: <<http://socialinnovation.ca>>. Acesso em: 03.06.18.

CLOUTIER, Julie. **Qu'est-ce que l'innovation sociale?**. Montréal: Crises, 2003.

COMISSÃO EUROPEIA. Inovação Social. 2015. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/growth/>>. Acesso em 16/11/18.

Cooperativismo, Inovação e Competitividade. Disponível em: <<https://agenciafiop.com.br/2015/05/27/cooperativismo-inovacao-e-competitividade/>>. Acesso em 24/01/19.

Cooperativismo é a nova economia global. Disponível em: <[http://www.ocesc.org.br/cooperativas\\_busca](http://www.ocesc.org.br/cooperativas_busca)>. Acesso em 06/06/18.

COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL DE JACINTO MACHADO - COOPERJA. Disponível em: <<http://cooperja.com.br/>>. Acesso em 10/01/18.

\_\_\_\_\_ Logomarca do projeto. Disponível em: <<http://cooperja.com.br/institucional>>. Acesso em 18/11/18.

\_\_\_\_\_ Logomarca do programa. Disponível em: <[http://www.sescoopsc.org.br/secao/promocao\\_social\\_programas](http://www.sescoopsc.org.br/secao/promocao_social_programas)>. Acesso em 18/11/18.

\_\_\_\_\_ Logomarca do projeto. Disponível em: <<http://cooperja.com.br/noticia/cooperja-realiza-2o-encontro-de-jovens-572>>. Acesso em 18/11/18.

\_\_\_\_\_ Logomarca do projeto. Disponível em: <<http://cooperja.com.br/noticia/vem-ai-14o-cdc-533>>. Acesso em 18/11/18.

COOPERSULCA - Cooperativa Regional Agropecuária Sul Catarinense

Ltda - Disponível em: <<http://www.coopersulca.com.br/>>. Acesso em 10/01/18.

\_\_\_\_\_ Logomarca do projeto. Disponível em: <<http://www.coopersulca.com.br/noticias/ver/eventos-coopersulca-78>>. Acesso em 18/11/18.

\_\_\_\_\_ Logomarca do programa. Disponível em: <[http://www.sescoopsc.org.br/secao/promocao\\_social\\_programas](http://www.sescoopsc.org.br/secao/promocao_social_programas)>. Acesso em 18/11/18.

\_\_\_\_\_ Logomarca do projeto. Disponível em: <<http://www.cotrisoja.com.br/aci-divulga-tema-do-dia-internacional-do-cooperativismo>>. Acesso em 18/11/18.

\_\_\_\_\_ Audiovisual, 2014. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?time\\_continue=955&v=PIbfCXv3q8o](http://www.youtube.com/watch?time_continue=955&v=PIbfCXv3q8o)> Acesso em 16/11/18.

CORREIA, Suzanne Nóbrega *et al.* Inovação Social para o Desenvolvimento Sustentável: um caminho possível. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 10, n. 3, p. 199-212,18.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. In: **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2010.

CRISES. Centre de Recherche sur les Innovations Sociales, 2003. Disponível em: [https://crises.uqam.ca/upload/files/publications/etudesheoriques/CRISE\\_S\\_ET0314.pdf](https://crises.uqam.ca/upload/files/publications/etudesheoriques/CRISE_S_ET0314.pdf). Acesso em: 18/03/18.

CRISES. Centre de Recherche sur les Innovations Sociales (CRISES). Disponível em: <<http://crises.uqam.ca/lecentre/presentation.html>>. Acesso em: 03/06/18.

CUNHA, Jorge; BENNEWORTH, Paul. Universities' contributions to social innovation: towards a theoretical framework. In: **EURA Conference 2013**. 2013.

DAGNINO, Renato; GOMES, Erasmo. Sistema de inovação social para

prefeituras. In: **Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia para Inovação**. Anais São Paulo. 2000.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Boitempo Editorial, 2007.

Desemprego volta a crescer no primeiro trimestre de 2018. Disponível em:<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20995>>. Acesso em 04/07/18.

Dia internacional do cooperativismo.

<<http://www.sicoobsc.com.br/blog/noticias/dia-internacional-cooperativismo-sera-celebrado-dia-2-de-julho/>>. Acesso em 31/07/18.

DI DOMENICO, Maria Laura; HAUGH, Helen; TRACEY, Paul. Social bricolage: Theorizing social value creation in social enterprises. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 34, n. 4, p. 681-703, 2010.

DOS SANTOS, Andreia Aparecida Pandolfi *et al.* Proteção social básica denominada projeto lutar pela vida como consumação de inovações sociais: Um estudo de caso. **Revista Espacios**| Vol. 37 (nº 06), 2016.

DOS SANTOS, Alexandra Cristina Inácio; LESSA, Joana de Carvalho Folgado. Communication design and Municipal Markets recognition in the Mediterranean context. **Rosa dos Ventos**, v. 9, n. 3, p. 488-504, 2017.

DRO, Isabelle; THERACE, Aurélie (Ed.). **Empowering people, driving change: Social innovation in the European Union**. Publications Office, 2011. file:<///NJ7911114ENC\_002.pdf>. Acesso em 22/08/2018.

DUFOUR, Sarah; LESSARD, Danielle; CHAMBERLAND, Claire. Facilitators and barriers to implementation of the AIDES initiative, a social innovation for participative assessment of children in need and for coordination of services. **Evaluation and program planning**, v. 47, p. 64-70, 2014.

ECHEVERRÍA EZPONDA, Javier; MERINO MALILLOS, Lucía.

Cambio de paradigma en los estudios de innovación: el giro social de las políticas europeas de innovación. **Arbor - Ciencia, Pensamiento y Cultura**, [S.l.], v. 187, n. 752, p. 1031- 1043, dec. 2011. ISSN 1988-303X. Disponível em:

<<http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/1387>>. Acesso em:: 25/01/19.

Economia Solidária ganha espaço no Mercado Público.2015. <<http://www.pmf.sc.gov.br/mobile/index.php?pagina=notpagina&noti=16014>>. Acesso em 09/08/18.

EGC.UFSC<<http://www.egc.ufsc.br/pos-graduacao/programa/>>. Acesso em 27/11/18.

ELSEVIER, 2018. Scopus. Disponível em: <<https://www.elsevier.com/pt-br/solutions/scopus>>. Acesso em 02/05/18.

FAIRBAIRN, Brett. **Cohesion, adhesion, and identities in co-operatives**. Co-operative Membership and Globalization. New Directions in Research and Practice. Saskatoon: Centre for the Study of Co-operatives, University of Saskatchewan, p. 18-50, 2004.

FAIRBAIRN, Brett. Raiffeisen As Social Innovator. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 88, n. 3, p. 425-448, 2017.

FARE, Yohann *et al.* Vers un nouveau modèle de partenariat multi-acteur dans l'entreprise sociale et solidaire du moringa au Togo (Afrique de l'Ouest). In: **International Symposium on Moringa 1158**. 2015. p. 475-483.

FARFUS, D.; ROCHA, MC de S. **Inovações sociais**. Curitiba: SESI. SENAI/IEL/UNINDUS, 2007.

FARR, James L.; WEST, Michael A. (Ed.). **Innovation and creativity at work: Psychological and organizational strategies**. Wiley, 1990.

FERREIRA, Marco Aurélio Marques; BRAGA, Marcelo José. Diversificação e competitividade nas cooperativas agropecuárias. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 8, n. 4, p. 33-55, 2004.

FUSCO, José Paulo Alves; SACOMANO, José Benedito. Alianças em redes de empresas. **São Paulo: Arte e Ciência**, 2009.

GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 82, 2013.

GALVÃO, Cristina Maria; SAWADA, Namie Okino; TREVIZAN, Maria Auxiliadora. Revisão sistemática. **Rev Latino-am enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 549-56, 2004.

GARRIGÓS, Elido González. Las sociedades cooperativas agrarias en España. Su contabilidadyfiscalidad. **Cuadernos de Estudios Empresariales 155N**, v. 1131, p. 6985, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas , 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 12. reimpr. São Paulo: Atlas, v. 6, n. 1-1, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOLDENBERG, Mark *et al.* Social innovation in Canada: An update. **Ottawa, Canadian Policy Research Networks**, 2009.

GONÇALVES NETO, Alfredo de Assis. **Lições de direito societário**. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2004.

GONZÁLEZ, Sara *et al.* ALMOLIN: How to analyse social innovation at the local level?. **Can neighbourhoods save the city**, p. 49-67, 2010.

HAMALAINEN, Timo J.; HEISKALA, Risto (Ed.). **Social innovations, institutional change and economic performance: Making sense of structural adjustment processes in industrial sectors, regions and societies**. Edward Elgar Pub., 2007.

HAN, Sang-II; CHUNG, Moo-Kwon; PARK, Mun-su. Local

stakeholder involvement and social innovation in Korean co-operatives: the cases of Wonju and Ansong cities. **Community Development Journal**, v. 49, n. 2, p. 327-343, 2013.

HARGADON, Andrew; SUTTON, Robert I. Building an innovation factory. **Harvard business review**, v. 78, n. 3, p. 157-66, 217, 2000.

HARRISSON, Denis; KLEIN, Juan-Luis. 'Introduction', in Klein and Harrison, **L'Innovation sociale**, 1-14. 2007.

HAXELTINE, Alex *et al.* Transformative social innovation: a sustainability transitions perspective on social innovation. In: **Social Frontiers: The next edge of social innovation research**. 2013.

HEAN, Sarah *et al.* Using social innovation as a theoretical framework to guide future thinking on facilitating collaboration between mental health and criminal justice services. **International Journal of Forensic Mental Health**, v. 14, n. 4, p. 280-289, 2015.

HITEVA, Ralitsa; SOVACOOOL, Benjamin. Harnessing social innovation for energy justice: A business model perspective. **Energy Policy**, v. 107, p. 631-639, 2017.

HOFFMAN, Eric; ROMAN, Paul M. Information diffusion in the implementation of innovation process. **Communication Research**, v. 11, n. 1, p. 117-140, 1984.

HOWALDT, Jürgen; SCHWARZ, Michael. Social innovation. **Concepts, Research Fields, and International Trends. Dortmund: Sozialforschungstelle Dortmund**, 2010. Disponível em: <[http://www.sfsdortmund.de/odb/Repository/Publication/Doc%5C1289%5CIMO\\_Trendstudie\\_Howaldt\\_Schwarz\\_englische\\_Version.pdf](http://www.sfsdortmund.de/odb/Repository/Publication/Doc%5C1289%5CIMO_Trendstudie_Howaldt_Schwarz_englische_Version.pdf)>. Acesso 13/08/18.

Indicadores Ethos para Negócios Sustentáveis e Responsáveis. <<https://www3.ethos.org.br/conteudo/indicadores/#.WyEJ5EgvzIV>>. Acesso em 13/06/18.

JULIANI, Douglas Paulesky *et al.* Inovação social: perspectivas e desafios. **Revista Espacios** Vol. 35 (Nº 5) 2014.

JULIANI, Douglas Paulesky. **Framework da cultura organizacional nas universidades para a inovação social**. [s.l.] Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

KANTER, Rosabeth Moss. From spare change to real change. The social sector as beta site for business innovation. **Harvard business review**, v. 77, n. 3, p. 122-32, 210, 1999.

KLEIN, Juan-Luis *et al.* The Quebec system of social innovation: a focused analysis on the local development field. **Finisterra-Revista Portuguesa de Geografia**, n. 94, p. 9- 28, 2012.

KOLK, Ans; LENFANT, François. Cross-sector collaboration, institutional gaps, and fragility: the role of social innovation partnerships in a conflict-affected region. **Journal of Public Policy & Marketing**, v. 34, n. 2, p. 287-303, 2015.

KOLLECK, Nina. Innovations through networks: Understanding the role of social relations for educational innovations. **Zeitschrift für Erziehungswissenschaft**, v. 17, n. 5, p. 47-64, 2014.

LAGO, Adriano. **Fatores Condicionantes do Desenvolvimento de Relacionamentos Intercooperativos no Cooperativismo Agropecuário**. Porto Alegre: 2009.

LANGLOIS, Geneviève; GIRARD, Jean-Pierre. Coopératives de solidarité, développement et pérennité d'une innovation sociale. Une étude comparative de deux expériences québécoises. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 77, n. 2, p. 197-220, 2006.

LAWRENCE, Thomas B.; HARDY, Cynthia; PHILLIPS, Nelson. Institutional effects of interorganizational collaboration: The emergence of proto-institutions. **Academy of management journal**, v. 45, n. 1, p. 281-290, 2002.

LÉVESQUE, Benoît. Les impacts des parcs scientifiques à travers la contribution des innovations sociales et des sciences sociales et

humaines. **Collection Études théoriques**, no ET0210, 20 pages, 2002.

LÉVESQUE, Benoît. **Les entreprises d'économie sociale, plus porteuses d'innovations sociales que les autres?**. CRISES, Université du Québec à Montréal, 2002.

LEVI, Yair; DAVIS, Peter. Cooperatives as the “enfants terribles” of economics: Some implications for the social economy. **The Journal of Socio-Economics**, v. 37, n. 6, p. 2178-2188, 2008.

LIRA, Cristiane da Silva Coimbra. **A tecnologia digital como ferramenta para inovação social, no contexto de uma organização para impacto social**. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Florianópolis, 2018.

LOPES, Mauro Resende *et al.* Gestão estratégica e reformas nas cooperativas agropecuárias brasileiras. **BRAGA, MJ; SANTOS REIS, B. dos (Org.). Agronegócio cooperativo: reestruturação e estratégias**. Viçosa: UFV, 2002.

MACCALLUM, Diana/ MOULAERT, Frank/ HILLIER, Jean/ HADDOCK, Serena (eds.). **Social Innovation and Territorial Development**. Aldershot: Ashgate Publishing Limited., 2009.

MAGNANI, Natalia; OSTI, Giorgio. Does civil society matter? Challenges and strategies of grassroots initiatives in Italy's energy transition. **Energy Research & Social Science**, v. 13, p. 148-157, 2016.

MARQUES, Pedro; MORGAN, Kevin; RICHARDSON, Ranald. Social innovation in question: The theoretical and practical implications of a contested concept. **Environment and Planning C: Politics and Space**, v. 36, n. 3, p. 496-512, 2018.

MASSAD, Daniela de Oliveira. **A influência das competências do empreendedor social em projetos de inovação social**. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Florianópolis, 2017.

McNEILL, John. Enabling social innovation – opportunities for

sustainable local and regional development. *Community Economies. Social Frontiers. The next edge of social innovation research*. 2013.

MEDVEDEVA, Tatiana A. Developing an innovative style of thinking and innovative behavior. **Systemic Practice and Action Research**, v. 25, n. 3, p. 261-272, 2012.

MENDINA, Heitor José Cademartori. **Proposta de framework para intercooperação entre cooperativas agroalimentares atuando em rede horizontal**. 2015.

MENEZES, Antônio. **Cooperativa de crédito: o que é e quais seus benefícios**. Stilo, 2004.

MICHAUD, Myriam; AUDEBRAND, Luc K. Inside out, outside in: “supporting members” in multi-stakeholder cooperatives. **Management Decision**, 2018.

MIRANDA, José Eduardo. La innovación social cooperativa: la característica de los valores cooperativos como instrumento de rescate y/o fortalecimiento de los entornos debilitados. **Boletín de la Asociación Internacional de Derecho Cooperativo**, n. 43, p. 125-133, 2009.

MOULAERT, Frank; AILENEI, Oana. Social economy, third sector and solidarity relations: A conceptual synthesis from history to present. **Urban studies**, v. 42, n. 11, p. 2037-2053, 2005.

MOULAERT, Frank *et al.* **Introduction: social innovation and governance in European cities: urban development between path dependency and radical innovation**. p.195-209. 2007.

MOULAERT, Frank; MACCALLUM, Diana; HILLIER, Jean. Social innovation: intuition, precept, concept. **The International Handbook on Social Innovation: collective action, social learning and transdisciplinary research**, v. 13, 2013.

MULGAN, Geoff. The process of social innovation. **Innovations: technology, governance, globalization**, v. 1, n. 2, p. 145-162, 2006.

MULGAN, Geoff *et al.* *Social innovation: what it is, why it matters and how it can be accelerated*. London: **The Young Foundation**, 2007.

Online: < <http://youngfoundation.org>>. Acesso 13/08/18.

MULLER, Isabela Regina. Fornari; TEZA, Pierry; STEIL, Andréa Valéria; SOUZA, João Artur de; SELL, D. (2013). Um levantamento e análise da literatura sobre desaprendizagem organizacional no contexto da inovação. **Anais do XXXIII encontro nacional de engenharia de produção**. Rio de Janeiro: ABEPRO v. 1. pp. 121.

MURRAY, Robin; CAULIER-GRICE, Julie; MULGAN, Geoff. The open book of social innovation. London: **National endowment for science, technology and the art**, 2010.

NOVY, Andreas; LEUBOLT, Bernhard. Participatory budgeting in Porto Alegre: social innovation and the dialectical relationship of state and civil society. **Urban studies**, v. 42, n. 11, p. 2023-2036, 2005.

IGTI - Núcleo de Estudos em Inteligência, Gestão e Tecnologias para Inovação. Disponível em: < <http://www.igti.ufsc.br>>. Acesso em 08/04/18.

OKANO, Marcelo Tsuguio. Interorganisational networks and social innovation: a study in milk production chain. **International Journal of Innovation and Sustainable Development**, v. 11, n. 4, p. 317-335, 2017.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Manual de gestão das cooperativas: uma abordagem prática**. São Paulo: Atlas, 2001.

OLIVEIRA, Nilza Duarte Aleixo de; SILVA, Tania Nunes da. Inovação social e tecnologias sociais sustentáveis em relacionamentos intercooperativos: um estudo exploratório no Creditag-RO. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 5, n. 2, 2012.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa**, TGI, TCC. Monografias, Dissertações e Teses, v. 2, 2002.

OCESC - ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA.. Disponível em:<<http://www.ocesc.org.br/noticia/13261>>. Acesso em 28/11/18.

OCB - ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS  
Disponível em <<http://www.ocb.org.br/sistemas-ocb>>. Acesso em 30/04/18.

OECD - ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT - Disponível em:  
<<http://www.oecd.org/cfe/leed/social-economy.htm>>. Acesso em 08/03/18.

\_\_\_\_\_. **Manual de Oslo: proposta de ações de intervenção para coleta e interpretação de dados sobre inovação tecnológica.** 3 ed. Brasília: FINEP, 2005.

PACHECO, Roberto Carlos dos Santos. Aderência ao programa. 2014. Disponível em: <<http://www.egc.ufsc.br/pos-graduacao/programa/>>. Acesso em 27/11/18.

PACHECO, Anderson Sasaki Vasques *et al.* Dos objetivos ao surgimento de uma inovação social: um estudo de caso em uma organização da economia solidária. **P2P E INOVAÇÃO**, v. 4, n. 2, p. 119-140, 2018. DOI: <<https://doi.org/10.21721/p2p.2018>>. Acesso em 30/12/18.

PATIAS, Tiago Zardin *et al.* Modelos de Análise da Inovação Social: O Que Temos Até Agora?. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação** v. 4, n. 2, p. 125-147, 2017.

PAUNESCU, Carmen. Current trends in social innovation research: social capital, corporate social responsibility, impact measurement. **Management & Marketing**, v. 9, n. 2, p. 105, 2014.

PHILLIPS, Wendy *et al.* Social innovation and social entrepreneurship: A systematic review. **Group & Organization Management**, v. 40, n. 3, p. 428-461, 2015.

PHILLS, James A.; DEIGLMEIER, Kriss; MILLER, Dale T. Rediscovering social innovation. **Stanford Social Innovation Review**, v. 6, n. 4, p. 34-43, 2008.

POL, Eduardo; VILLE, Simon. Social innovation: Buzz word or

enduring term?. **The Journal of socio-economics**, v. 38, n. 6, p. 878-885, 2009.

PRIM, Márcia Aparecida. **Elementos constitutivos das redes de colaboração para inovação social no contexto de incubadoras sociais**. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Florianópolis, 2017.

PUTNAM, Robert D. Bowling alone: America's declining social capital. In: **Culture and politics**. Palgrave Macmillan, New York, 2000. p. 223-234.

QUANDT, Carlos *et al.* Social innovation practices in the regional tourism industry: Case study of a cooperative in Brazil. **Social Enterprise Journal**, v. 13, n. 1, p. 78-94, 2017.

QUINTANE, Eric *et al.* Innovation as a knowledge-based outcome. **Journal of knowledge management**, v. 15, n. 6, p. 928-947, 2011.

RIVA-MOSSMAN, Susie *et al.* The Senior Living Lab: an example of nursing leadership. **Clinical interventions in aging**, v. 11, p. 255, 2016.

ROLLIN, Joanie; VINCENT, Valérie. Acteurs et processus d'innovation sociale au Québec. **Réseau québécois en innovation sociale**, 2007.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 1983.

RÜEDE, Dominik; LURTZ, Kathrin. Mapping the various meanings of social innovation: Towards a differentiated understanding of an emerging concept. 2012.

SALIM SAJI, Beena; ELLINGSTAD, Paul. Social innovation model for business performance and innovation. **International Journal of Productivity and Performance Management**, v. 65, n. 2, p. 256-274, 2016.

SALDAÑA, J. **The coding manual for qualitative researchers**. London: Sage, 2009.

Santa Catarina é referência nacional no cooperativismo. Disponível em: <<https://www.tvgc.com.br/noticia/16811/santa-catarina-e-referencia-nacional-no-cooperativismo.html>>. Acesso em 18/01/19.

SANTOS DELGADO, Ana Alexandra. **Framework para caracterizar la innovación social sobre sus procesos**. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 245 p, 2016.

SC agropecuária cooperativista deve crescer 5% em sua receita operacional. Disponível em:<<http://www.feedfood.com.br/pt/noticias>>. Acesso em 02/07/18.

SCHNEIDER, José Odelso; HENDGES, Margot; SILVA, Antonio Cesar Machado da. Educação e capacitação cooperativa: os desafios no seu desempenho. São Leopoldo–RS: **Unisinos**, 2010.

SCHOEN, Martin W. *et al.* Social network analysis of public health programs to measure partnership. **Social Science & Medicine**, v. 123, p. 90-95, 2014.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo; FRANTZ, Walter. Movimento cooperativo: processo de inclusão social de agricultores familiares. **Anais do Encontro de Pesquisadores Latino-Americanos de Cooperativismo**, Ribeirão Preto, SP, Brasil, v. 5, 2008.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO COOPERATIVISMO – SESCOOP. Disponível em: <<http://www.sescoopsc.org.br/secao/home>>. Acesso em 05.05.18.

SIMIONI, Flávio José *et al.* Lealdade e oportunismo nas cooperativas: desafios e mudanças na gestão. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 47, n. 3, p. 739-765, 2009. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032009000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032009000300010)>. Acesso em: 28/11/18.

STEFANOVITZ, Juliano Pavanelli; NAGANO, Marcelo Seido. Gestão da inovação: análise e síntese dos conceitos. **Produto & Produção**, v. 15, n. 2, 2014.

SUBRAMANIAM, Mohan; YOUNDT, Mark A. The influence of intellectual capital on the types of innovative capabilities. **Academy of Management journal**, v. 48, n. 3, p. 450-463, 2005.

TAN, Erwin J. *et al.* The evolution of an academic–community partnership in the design, implementation, and evaluation of experience corps® Baltimore city: A courtship model. **The Gerontologist**, v. 54, n. 2, p. 314-321, 2013.

TARDIF, Carole; HARRISSON, D. **Complémentarité, convergence et transversalité: la conceptualisation de l'innovation sociale au CRISES**. Crises, 2005.

TAYLOR, J. Introducing social innovation. **The Journal of Applied Behavioral Science**, [S.I.], v. 6, n.1, p. 69-77, 1970.

TERZIOVSKI, Milé. Innovation practice and its performance implications in small and medium enterprises (SMEs) in the manufacturing sector: a resource-based view. **Strategic Management Journal**, v. 31, n. 8, p. 892-902, 2010.

TIDD, Joe; BESSANT, Joe. **Gestão da inovação-5**. Bookman Editora, 2015.

TRANSIT - Transformative Social Innovation Theory. TRANSIT WP3 deliverable D3.2 - "A first prototype of TSI theory". **Brussels**. [Links], 2015. Disponível em:  
<[http://www.transitsocialinnovation.eu/content/original/Book%20covers/Local%20PDFs/161%20TRANSIT%20WP3%20deliverable%20D3.2%20of%2030%2004%202015%20v1.1\(1\).pdf](http://www.transitsocialinnovation.eu/content/original/Book%20covers/Local%20PDFs/161%20TRANSIT%20WP3%20deliverable%20D3.2%20of%2030%2004%202015%20v1.1(1).pdf)>. Acesso: 12/05/18.

TRIGUERO-CANO, Ángela; CUERVA NARRO, Maria. El cooperativismo agroalimentario ante el reto de la globalización: "renovarse o morir". **CIRIEC-España, Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa**, n. 72, 2011. Disponível em:  
<<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=17421345004>>. Acesso em: 09/01/19.

TROTT, Paul J. **Gestão da inovação e desenvolvimento de novos produtos**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2012.

VAN DER SCHOOR, Tineke *et al.* Challenging obduracy: How local communities transform the energy system. **Energy Research & Social Science**, v. 13, p. 94-105, 2016.

VEZINA, Martine; MALO, Marie-Claire; BEN SELMA, Majdi. Mature Social Economy Enterprise and Social Innovation: The Case of the Desjardins Environmental Fund. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 88, n. 2, p. 257-278, 2017.

VIETA, Marcelo. The social innovations of autogestión in Argentina's worker- recuperated enterprises: Cooperatively reorganizing productive life in hard times. **Labor Studies Journal**, v. 35, n. 3, p. 295-321, 2010.

WESTLEY, Frances. The social innovation dynamic. **Frances Westley, SiG@ Waterloo**, 2008. Disponível em:

<<https://www.google.com/search?q=WESTLEY%2C+Frances.+The+social+innovation+dynamic.+Frances+Westley%2C+SiG%40+Waterloo%2C+2008.&oq=WESTLEY%2C+Frances.+The+social+innovation+dynamic.+Frances+Westley%2C+SiG%40+Waterloo%2C+2008.&aqs=chrome..69i57j69i60.1512j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em 30/12/18.

YEASMIN, Nafisa; KEMPPAINEN-KOIVISTO, Riitta. The Sociopolitical Determinants of Social Entrepreneurship Action: A Qualitative Analysis. **South Asian Journal of Business and Management Cases**, v. 6, n. 1, p. 47-60, 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman editora, 2015.

ZISSOU, Alex de Jesus. **Modelo cooperativo para sistema de gestão do conhecimento**. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. 2007.

ZEULI, Kimberly *et al.* Cooperatives as a community development strategy: Linking theory and practice. **Journal of Regional Analysis and Policy**, v. 35, n. 1, p. 43-54, 2005.

ZHAO, Deyu; JIN, Minchao. Social innovations on land use in rural China: an asset- based analysis. **China Journal of Social Work**, v. 6, n. 2, p. 208-219, 2013.

15º Encontro de Mulheres discute Felicidade, bem-estar & qualidade de vida. Disponível em:<<http://www.sescoopsc.org.br/noticia/13217>>. Acesso em 03/11/2018.



## APÊNDICE A - REVISÃO DA LITERATURA

### 1 CONSULTA À BASE DE DADOS SCOPUS EM 30/03/2018.

De um total de 54 artigos encontrados nessa base, 23 foram selecionados para a pesquisa por se tratarem de estudos empíricos, visto que demonstravam de forma prática o desenvolvimento de uma inovação social por intermédio de uma cooperativa, e dessa forma, capaz de subsidiar a pesquisa de campo

1-CABRÉ, Eduard; ANDRÉS, Arnau. La Borda: a case study on the implementation of cooperative housing in Catalonia. **International Journal of Housing Policy**, v. 18, n. 3, p. 412-432, 2018.

2-FAIRBAIRN, Brett. Raiffeisen as Social Innovator. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 88, n. 3, p. 425-448, 2017.

3-VEZINA, Martine; MALO, Marie-Claire; BEN SELMA, Majdi. Mature Social Economy Enterprise and Social Innovation: The Case of the Desjardins Environmental Fund. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 88, n. 2, p. 257-278, 2017.

4-HITEVA, Ralitsa; SOVACOOOL, Benjamin. Harnessing social innovation for energy justice: A business model perspective. **Energy Policy**, v. 107, p. 631- 639, 2017.

5-OKANO, Marcelo Tsuguio. Interorganisational networks and social innovation: a study in milk production chain. **International Journal of Innovation and Sustainable Development**, v. 11, n. 4, p. 317-335, 2017.

6-BERNARDINO, Susana; FREITAS SANTOS, J. Local development through social and territorial innovation: An exploratory case study. **CIRIEC-España, revista de economía pública, social y cooperativa**, n. 90, 2017.

7-MAGNANI, Natalia; OSTI, Giorgio. Does civil society matter? Challenges and strategies of grassroots initiatives in Italy's energy transition. **Energy Research & Social Science**, v. 13, p. 148-157, 2016

8-VAN DER SCHOOR, Tineke *et al.* Challenging obduracy: How local

communities transform the energy system. **Energy Research & Social Science**, v. 13, p. 94-105, 2016.

9-RIVA-MOSSMAN, Susie *et al.* The Senior Living Lab: an example of nursing leadership. **Clinical interventions in aging**, v. 11, p. 255, 2016.

10-ANGELINI, Leonardo *et al.* Senior Living Lab: An Ecological Approach to Foster Social Innovation in an Ageing Society. **Future Internet**, v. 8, n. 4, p. 50, 2016.

11-KOLK, Ans; LENFANT, François. Cross-sector collaboration, institutional gaps, and fragility: the role of social innovation partnerships in a conflict-affected region. **Journal of Public Policy & Marketing**, v. 34, n. 2, p. 287-303, 2015.

12-DUFOUR, Sarah; LESSARD, Danielle; CHAMBERLAND, Claire. Facilitators and barriers to implementation of the AIDES initiative, a social innovation for participative assessment of children in need and for coordination of services. **Evaluation and program planning**, v. 47, p. 64-70, 2014.

13-HAN, Sang-II; CHUNG, Moo-Kwon; PARK, Mun-su. Local stakeholder involvement and social innovation in Korean co-operatives: the cases of Wonju and Ansong cities. **Community Development Journal**, v. 49, n. 2, p. 327-343, 2013.

14-TAN, Erwin J. *et al.* The evolution of an academic–community partnership in the design, implementation, and evaluation of experience corps® Baltimore city: A courtship model. **The Gerontologist**, v. 54, n. 2, p. 314-321, 2013.

15-ZHAO, Deyu; JIN, Minchao. Social innovations on land use in rural China: an asset-based analysis. **China Journal of Social Work**, v. 6, n. 2, p. 208-219, 2013

16-ALMEIDA, Mariza; DE MELLO, Jose Manoel Carvalho; ETZKOWITZ, Henry. Social innovation in a developing country: invention and diffusion of the Brazilian cooperative incubator. **International Journal of Technology and Globalisation**, v. 6, n. 3, p.

206-224, 2012.

17-MEDVEDEVA, Tatiana A. Developing an innovative style of thinking and innovative behavior. **Systemic Practice and Action Research**, v. 25, n. 3, p. 261- 272, 2012.

18-VIETA, Marcelo. The social innovations of autogestión in Argentina's worker- recuperated enterprises: Cooperatively reorganizing productive life in hard times. **Labor Studies Journal**, v. 35, n. 3, p. 295-321, 2010.

19-BOUCHARD, Marie J. De l'expérimentation à l'institutionnalisation positive: l'innovation sociale dans le logement communautaire au Québec. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 77, n. 2, p. 139-166, 2006.

20-LANGLOIS, Geneviève; GIRARD, Jean-Pierre. Coopératives de solidarité, développement et pérennité d'une innovation sociale. Une étude comparative de deux expériences québécoises. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 77, n. 2, p. 197-220, 2006.

21-KANTER, Rosabeth Moss. From spare change to real change. The social sector as beta site for business innovation. **Harvard business review**, v. 77, n. 3, p. 122-32, 210, 1999.

22-YEASMIN, Nafisa; KEMPPAINEN-KOIVISTO, Riitta. The Sociopolitical Determinants of Social Entrepreneurship Action: A Qualitative Analysis. **South Asian Journal of Business and Management Cases**, v. 6, n. 1, p. 47-60, 2017.

23-MICHAUD, Myriam; AUDEBRAND, Luc K. Inside out, outside in: "supporting members" in multi-stakeholder cooperatives. **Management Decision**, 2018.

2 CONSULTA À BASE DE DADOS *WEB OF SCIENCE* EM 30/03/2018.

De um total de 18 artigos encontrados nessa base, 11 eram repetidos, já estavam na base *Scopus* e 03 foram selecionados para a

pesquisa por se tratarem de estudos empíricos.

1-FARE, Yohann *et al.* Vers un nouveau modèle de partenariat multi-acteur dans l'entreprise sociale et solidaire du moringa au Togo (Afrique de l'Ouest). In: **I International Symposium on Moringa 1158**. 2015. p. 475-483.

2-QUANDT, Carlos *et al.* Social innovation practices in the regional tourism industry: Case study of a cooperative in Brazil. **Social Enterprise Journal**, v. 13, n. 1, p. 78-94, 2017.

3-DOS SANTOS, Alexandra Cristina Inácio; LESSA, Joana de Carvalho Folgado. Communication design and Municipal Markets recognition in the Mediterranean context. **Rosa dos Ventos**, v. 9, n. 3, p. 488-504, 2017.

.

## APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

### Objetivo Geral

Analisar como as iniciativas de ação social das Cooperativas Agropecuárias da região da AMESC podem fomentar a Inovação Social.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar na literatura características de análise de ações de inovação social;
- Descrever as iniciativas de ação social identificadas nas cooperativas através da pesquisa empírica;
- Identificar nas cooperativas estudadas características de análise de ações de inovação social;
- Confrontar as características da revisão da literatura com as características de inovação social identificadas nas ações sociais realizadas pelas cooperativas estudadas.

Schneider (2010, p. 41) afirma que:

Cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem voluntariamente para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida.

E, para Miranda (2009), tratar de inovação social em ambientes cooperativos é fazer valer o espírito do cooperativismo na sua essência, em ambientes menos favorecidos, afetados por fatores diversos.

Murray et al. (2010) definem inovação social:

Novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam novas relações ou colaborações sociais. Em outras palavras, são inovações que, ao mesmo tempo, são boas para a sociedade e aumentam a capacidade da sociedade de agir.

E apresentam “**O CICLO DE INOVAÇÃO SOCIAL**”, onde o processo de Inovação Social se desenvolve da seguinte maneira:

- a) Identifica-se uma necessidade da comunidade ou uma aspiração → **PROBLEMA**;
- b) Apresentam-se propostas para resolvê-lo → **SOLUÇÃO**;
- c) Planeja-se e testa-se um projeto → **PROTÓTIPO**. Para prototipar, precisamos de uma ideia bem definida conceitualmente, de forma que possamos concretizá-la de alguma forma.
- d) Se aplicado, realiza-se uma → **MANUTENÇÃO**, aprimorando ideias e identificando fluxos de renda que garantam a sustentabilidade financeira;
- e) A fase de crescimento → **ESCALA E DIFUSÃO** da inovação;
- f) Objetivo da inovação social → **MUDANÇA / TRANSFORMAÇÃO**.

Com base neste ciclo, e, mediante a resposta da pergunta geral, desenvolvem-se as questões que orientarão a entrevista:

Pergunta Geral: Quais ações de inovação social são realizadas pela cooperativa? Descrevê-las indicando o nome do projeto social, seu objetivo, se está no plano estratégico, desde quando foi implementado, quantos atende...etc.

**a. PROBLEMA:**

- 1) Como a cooperativa identifica uma necessidade, problema ou aspiração da comunidade?
- 2) Quais critérios são utilizados para escolher qual problema resolver?

**b. SOLUÇÃO:**

- 3) Após a identificação do problema, como é aprofundado seu entendimento?
- 4) Como é formada a equipe que trabalhará na solução destes problemas, ou seja, quem são os atores? De que modo se dá a interação entre esses colaboradores? (Encontros presenciais, redes sociais, e-mail, telefone, etc.). Lembrando que cada colaborador pode ter uma forma diferente de participação.
- 5) Qual o papel que cada um exerce?
- 6) Como se dá o processo criativo? (geração de ideias, ações...). A cooperativa usa como inspiração projetos anteriores realizados por outras instituições imprimindo características inovadoras e adaptando-o à realidade da sua comunidade?

**c. PROTÓTIPO**

- 7) Qual a essência/objetivo da ideia?
- 8) Como é possível apresentar essa essência às demais pessoas? Como é possível executá-lo (materiais para construir um modelo físico, locais, pessoas)?
- 9) É testada a ação? Qual o melhor momento para realizar o teste?

**d. MANUTENÇÃO**

- 10) Como a iniciativa é financiada e que estratégias são adotadas para garantir a sua sobrevivência no futuro?
- 11) Quais as principais dificuldades observadas no processo de inovação social de forma geral? Existem barreiras que impedem que o projeto seja trabalhado de forma colaborativa?
- 12) Que lições foram aprendidas na execução dos projetos?

**e. ESCALA E DIFUSÃO**

- 13) A iniciativa foi expandida ou multiplicada? É possível atender a uma demanda maior? Ser repetida em outros contextos?

**f. MUDANÇA / TRANSFORMAÇÃO**

- 14) Há análise de resultados das ações realizadas? Caso a resposta seja afirmativa, de que forma são feitas (métodos, ferramentas, percepções)?
- 15) Através da avaliação realizada, é possível responder em que medida cada iniciativa listada acima atingiu a transformação social desejada e resolveu o problema abordado?
- 16) Houve casos de projetos sociais estudados pela cooperativa e que não foram implementados? Caso a resposta seja afirmativa, quais os principais motivos dessa decisão?

## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O respeito à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa (RESOLUÇÃO CNS Nº 466/12).

Prezado(a) Sr(a)

Estamos desenvolvendo uma pesquisa que tem por objetivo analisar de que forma a Inovação Social é promovida pelas Cooperativas Agropecuárias da região da AMESC (COOPERJA e COOPERSULCA). A sua participação é fundamental para a conclusão dos estudos e finalização do projeto de mestrado da aluna Giovana de Souza Filéti, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (fone:48 -991080899, e-mail: giovanafileti@gmail.com). A aluna está sob a orientação da prof. Dra. Gertrudes Aparecida Dandolini (ggtude@gmail.com).

Seu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, e, caso desejar, terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, ou seja, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da sua participação. A entrevista será gravada, e os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato conosco.

Eu, \_\_\_\_\_  
 RG nº \_\_\_\_\_ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário(a), do projeto de pesquisa acima descrito.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DE DADOS DE PESQUISA

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DE DADOS DE PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_ presidente da cooperativa

\_\_\_\_\_, autorizo a divulgação dos dados da pesquisa coletados nesta organização, pela pesquisadora Giovana de Souza Filéti. Os mesmos serão utilizados para elaboração da dissertação: **“INICIATIVAS DE AÇÃO SOCIAL DE COOPERATIVAS À LUZ DA INOVAÇÃO SOCIAL”**.

Os entrevistados assinaram o termo de participação. Todos aceitaram que a entrevista fosse gravada e que os dados coletados fossem utilizados para fins desta pesquisa.

A pesquisadora não divulgou o nome dos entrevistados, e sim, suas funções, e garante que a divulgação dos dados não trará prejuízo à imagem da cooperativa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

\_\_\_\_\_

